



**PROFHISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

JAMES DAVIDSON BARBOZA DE LIMA

**“SANTO AMARO TU ÉS MEU PADROEIRO”**: MEMÓRIA E  
PATRIMÔNIO NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL EM JABOATÃO DOS  
GUARARAPES - PE

RECIFE, 2024

JAMES DAVIDSON BARBOZA DE LIMA

**“SANTO AMARO TU ÉS MEU PADROEIRO”:** MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NO  
ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL – JABOATÃO DOS GUARARAPES-PE.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino de História.

**Área de concentração:** Ensino de História

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Julião da Silva.

Recife, 2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Lima, James Davidson Barboza de.

Santo Amaro tu és meu padroeiro: memória e patrimônio no ensino de história local em Jaboatão dos Guararapes-PE / James Davidson Barboza de Lima. - Recife, 2024.

145f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino de História, 2024.

Orientação: Paulo Julião da Silva.

Inclui referências e apêndices.

1. Festas Religiosas; 2. Ensino de História; 3. Festa de Santo Amaro - Jaboatão dos Guararapes. I. Silva, Paulo Julião da. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central



**JAMES DAVIDSON BARBOZA DE LIMA**

**“SANTO AMARO TU ÉS MEU PADROEIRO”:** MEMÓRIA E  
PATRIMÔNIO NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL EM JABOATÃO DOS  
GUARARAPES – PE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Aprovado em 28/03/2024

**BANCA EXAMINADORA:**

-----APROVAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA-----

Prof. Dr. Paulo Julião da Silva

Orientador (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE)

-----APROVAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA-----

Prof Dr. André Mendes Salles

Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

-----APROVAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA-----

Prof Dr. Mário Ribeiro dos Santos

Membro Titular Externo (Departamento de História - UPE)

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus Todo-Poderoso que sempre esteve presente os momentos mais difíceis. À minha família em especial minha mãe Marilene Barboza, esposa Ana Paula e minhas preciosas filhas Esther Valentina e Yasmin Gabriele. Ao meu falecido sogro Francisco Joaquim da Silva (In Memoriam) que Deus o tenha. À minha falecida amiga Idalice Laurentino (In Memoriam) por todo apoio prestado no tempo que passei na Cultura de Jaboatão. Ao amigo Heraldo Pio, companheiro das andanças e pesquisas por Moreno e por Jaboatão. Aos membros do Instituto Histórico de Jaboatão, em especial a Adiuza Belo, Dona Zuleick Lopes, Virgínia Matos (In Memoriam), Joás Gomes e Eulina Maciel. Ao meu querido orientar sem o qual não seria possível este projeto Paulo Julião e toda equipe do Programa ProfHistória da UFPE. Aos meus antigos, presentes e futuros alunos da rede pública de ensino de Jaboatão dos Guararapes.

“Um homem sem raízes é um homem morto na sua integração ao mundo – alado, solto, imbuído da síndrome da orfandade cultural.”

Quintas, 2007, P. 77

## **RESUMO**

Este trabalho tem como tema as festividades religiosas do município do Jaboatão dos Guararapes, tendo como foco principal a Festa de Santo Amaro, padroeiro do município. O estudo explora as relações entre festividades religiosas, consideradas como Patrimônio Cultural, e o Ensino de História, reconhecendo a importância da temática para o Ensino de história local. A pesquisa foi realizada tendo como base um levantamento documental e bibliográfico sobre a Festa de Santo Amaro bem como por visitas in loco, registro fotográfico e entrevistas. O trabalho teve como base várias fontes teóricas sobre as festas religiosas, o Ensino de História e a história local de Jaboatão dos Guararapes, bem como realizando também uma discussão sobre a BNCC. Por fim, a pesquisa apresenta uma cartilha educativa como produto final do trabalho, a ser utilizada por professores e alunos de história para o Ensino Fundamental.

Palavras-chaves: Festas Religiosas, Ensino de História, Festa de Santo Amaro, Jaboatão dos Guararapes.

## **ABSTRACT**

This work has as its theme the religious festivities of the municipality of Jaboatão dos Guararapes, with the main focus being the Santo Amaro Festival, patron saint of the municipality. The study explores the relationships between religious festivities, considered Cultural Heritage, and the Teaching of History, recognizing the importance of the theme for the Teaching of local history. The research was carried out based on a documentary and bibliographic survey about the Santo Amaro Festival as well as on-site visits, photographic records and interviews. The work was based on several theoretical sources about religious festivals, History Teaching and the local history of Jaboatão dos Guararapes, as well as carrying out a discussion about the BNCC. Finally, the research presents an educational booklet as the final product of the work, to be used by history teachers and students for Elementary School.

Key-words: Religious Festivities, Teaching of History, Santo Amaro Festival, Jaboatão dos Guararapes.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do Livro Bavú - Jaboatão às avessas, publicado em 1961.....	34
Figura 2 - Capa do livro Jaboatão dos Meus Avós, 1º Edição de 1978. ....	36
Figura 3 - Capa do livro Jaboatão Histórias, Memórias e Imagens, publicado em 1996.....	37
Figura 4 - Imagem em procissão pela Festa de Santo Amaro de 2024. ....	48
Figura 5 - Capela do Engenho Manassu em Jaboatão.....	49
Figura 6 - Festa da Pitomba nos Montes Guararapes.....	51
Figura 7 - A bênção dos pescadores, na Praia de Piedade em 1928. ....	52
Figura 8 - Monumento da Medalha Milagrosa em Socorro, Jaboatão. ....	53
Figura 9 - Festa de N.s de Lourdes em Cavaleiro. ....	54
Figura 10 - Estátua de Iemanjá, orixá das águas, na Praia de Barra de Jangadas, Jaboatão. ....	54
Figura 11 - Festa de Oxum em Jaboatão Centro. ....	56
Figura 12 - Dia de Ação de Graças em Prazeres, Jaboatão. ....	57
Figura 13 - Praça da Bíblia, no Curado II, onde se homenageia a Bíblia entre os evangélicos.....	58
Figura 14 - Imagem de Santo Amaro levada em procissão. ....	59
Figura 15 - Fotografia antiga da Imagem de Santo Amaro de Jaboatão .....	61
Figura 16 - Altar-mor da Igreja Matriz de Santo Amaro com imagem do santo ao fundo.....	62
Figura 17 - Rua de Santo Amaro, mais conhecida como "Rua de Cima". ....	65
Figura 18 - Fachada da Igreja Matriz de Santo Amaro, Jaboatão.....	66
Figura 19 - Largo da Feira em 1953, atual Praça N.s do Rosário em Jaboatão. ....	69
Figura 20 - Jornal O Jaboatonense divulgando a Festa de Santo Amaro do ano de 1960.....	75
Figura 21 - Programação da Festa de Santo Amaro em 1970, em edição do Jaboatão Jornal.....	78

## LISTA DE SIGLAS

BIA	Bolsa de Incentivo Acadêmico
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CEHM	Centro de Estudos de História Municipal
CF	Constituição Federal
FUNCULTURA	Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura
FUNDARPE	Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
IHJ	Instituto Histórico de Jaboatão
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LLECE	Laboratório Latino-americano de Avaliação de Qualidade da Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PMJG	Prefeitura Municipal do Jaboatão dos Guararapes
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>18</b>
2.1	A BNCC, AS FESTIVIDADES E O ENSINO DE HISTÓRIA .....	19
2.2	AS FESTAS RELIGIOSAS E ENSINO DE HISTÓRIA.....	28
2.3	HISTÓRIA DE JABOATÃO E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL .....	33
<b>2.3.1</b>	<b>A Historiografia do Jaboaão dos Guararapes .....</b>	<b>36</b>
<b>2.3.2</b>	<b>História do município – um breve resumo .....</b>	<b>43</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>50</b>
3.1	FESTAS E CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS.....	51
3.2	SANTO AMARO – ORIGENS DA DEVOÇÃO .....	62
3.3	SANTO AMARO DE JABOATÃO – ORIGEM E DEVOÇÃO .....	65
3.4	A FESTA DE SANTO AMARO – AO LONGO DA HISTÓRIA.....	70
3.5	A FESTA NA 2 ° METADE DO SÉCULO XX .....	79
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>84</b>
4.1	A CARTILHA: PROPOSTA, PRINCÍPIOS E CONCEPÇÃO.....	84
4.2	METODOLOGIA E OBJETIVOS DA CARTILHA .....	88
4.3	DESCRIÇÃO DO PRODUTO E POSSIBILIDADES DE USO .....	91
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>93</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>
	<b>APÊNDICE A – PRODUTO PEDAGÓGICO CARTILHA FESTA DE SANTO AMARO – PATRIMÔNIO CULTURAL DE JABOATÃO DOS GUARARAPES.....</b>	<b>103</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Como cidadão e jaboatonense de nascimento, desde a minha infância sempre fiquei incomodado com a ausência de temas voltados para a história local dentro do ensino público, notadamente dentro do Ensino de História na Educação Básica. Nascido e criado em Jaboatão, mais precisamente em Jaboatão Centro, erroneamente e pejorativamente denominado por alguns de “Jaboatão Velho”, sofri desde cedo com o estigma e a discriminação de morar numa área pobre da Região Metropolitana do Recife, muitas vezes ignorada pelos poderes públicos e desprezada pelas elites locais. Morar em Jaboatão dos Guararapes não significava necessariamente ser pobre, pois no município há bairros e comunidades ricas, notadamente em Piedade, Candeias e Barrade Jangadas. Mas morar em Jaboatão Centro ou “Jaboatão Velho” sempre foi motivo de estigma e de preconceitos, pois significava viver numa área decadente do município e cuja importância havia diminuído ainda mais com a transferência da sede do município para Prazeres, no ano de 1989.

O despertar para um novo olhar para a valorização da história local não teria nascido em mim sem uma breve experiência vivida no estado do Rio de Janeiro. No ano de 1996, passei alguns meses morando naquele estado em virtude de perseguições sofridas por minha mãe, alvo de violência doméstica praticada por meu genitor. Na ocasião, estudando em escola pública estadual daquele estado, com a professora Terezinha da 3ª série, fiquei maravilhado com a valorização da história municipal no ensino local, onde aspectos importantes como origem, fatos, nomenclaturas e bens culturais da cidade eram trazidos e historicizados em sala de aula.

De volta para o estado de Pernambuco e para Jaboatão dos Guararapes, passei a questionar o porquê da mesma valorização da história local não era dada com a mesma intensidade. Nas salas de aula poucos eram os professores que exploravam o tema e, quando o faziam, não dispunham de materiais didáticos que lhe servissem como suporte. A história local sempre permanecia um mistério para mim como aluno da rede pública (estadual e municipal) e sempre dependia do interesse dos professores para ser abordada, pois não estava nem nos currículos nem nos livros didáticos utilizados. Somente no Ensino Médio foi que tive o contato com o livro *Jaboatão Histórias, Memórias e Imagens*<sup>1</sup>, do professor

---

<sup>1</sup> REZENDE, Antônio Paulo. *Jaboatão Histórias, memórias e imagens*. VI 1. Jaboatão dos Guararapes: Fundação Yapocatam, 1996.

Antônio Paulo Rezende, que foi a primeira obra a despertar em mim uma maior vontade de pesquisar a fundo a história do município.

Terminado o Ensino Médio no ano de 2004, fui agraciado com a notícia da aprovação no vestibular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) para o curso de Licenciatura em Geografia, na 1<sup>o</sup> colocação. A graduação foi realizada em condições difíceis, em virtude das precárias condições financeiras de nossa família. Muitas vezes ia pra universidade sem ter o que comer, o que desencadeou em mim crises de enxaquecas, problema de saúde que se iniciou em 2005. Sobrevivi graças aos programas de apoio estudantil da própria universidade, como a Bolsa Bia<sup>2</sup>, recebida em 2005 e pelo Programa Conexões de Saberes<sup>3</sup>, que participei a entre 2006 até concluir a graduação em 2008.

Como presente pela minha aprovação no vestibular em 2004, recebi uma bicicleta, doada por meu tio Francisco das Chagas. Apesar de fazer geografia, meu interesse pela história era maior, e passei a desvendar vários lugares em Jaboatão por conta própria, principalmente na zona rural, fotografando os engenhos e bens culturais diversos da cidade. Em 2007 surgiu a ideia de criar um blog – Jaboatão dos Guararapes Redescoberto<sup>4</sup> – a fim de postar as imagens e pesquisas através de texto, com linguagem jornalística e de fácil compreensão, para estudantes e pessoas em geral. A página logo passou a ter milhares de visualizações, grande popularidade dentro dos meios culturais e estudantis da cidade, fazendo entrar em contato com várias pessoas que tinha interesses afins.

Ainda no ano de 2007, graças ao livro de Adriano Marcena – Jaboatão 411 anos<sup>5</sup>, tomei conhecimento da existência do Instituto Histórico do Jaboatão (IHJ). A instituição fora fundada no ano de 1973, mas até aquele ano não possuía sede própria, funcionando em dependências improvisadas da prefeitura. Somente a partir da presidência da Sr<sup>a</sup> Adiuza Vieira Belo, historiadora e professora, o IHJ passou a funcionar no prédio da Antiga Cadeia Pública municipal, sendo aberto ao público com biblioteca, galeria de arte, museu, auditório e um rico acervo sobre a história de Jaboatão dos Guararapes. Fui convidado pela então presidente para ser voluntário da nova sede, realizando um intenso trabalho de pesquisa no acervo, mas também prestando um trabalho pedagógico com alunos de várias escolas e

---

<sup>2</sup> BIA – Bolsa de Iniciação Acadêmica

<sup>3</sup> Programa Conexões de Saberes: O Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares foi uma importante iniciativa no campo do Acesso e Permanência para estudantes de origem popular na universidade pública, realizado a nível federal e que teve início em 2004.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.jaboataoguararapesredescoberto.com/>

<sup>5</sup> MARCENA, Adriano. Jaboatão 411 anos. Edição do Autor: Jaboatão dos Guararapes, 2004.

visitantes que adentravam na instituição.

Graças ao empenho e dedicação ao trabalho voluntário no IHJ, fui convidado pela então Coordenadoria de Patrimônio da Secretaria de Cultura para trabalhar na gestão Elias Gomes, no ano de 2009. Tendo à frente a servidora Idalice Laurentino, tive a oportunidade de contribuir com o município na elaboração de vários projetos culturais tais como: Cursos de Educação Patrimonial com a Guarda Municipal; Curso de Educação Patrimonial com os soldados dos Montes Guararapes; Curso de Educação Patrimonial com a comunidade de Muribeca dos Guararapes; Visitas aos Bens Culturais com alunos e professores da rede municipal; mapeamento dos bens culturais de Jaboatão, etc. Foi elaborado também nesse período um projeto de lei para preservação e tombamento de bens culturais do município, que viria a ser aprovado com a denominação de Lei municipal nº399/2010<sup>6</sup>.

Foi no IHJ que nasceu o projeto de meu primeiro livro – Memórias Destruídas. A obra foi fruto da percepção da história de destruição do Patrimônio histórico da cidade, sendo lançada no ano de 2012 através do Edital do FUNCULTURA<sup>7</sup>. O livro seria o primeiro de outros trabalhos realizados. Em 2014, foi lançada a Cartilha Preservação da Nossa História, publicação de caráter didático voltado para os alunos do Ensino Fundamental do município, tendo minha participação como um dos três autores<sup>8</sup>. Em 2015, participei do Projeto Ruínas do Rosário dos Homens Pretos – Muribeca, que culminaria numa intensa pesquisa histórica sobre a localidade. O resultado dessas pesquisas foi publicado de forma preliminar no livro Rosário dos Pretos – Muribeca<sup>9</sup>, no ano de 2019.

No ano de 2010 tinha sido convocado para assumir o cargo de professor, mediante aprovação no concurso público no município do Moreno. Na ocasião fui encaminhado para trabalhar na zona rural, na Escola do Engenho Gameleira, lecionando por três anos as disciplinas de História e de Geografia. Posteriormente, fui transferido para a Escola Municipal Jornalista Edson Régis, no Distrito de Bonança, onde também lecionava tanto História como Geografia. No ano de 2013 fui convidado pelo então secretário de Educação, Alílton Gomes, para assumir o cargo de professor-formador das áreas de história e de geografia, função que venho desempenhando até hoje.

---

<sup>6</sup> Lei municipal 399/2010. Regulamenta a lei municipal nº 104/79 e institui a criação de áreas especiais de preservação cultural (aepc) e dá outras providências.

<sup>7</sup> FUNCULTURA; Fundo de Cultura do Estado de Pernambuco.

<sup>8</sup> LAURENTINO, I. M.; LIMA, J. D.; SILVA, S. R. Preservação da Nossa História. Jaboatão dos Guararapes: Edição dos Autores, 2016.

<sup>9</sup> LIMA, James Davidson. Rosários dos Pretos – Muribeca. Juiz de Fora: Editora Garcia, 2019.

Em 2014 fui novamente convocado para assumir o cargo de professor, desta vez pela Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes, mediante a aprovação em concurso público, realizado em 2019. Fui encaminhado para o Centro Educacional Nova Visão, onde trabalho até o presente momento. Pela prefeitura do Jaboatão cheguei ainda a realiza outras atividades como palestras, visitas guiadas e formações, tanto com alunos da rede municipal como com professores das áreas de história e de geografia do município.

No ano de 2017, fui convidado pelo Shopping Guararapes para realizar a Exposição “A Pátria Nasceu Aqui”, voltada para o público em geral, com textos e imagens sobre a história da Cidade do Jaboatão dos Guararapes. Novamente, em 2022, fui convidado novamente para realizar a exposição “Lendas do Jaboatão”, resgatando história sobre o folclore e o imaginário local. Em 2019 realizei a exposição “Terra Morenense”, no antigo Casarão do Engenho Catende, com fotografias novas e antigas sobre a História da Cidade do Moreno. O evento recebeu centenas de alunos da escola do município. Em 2019 lancei o livro “Moreno de Engenho à Cidade<sup>10</sup>”, um pequeno resumo histórico do município do Moreno, desde suas origens até os dias atuais.

No ano de 2022, ao adentrar no Mestrado Profissional em Ensino de História, pela UFPE, não poderia deixar de trabalhar algum tema voltado para a história local de Jaboatão. Considerando a importância das festividades religiosas como elemento integrante do Patrimônio Cultural, como memória viva da sociedade e como bens culturais pertencentes à identidade de um ou vários grupos sociais, foi escolhida como tema para a esta dissertação a Festa de Santo Amaro, secular festividade religiosa de Jaboatão. Esta festividade constitui uma das tradições mais antigas da cidade de Jaboatão, possuindo uma forte representatividade não apenas para a comunidade católica, mas para todo o município de Jaboatão dos Guararapes e para o estado de Pernambuco.

As celebrações e manifestações religiosas possuem grande valor para a formação da identidade local e regional. Com o território grande dentro da RMR, o município do Jaboatão, constituído de 7 regionais que possuem características geográficas e sociais diversificadas. A relação entre religiosidade e a abordagem histórica é uma discussão bastante antiga, gerando vários tipos de debates e reflexões entre especialistas de diversas áreas, que nem sempre chegam a um consenso sobre o assunto. Todavia, a importância das celebrações e manifestações religiosas como elemento integrante das identidades locais e como

---

<sup>10</sup> LIMA, James Davidson. Moreno de Engenho a Cidade. Juiz de Fora: Editora Garcia, 2019.

componente integrante do Patrimônio Imaterial é algo bastante reconhecido, sendo algumas delas protegidas e reconhecidas pela legislação nacional e estadual. No caso da Festa de Santo Amaro, realizada no início de janeiro, tendo culminância no dia 15 do mesmo, não existe ainda nenhum tipo de legislação que tenha registrado a festividade como Patrimônio Imaterial, embora tenha sua importância reconhecida ao ser inserida no calendário oficial do município como feriado municipal.

Portanto, o trabalho tem como objetivo identificar a Festa de Santo Amaro como bem cultural do município do Jaboatão, sua história, seus personagens e manifestações, refletindo sobre as redes de sociabilidades criadas pelo evento, as relações de poder que se fazem presentes e sua influência sobre a economia local. Busca também entender a importância da Festa de Santo Amaro dentro do contexto da história de Jaboatão dos Guararapes, como manifestação cultural e religiosa, e sua relação com a história local. O trabalho buscou também entender a relação entre Ensino de História e as festividades religiosas, analisando o papel dessas últimas como manifestação cultural do povo brasileira. Por fim, produziu-se uma cartilha educativa voltada para o público escolar tendo como tema a Festa do Padroeiro dentro da história local de Jaboatão.

Para a realização deste trabalho, foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica, buscando relacionar e analisar várias fontes históricas a respeito da Festa de Santo Amaro, e suas mudanças ao longo do tempo, suas diversas representações ao longo dos séculos e das décadas e sua relação com a história local de Jaboatão dos Guararapes. Em seguida, foi realizado levantamento documental a respeito da Festa de Santo Amaro em várias fontes históricas – livros, acervos, arquivos, jornais antigos<sup>11</sup>, etc a fim de coletar as principais informações históricas a respeito dessa festividade, seu contexto histórico e suas origens, tendo em vista a necessidade de compreensão e de síntese daquilo que já foi produzido e registrado. Os principais jornais consultados, com seus respectivos períodos consultados, para a pesquisa foram o Jaboatão Jornal (1952-1989), o Diário de Pernambuco (1840-1930) e A Província (1890-1930), contribuindo para a compreensão do cotidiano da festa e da rotina da cidade nesses períodos.

Em seguida, foram realizadas pesquisas de campo. As pesquisas de campo são nesse

---

<sup>11</sup> O principal acervo consultado foi o arquivo do Instituto Histórico do Jaboatão – IHJ, composto por jornais, documentos e livros voltados principalmente para a história municipal local. Outro acervo importante consultado foi a Hemeroteca Nacional Digital, disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/>.

sentido fundamentais para a realização não apenas da localização exata dos lugares mencionados como também seu registro fotográfico e documental. Compreender o lugar das pessoas envolvidas e participantes da festividade, seu significado e sentimento de pertencimento dos vários atores e grupos envolvidos foi outro objetivo alcançado com as visitas, não apenas como mais uma forma e instrumento de pesquisa e de coleta de dados, mas também como uma construção coletiva para o reconhecimento e valorização do Patrimônio Local, pela própria comunidade. Dessa forma, ao identificar e registrar os variados bens, materiais e imateriais que compõem a Festa de Santo Amaro, acredita-se está contribuindo para resgatar a autoestima social da comunidade de Jaboatão Centro, historicamente tão marginalizada e discriminada, apesar de sua importância histórica dentro de Jaboatão e da Região Metropolitana do Recife.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro foram discutidas questões teóricas referentes ao Ensino de História na BNCC, a relação entre Ensino de História e as festas religiosas e a relação entre a história de Jaboatão e o ensino de história local. É realizado nesta seção uma análise crítica da BNCC, naquilo que se concerne ao Ensino de História e da presença das religiões no Ensino de História, bem como toda uma discussão sobre a importância das festividades religiosas para a história local, para as populações que dela participam e para a História como componente curricular. Por fim, é discutida a relação entre a História local, a historiografia local de Jaboatão dos Guararapes e o Ensino de História de Jaboatão.

No segundo capítulo foi abordado a sobre as diversas festividades religiosas do município do Jaboatão dos Guararapes, sobre a diversidade e pluralidade das religiões no município e sobre a importância dessas festividades para a cultura local. Foi apresentado também a história da devoção à Santo Amaro e sua origem, sua chegada ao Brasil e à Pernambuco e sua relação com Jaboatão. Por fim, no segundo capítulo, foi feita uma síntese da história da Festa de Santo Amaro em Jaboatão, desde os primeiros registros encontrados até a segunda metade do século XX.

Por fim, no terceiro capítulo, foi apresentado um produto didático na forma de cartilha educativa voltada para a história da Festa de Santo Amaro como Patrimônio Cultural a ser utilizada em sala de aula. A cartilha denominada da “Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural de Jaboatão”, sua estrutura, metodologia empregada, conceitos e princípios aplicados, organização e finalidades são discutidas nos três subcapítulos finais, com o objetivo de construir um produto didático que possa ser utilizado por professores e alunos

nas salas de aula de Jaboatão dos Guararapes.

## 2. CAPÍTULO 1

Neste capítulo inicialmente é feita uma análise e discussão a respeito da BNCC, de como o componente curricular de História, pertencente a área das Ciências Humanas, foi apresentado neste documento. Fazendo uma síntese de como a BNCC está estruturada, discute-se como as competências, habilidades, conceitos e procedimentos para o Ensino de História são apresentados no documento, bem como analisando a reflexão teórica que ela traz sobre o lugar do conhecimento histórico em sala de aula, do papel do historiador para a sociedade e das relações entre o passado e o presente. Observando alguns processos e conceitos trazidos pela BNCC, apresenta também algumas críticas em relação ao documento, sua forma de elaboração e lacunas deixadas em sua organização, não dando importância às festividades religiosas como componente importante para o Ensino de História.

Em seguida, na segunda parte deste capítulo, é feita uma discussão a respeito das relações entre as festividades religiosas e o Ensino de História, destacando a importância dessa temática para a disciplina. Apresenta-se alguns conceitos e visões defendidas por alguns autores relacionados ao tema das festividades religiosas, como também destacando sua importância para o convívio, identidades culturais e memória das populações e grupos sociais que delas participam. Destaca-se o papel dessas festividades dentro da história do Brasil e de seu lugar como conteúdo curricular importante para a compreensão da formação da sociedade brasileira e das identidades regionais e locais.

Este capítulo traz ainda uma discussão entre as relações entre História Local e Ensino de História. Destaca a importância do ensino de História Local em sala de aula, ressaltando a necessidade de trazer para a realidade local, mais próxima do aluno, os assuntos abordados pelo professor, fazendo do seu entorno um recurso didático para a aprendizagem em história. Ressalta ainda que o Ensino de História Local não precisa ficar limitado ao recorte político, mas deve também valorizar o protagonismo dos diversos setores e grupos sociais que compõem a sociedade local.

No final deste capítulo, é feita uma síntese da produção historiográfica a respeito da História Local de Jabotão dos Guararapes, tendo sido feito um levantamento das principais obras da historiografia local e de seus autores, bem como de alguns trabalhos acadêmicos voltados para a história do município. Para concluir o capítulo, foi apresentado um resumo da história do município, desde a época da presença indígena no território até os dias atuais.

## 2.1– BNCC, AS FESTIVIDADES E O ENSINO DE HISTÓRIA

A BNCC – Base Nacional Curricular Comum – constitui um documento que normatiza todas as redes de ensino e instituições públicas e privadas do país. Sendo referência obrigatória para todos os currículos escolares e propostas pedagógicas da Educação Básica no Brasil, a BNCC estabelece os conhecimentos, as competências e as habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo de seus anos de estudo no Ensino Infantil, Fundamental e Médio. A BNCC não constitui um currículo, entretanto, constitui um documento oficial que estabelece as aprendizagens e conteúdos essenciais que os currículos das redes de ensino, públicas ou privadas, devem atender.

A BNCC estava prevista desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei nº 9394/1996):

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

(Brasil, 1996)

Todavia, apesar de prevista desde 1996, a BNCC somente veio a ser sancionada em 20 de dezembro de 2017, por meio da portaria nº 1570 do Ministério da Educação - MEC. A BNCC propõe-se a atender as 10 competências gerais que devem ser transformadas em tratamento didático para as 3 etapas da Educação Básica (Ensino Infantil, Fundamental e Médio). O foco em competências é justificado, de acordo com o próprio documento, por ser este o enfoque adotado pela maioria dos estados e municípios brasileiros, como também utilizado por vários países na construção de seus currículos. Outra justificativa apresentada pelo documento é que as competências são também o parâmetro utilizado nas avaliações internacionais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que coordena o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês), e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, na sigla em inglês), que instituiu o Laboratório Latino- americano de Avaliação da Qualidade

da Educação para a América Latina (LLECE, na sigla em espanhol) (Brasil, 2018)

A Estrutura da BNCC está dividida em três Etapas da Educação Básica – Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Por sua vez, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio estão divididos em áreas de conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso) que fazem a conexão entre os componentes curriculares e os diversos conhecimentos. A área de Ciências Humanas está dividida em dois componentes curriculares: História e Geografia. Por sua vez, cada componente curricular está dividido em competências específicas, organizadas em objetos de conhecimento distribuídos por unidades temáticas.

No caso do componente curricular de História, integrante da área de Ciências Humanas, a BNCC estabelece várias habilidades a serem desenvolvidas tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Antes, contudo, de elencar essas habilidades, a BNCC traz também uma reflexão teórica a respeito do Ensino de História que apresentam alguns conceitos, princípios e procedimentos a serem considerados no exercício do ensino desta disciplina.

Para a BNCC, todo o conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos. O historiador é aquele profissional que busca compreender o significado de diferentes objetos, lugares, valores, símbolos, eventos dentro do contexto histórico e das circunstâncias que o produziram. Assim, a BNCC considera o historiador como um porta-voz que permite a inteligibilidade entre o passado e o presente, buscando compreender não apenas os marcos da memória, mas também as diversas formas de narrativa que os produziram. Essa relação entre passado e presente, entretanto, somente é possível através de referências teóricas que propiciem a leitura de objetos, documentos, artefatos, fontes e fatos históricos, sendo a disciplina de História um saber necessário aos jovens e estudantes do Ensino Fundamental por responder questões do tempo presente em diálogo com o tempo passado. (Brasil, 2018, p. 395)

Para a BNCC, o exercício de fazer história é um exercício de indagar, de buscar no passado respostas para questões do presente. Todavia, para que haja uma produção de sentidos e de significados, é necessário o reconhecimento do “outro”: outros povos, outras civilizações, outras culturas, rompendo com o paradigma eurocêntrico e a visão etnocêntrica que privilegia determinados grupos e sociedades em detrimento dos demais. Esse conhecimento do “outro” permite uma melhor compreensão das diferenças e semelhanças, favorecendo a comunicação e o diálogo, e o fortalecimento do respeito à pluralidade cultural,

social, territorial, regional, religiosa, etc, princípio fundamental para a superação de tensões e de conflitos. Assim, o Ensino de História tem uma importância fundamental na Educação Básica propiciando uma consciência da diversidade e da pluralidade cultural, racial, religiosa, social e de outros tipos que existem e que existiram nas diversas sociedades do passado e do presente. (Brasil, 2018, p. 396)

Outra ideia presente na discussão teórica da BNCC é a importância da utilização de diferentes fontes na aprendizagem de História. Documentos escritos, objetos, artefatos, ícones, símbolos, imagens, vídeos, construções, entre outros, podem ser utilizados como capazes de facilitar a compreensão das sociedades que os geraram. Este ponto faz referência indireta, portanto, aos princípios da Educação Patrimonial que, embora não seja citada na discussão teórica da BNCC, se faz presente ao apresentar objetos como mediadores do processo de ensino-aprendizagem em História. Os objetos materiais, lugares, documentos e mesmo objetos imateriais tais como festas, costumes, celebrações, tradições, saberes, etc, carregam em si mesmos as marcas dos indivíduos e dos grupos que os produziram bem como dos eventos, contextos sociais e experiências humanas que os geraram.

Para a discussão teórica sobre o Ensino de História da BNCC, a produção do conhecimento histórico em âmbito escolar permite aos alunos uma maior apropriação das coisas do mundo e de seus significados. Assim, docentes e discentes se tornam agentes do processo de ensino-aprendizagem, assumindo atitudes diante dos conteúdos propostos, não apenas sendo agentes passivos dos mesmos. Para isso, a BNCC enumera 5 processos fundamentais na aprendizagem da disciplina: Identificação, Comparação, Contextualização, Interpretação e Análise. (Brasil, 2018, p. 396-397)

O processo de **Identificação** se refere ao procedimento de descrever para poder conhecer objetos. Para isso algumas perguntas são fundamentais: O que é? Como é? Como foi produzido? Quem utiliza ou utilizou? Que materiais o compõem? Mais uma vez, a BNCC faz referências a técnicas e procedimentos utilizados na Educação Patrimonial (Grunberg, 2007), embora em nenhum momento venha a fazer citação direta à mesma.

O processo de **Comparação** consiste em identificar semelhanças e diferenças entre sociedades, culturas e épocas distintas. O objetivo deste processo é compreender que existem diferentes dinâmicas entre as diversas sociedades, ajudando assim a combater preconceitos, estereótipos e generalizações, muitas vezes frequentes no senso comum da população.

O processo de **Contextualização** consiste em situar fatos, eventos, pessoas e elementos

culturais em sua devida época, cultura e contexto histórico. Esse processo é considerado um dos mais importantes, sendo imprescindível no Ensino de História, principalmente para evitar a ocorrência de anacronismos e atribuição de fenômenos e designificados não condizentes com o período, com a cultura ou com o grupo social estudado. Distinguir os diferentes contextos e saber corretamente no tempo e no espaço é fundamental para compreender que a percepção de povos e sociedades do passado não são tributários das ideias e valores do presente.

Já o processo da **Interpretação** consiste na compreensão da estrutura do objeto e na sua relação com modelos e formas semelhantes e diferentes, permitindo tornar mais clara a relação entre sujeito/objeto que o produziram. A Interpretação é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico, permitindo a compreensão do significado histórico de eventos, cronologias, marcos, personalidades e dos diversos modos de organização das sociedades que o produziram e que os modificaram ao longo da História.

Por fim, o processo de **Análise** que se traduz em problematizar a própria escrita da história a fim de não aderir a uma posição passiva diante das diversas narrativas existentes. Consiste em refletir sobre o esforço de organização das ideias que produziram os documentos históricos, suas ideologias e interesses não confessos, explícitos e implícitos. Assim, a análise consiste numa compreensão conjuntural dos eventos históricos, indo além de uma mera idealização romântica do passado.

A BNCC, em sua discussão teórica sobre o Ensino de História, ainda ressalta que todas essas considerações e processos devem levar em conta a realidade social da comunidade escolar, suas referências culturais e sociais, valorizando as múltiplas configurações identitárias, em especial as de origem africanas e indígenas. Como um dos principais objetivos do Ensino de História para o documento é estimular a autonomia de pensamento nos alunos, para enfim compreenderem que os indivíduos agem de acordo com o lugar, com a época e com a cultura em que vivem, a BNCC entende que esta compreensão da diversidade de sujeitos históricos estimula o pensamento crítico e a cidadania. Esta autonomia, todavia, não ocorre sem o reconhecimento das bases da epistemologia da História: o tempo histórico em suas diferentes durações; a natureza compartilhada do sujeito e do objeto de conhecimento; a concepção do documento como suporte das relações sociais; as diferentes linguagens pelas quais o ser humano se apropria do mundo, etc. (Brasil, 2018, p. 398)

Assim, o referencial teórico de História da BNCC reconhece e espera que o conhecimento histórico seja tratado como uma forma de pensar entre várias; uma forma de indagar sobre o passado e o presente; construir explicações desvendando significados para compor e descompor interpretações; enfim transformar a história numa ferramenta a serviço de um maior discernimento sobre as experiências humanas, em diferentes espaços, sociedades, épocas e culturas.

Apesar dessas importantes discussões teóricas e de vários conceitos apresentados para o Ensino de História, é importante destacar que a BNCC se apresenta sujeita à várias críticas, tanto no que se refere à sua concepção ideológica como na forma e na distribuição dos conteúdos selecionados. Embora em sua discussão teórica a BNCC contemple muitos dos princípios e conceitos mais atualizados e em conformidade com uma educação mais inclusiva, na prática na sua organização curricular não se revela tão progressista assim. Isto se explica pelo contexto social e político da elaboração desse documento que acabou por camuflar, sob uma linguagem retórica multiculturalista, uma concepção de ensino tradicional que não rompe com as estruturas pedagógicas utilizadas até então. (Santos, 2021, p 42) Para isso, é importante discutir um pouco sobre como o Ensino de História tem sido visto nas últimas décadas no país, passando por algumas transformações que refletem também as mudanças sofridas no próprio no Brasil, tanto em face da política, como também da economia e da cultura.

No caso da educação, o Brasil procurou, desde o período do Império passando pela República Velha e pela Era Vargas, estabelecer uma política voltada para o nacionalismo, civismo e patriotismo, buscando valorizar os temas nacionais que valorizassem a ideia de grandeza nacional. A história dentro dessa concepção pedagógica teria o papel de reforçar esse caráter ufanista da educação, valorizando a “história dos grandes feitos”, dos “grandes heróis” nacionais e dos “salvadores da pátria”, destacando sempre o papel dos grandes líderes e ressaltando as datas cívicas mais importantes, como o 7 de setembro, o dia da Proclamação da República ou o dia de Tiradentes.

Com o advento do Golpe de 1964, o currículo escolar permaneceu homogeneizante, buscando uma formação padronizada que era voltada para uma “consciência nacional”, sem se preocupar com especificidades locais, regionais ou mesmo identitárias, muito menos de minorias tradicionalmente excluídas da sociedade, tais como os povos indígenas ou os quilombolas. Dessa forma, o Ensino de História buscava evitar discutir e problematizar os

conflitos e tensões da história nacional, bem como as grandes contradições e desigualdades da sociedade brasileira, a fim de construir um sujeito que agisse em conformidade com a ideia de cidadão nacional, passivo e pacato, avesso à questionamentos e reivindicações, de acordo com o idealizado pelo regime militar. (Nascimento, 2016)

Com o fim do Regime Militar e com a redemocratização do país, o Brasil passou a adotar uma nova carta magna: a Constituição de 1988 - CF. Através dela, o país passaria por uma mudança tanto institucional como também político-ideológica, passando a adotar princípios e valores que tinham na democracia e na participação popular alguns de seus alicerces mais importantes. (Bittencourt, 2005, p. 102-103) Na educação, a Nova Constituição previa o caráter universalizante da educação pública, entendendo a educação como um direito de todos e um dever do Estado, da família e da sociedade civil, devendo ser assegurada a permanência na escola para todos. A Constituição também estabeleceu o caráter democrático, inclusivo e participativo da educação escolar, devendo sua oferta ser estendida a todos em idade escolar e oportunizada àqueles que não tiveram acesso à educação na idade certa. Por fim, a Constituição também assegurou a liberdade de aprender e de ensinar, estabelecendo o princípio da pluralidade de concepções pedagógicas e o pluralismo de ideias, a liberdade de cátedra e de pensamento tanto para alunos como para professores, em contraposição ao autoritarismo do período anterior. (Brasil, 1988)

Além da Constituição de 1988, outro importante marco para a Educação Nacional e o ensino de História foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)– Lei 9.394/1996. A LDB estabeleceu as bases e diretrizes de toda a Educação Nacional, tanto públicas como privadas, desde a Creche e Educação Infantil, até o Ensino Superior e Pós-graduação, passando pelos Ensino Fundamental e Médio. Seguindo os mesmos valores da Constituição de 1988, a LDB estabeleceu vários princípios para a Educação nacional, sendo os principais a liberdade de aprender e de ensinar, a prioridade ao acesso e à permanência na escola, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, o respeito à liberdade e apreço à tolerância, a gratuidade do ensino público, a gestão democrática da educação, a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais, a diversidade étnico-raciais, o respeito à diversidade humana, linguística e cultural das pessoas surdas, entre outros. A LDB estabeleceu ainda a organização da Educação Nacional entre os entes da administração pública (União, estados, distrito federal e municípios), os níveis da educação básica, os princípios e parâmetros para a Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Bilíngue para surdos e pessoas com deficiência auditiva, e para

a Educação Superior e o Ensino Técnico. Por fim a LDB definiu alguns direitos e deveres para os profissionais da Educação, bem como discorreu sobre as fontes de recursos para a Educação Pública. (Brasil, 1996)

Outros avanços na Educação Pública ocorreram após a elaboração da LDB. Os principais foram a Lei 10.639/2003 que alterou a LDB para estabelecer a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas, rompendo com séculos de omissão e silenciamento sobre o tema na educação escolar. A Lei 11.645/2008 que, além de incluir a História e Cultura Afro-brasileiras nos currículos da educação escolar, também inseriu a História e Cultura Indígena. A Lei 11.738/2008 que estabeleceu o Piso Salarial dos Professores, assegurando por lei um valor salarial mínimo a ser pago para os que exercem o magistério a nível nacional. O Plano Nacional de Educação - PNE, Lei 13.005/2014, que instituiu 10 metas a serem alcançadas na Educação Brasileira no decênio 2014-2024.

A BNCC, todavia, tem sido alvo de muitas críticas por variados especialistas, em virtude principalmente do seu processo de elaboração. O Brasil vivia um processo conturbado na política nacional desde a rejeição do resultado das eleições de 2014, por parte de alguns setores da sociedade, que reelegeu a presidente Dilma Rousseff. Como resultado dessa crise política, foi aberto no Congresso Nacional um processo de Impeachment, que resultou na perda do mandato da presidenta eleita, considerado como um “golpe” pelos setores de esquerda da sociedade. O vice-presidente Michel Temer assume o restante do mandato, trazendo como novo Ministro da Educação o deputado Mendonça Filho, um dos idealizadores da BNCC.

Ao contrário do Plano Nacional de Educação e de outras legislações citadas, frutos de articulação com vários segmentos da sociedade ligados à educação, e com respaldada participação popular, a BNCC foi elaborada e desenvolvida sem consultas públicas. Tomando como exemplo o Plano Nacional de Educação, que foi desenvolvido passando por várias etapas de discussão entre os vários setores ligados à educação (professores, universidades, especialistas, sindicatos, estudantes, profissionais da educação, conselhos de educação, sociedade civil, etc) através de conferências realizadas em todo o país (municípios, estados e depois a própria Conferência Nacional de Educação), a BNCC não foi discutida em nenhuma dessas etapas. Assim, uma importante legislação norteadora de todas as grades curriculares, em um país marcado por fortes desigualdades e contradições sociais, foi elaborada por especialistas ligados a grupos empresariais da educação, sem, todavia, ser discutida diretamente com as bases diretamente interessadas, evitando a participação social

e popular em sua construção. (Vitorelli, 2022)

Outra crítica muito realizada em torno da BNCC diz respeito ao seu caráter tecnicista e neotecnicista da educação. Sob a influência de uma visão meritocrática da educação, não voltada para o desenvolvimento pleno da pessoa humana, mas limitada pelas necessidades de atender ao mercado de trabalho e suas exigências, a BNCC apresenta uma perspectiva neotecnicista para o Ensino de História. Como afirma Santos (2023):

O tecnicismo tem marcado as políticas curriculares desde a segunda metade do século passado e, pautando-se pelo pressuposto da neutralidade científica e inspirado nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-la objetiva e operacional. Assim, na pedagogia tecnicista ... é o processo que define o que os professores e alunos devem fazer, e assim também quando e como o farão.

(Santos, 2023)

Assim, para o Ensino de História, a narrativa presente na BNCC se caracteriza por ambivalências e contradições, principalmente entre os pressupostos teóricos e conceituais apresentados e as competências e habilidades propostas. Por um lado, se defende a apropriação de referenciais teóricos e conceituais para uma atitude historiadora ativa, ou seja, que inclua não apenas habilidades práticas, mas também conhecimentos, atitudes e valores que os estudantes devem alcançar para um desenvolvimento pleno da cidadania. Para isso, deveria, portanto, haver um equilíbrio entre os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Por outro lado, a maioria das habilidades propostas na BNCC para o Ensino de História são apenas conceituais, ficando as habilidades procedimentais e atitudinais em menor número. Como afirmam Carie, Lima e Giavara (2023):

No entanto o que se percebe no documento é um desequilíbrio entre os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Na maioria das vezes, os conteúdos apresentados por meio de objetos de conhecimento e das habilidades, que seriam o desdobramento das competências, constituem-se, predominantemente, em fatos e conceitos, raramente mobilizados numa perspectiva de resolução de problemas, ou seja, distante das perspectivas procedimental e atitudinal.

(Carie, Lima, Giavara, 2023, p.90)

A BNCC apresenta, como foi visto no início, os processos de Identificação, Comparação, Contextualização, Interpretação e análise como fundamentais para o Ensino-aprendizagem em História. Todavia, não necessariamente esses processos se materializam nas competências e habilidades. Assim como ocorre com os conteúdos conceituais, a maioria das habilidades se referem ao processo de Identificação (verbos descrever, identificar e conhecer são os mais presentes no documento), enquanto os verbos relacionados aos processos de Comparação, Análise, Contextualização e Interpretação aparecem com menor frequência. Dessa maneira, de acordo com as habilidades previstas na BNCC, os estudantes passariam a maior parte do tempo identificando, conhecendo, descrevendo, enquanto habilidades como relacionar, comparar, refletir e analisar, que são também fundamentais, acabam não sendo valorizadas. (Dias; Pinto; Seal, 2023)

Outras críticas realizadas em torno da elaboração da BNCC dizem respeito à quase total ausência de pautas identitárias, questões de gênero, sexualidade, e de relações étnico-raciais, exceto quando previstas por força da lei. Alguns temas de História da África, de Cultura Afro-brasileira e indígenas são contemplados, de formas suscinta, em algumas competências, para atender as exigências das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Entretanto, essas temáticas poderiam ser melhores exploradas e trabalhadas, em habilidades que previssem não apenas a identificação desses temas, mas também sua análise, discussão e reflexão crítica por estudantes e professores. (Dias; Pinto; Seal, op. Cit.)

Por fim, pode-se também citar a quase total omissão de habilidades que abordem o tema das celebrações religiosas, da diversidade religiosa no Brasil, das festividades tradicionais, etc. Apesar da importância das celebrações religiosas como integrantes do vasto Patrimônio Cultural do Brasil, a BNCC praticamente não faz referência a esse tema dentro das competências e habilidades para o Ensino de História, fazendo referência apenas na área de Ensino Religioso. Esta ausência, bem como a ausência de vários outros temas relacionados à diversidade cultural do Patrimônio Nacional é outra crítica a que está sujeita a BNCC, que muito pouco discute ou inclui habilidades relacionadas à Educação Patrimonial, apesar dos conceitos que aborda indiretamente relacionados à essa metodologia.

## 2.2- AS FESTAS RELIGIOSAS E ENSINO DE HISTÓRIA

As Festas Religiosas são um fenômeno cultural que constituem um fértil campo de pesquisas, de análises e de discussões, não apenas para a área de Ciências da Religião, mas também para outras áreas do conhecimento, notadamente para a área de História. Como manifestações da Cultura Religiosa, as Festividades estão presentes em vários momentos da história da humanidade, desde os tempos mais remotos, constituindo uma construção simbólica de vários grupos e povos em diversos lugares e épocas. Em várias sociedades, as comemorações religiosas estão intimamente ligadas à várias situações e aspectos da vida comunitária, muitas delas preservando rituais e costumes que integram a identidade coletiva daquela comunidade. (Almeida; D'Abadia, 2005)

O conceito de Festa Religiosas possui várias percepções de acordo com vários autores. Para Coulanges (1976) as festas religiosas eram vivenciadas desde os tempos antigos como um acontecimento espiritual em honra e homenagem aos deuses. Para isso, além de outras formas de sacrifícios, o homem também separava parte de seu tempo cotidiano para reservá-lo ao sagrado, reservando suas ações e pensamentos para as divindades. Assim, em todos os tempos e sociedades, os homens paravam suas atividades laborais para prestar homenagens aos deuses, deixando o sentimento religioso reinar em sua alma. (Coulanges, 1976, P.127) Assim, vários povos da Antiguidade realizavam anualmente seus festivais anuais em honra aos deuses, sendo algumas dessas festividades mais conhecidas como as Olimpíadas, as Saturnais, as bacanais, entre outras.

Para Durkheim, as festas religiosas possuem o papel de romper com o tempo do cotidiano habitual, criando um momento de pausa e de restabelecer a energia da existência, criando um momento de alívio para os labores da rotina. As Festas criam assim um momento singular onde a distância entre os indivíduos é superada, fazendo com que desconhecidos brinquem, cultuem ou se solidarizem juntos, criando também um estado de efervescência e de união coletiva em torno de um único sentimento comum. Ainda para Durkheim, as festas também criam um momento de “transgressão” das normas coletivas, muitas vezes permitindo excessos que não seriam aceitos em outros momentos do ano. Como descreve em sua obra *As formas elementares da vida religiosa*:

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônias religiosas, pois em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. [...] pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital, etc. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. [...] Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco.

(Durkheim, 1996, p.417)

Assim, Durkheim enfatiza o tempo festivo como um tempo especial, uma ocasião em que as atividades ordinárias são substituídas por evento de comemoração, de celebração, ou, como no caso das festividades religiosas, de homenagem aos deuses. Para Durkheim, não dá para separar as festas religiosas de sua dimensão simbólica e ritualística. As festas e celebrações religiosas não são, portanto, apenas um momento de honra e comemoração ao divino, mas também um momento de aproximação de pessoas de diferentes condições sociais, suscitando nelas um mesmo estado de espírito e de comoção. As celebrações têm o poder também de provocar um rompimento com as atividades do mundo material, permitindo assim uma maior liberdade para atividades lúdicas e recreativas que não seriam permitidas em outros contextos.

Outro autor a trazer o tempo das festas como um tempo separado do tempo do cotidiano é Mircea Eliade (2018). Para este autor romeno, o tempo para o homem religioso não é homogêneo, podendo ser dividido em Tempo Sagrado e Tempo profano. Essas duas modalidades temporais não são necessariamente opostas nem desconectadas, mas separadas por rituais de passagem que permitem atravessar sem perigo de um tempo para o outro. O tempo sagrado, na visão de Mircea Eliade, é justamente o tempo em que se realizam as festas religiosas. Este tempo sagrado tem por características ser um tempo de natureza reversível, provido de maior valor simbólico, por remeter a um tempo mítico primordial tornado presente. Como afirma o autor:

Toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a ritualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios”. Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo Mítico reatualizado pela própria festa. Por consequência, o Tempo Sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível. De certo ponto de vista, pode-se dizer que o Tempo Sagrado não flui, que não constitui uma duração irreversível. É um tempo ontológico por excelência, parmenidiano: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota. A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo Sagrado – aquele que se manifestara na festa precedente ou na festa de há um século: É o tempo criado e santificado pelos deuses por ocasião de sua gesta, que são justamente reatualizados pela festa.

(Eliade, 2018, P.63-64)

Dessa maneira, os participantes de uma Festa Religiosa, na visão do autor, estariam revivendo o tempo mítico de criação original daquele evento primitivo e original, sacralizado pelas divindades. Daí, a necessidade de uma postura e um comportamento diferenciado durante o Tempo das Festas, ao contrário da postura mais ordinária desprovida de sacralidade de outros momentos. Daí a importância dos ritos e rituais que permitiriam a transição entre o Tempo Profano e o Tempo Sagrado livremente, evitando transgressões neste último.

Mas nem todos os autores concordam com a visão de Mircea Eliade. Para o sociólogo Peter Berger, o tempo da festa não é o de rompimento entre o sagrado e o profano, mas o de encontro entre ambos. No período festivo ocorre o momento de celebração da vida, de reconciliação, permitindo ao homem experimentar diversas emoções e experiências. Portanto, o período festivo o ser humano experimenta um momento de fraternidade comunal que permite a reconciliação entre o sagrado e o profano, entre o homem e o divino e entre o homem com seus semelhantes. (Berger, 1973).

No caso do Brasil, país marcado pela grande diversidade cultural, as Festas Religiosas assumem um lugar de importância dentro da Identidade Cultural. Formado pela mistura de vários povos e etnias, desde o início da colonização, o Brasil seria marcado pela existência de diferentes credos e religiões. Mesmo antes do início da colonização, os povos indígenas já realizavam diversas festividades, de caráter religioso e não-religioso, sendo a Festa do Cauim uma das mais conhecidas, sendo citada por Jean de Lery, em seu relato de viagem

ao Brasil no século XVI. (Lery, 1980)

Com a chegada da colonização portuguesa no Brasil, os portugueses trouxeram consigo a Religião Católica, fazendo desta a religião oficial da Colônia. O catolicismo foi cada vez mais se consolidando, à medida que os povos indígenas tinham suas terras apropriadas pelos colonizadores. As festividades de origem católica já se apresentavam assim com força desde o primeiro século de conquista do território, com procissões, missas, ritos e novenas sendo realizados nas ruas e pátios das primeiras vilas e povoações portuguesas do território. O catolicismo colonial, marcado pelas exibições públicas de fé nessas festividades, foi uma das principais características da sociedade colonial, reunindo parte considerável da população numa época em que os meios de transporte eram precários e as distâncias maiores. (Jurkevics, 2005)

É importante destacar que, apesar da imposição do catolicismo como religião oficial da Colônia, outros credos e tradições não se deixaram de fazer presentes. Os povos indígenas, espoliados de seus territórios e muitas vezes reunidos em missões ou escravizados pelos colonizadores resistiram o quanto puderam, tentando manter suas tradições. Alguns povos conseguiram até hoje perpetuar seus ritos e rituais, como no caso do povo Fulniô de Águas Belas. Semelhantemente, os povos africanos trazidos para o Brasil, apesar da condição de escravizados, procuraram perpetuar suas crenças, tradições, rituais e devoções, dando origem o candomblé, da umbanda e da jurema, esta última também com forte influência indígena. (Arruda, 2012)

Assim, as Festividades religiosas que surgiram desde o Brasil Colônia, muitas delas realizadas até a atualidade, nasceram não apenas como fruto da imposição do catolicismo pelos portugueses, mas sofreram também uma série de outras influências, notadamente de origem indígenas e africanas. Muitas dessas festividades, seja por sua importância histórica e antiguidade, seja pela sua representatividade pelos grupos que participam, acabaram sendo reconhecidas como Patrimônio Cultural, seja a nível nacional, seja nos níveis estaduais e municipais.<sup>12</sup> Um dos melhores exemplos é a Festa do Círio de Nazaré, realizada em Belém do Pará, registrada como Patrimônio Imaterial pelo Iphan em 2004<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> - O Registro de bens imateriais a nível nacional pelo IPHAN foi instituído pela Lei nº 3.551 de 4 de agosto de 2000; O Registro de bens imateriais pelo Estado de Pernambuco foi instituído pela Lei Estadual nº 16.426 de 27 de setembro de 2018; O Município do Jaboatão não possui ainda uma lei específica para o registro de bens imateriais.

<sup>13</sup> - Teve seu processo iniciado em 2001 e em 2004 foi inscrito no Livro das Celebrações como Patrimônio Imaterial Nacional pelo IPHAN.

Qual a importância das Festividades Religiosas para o Ensino de História no Brasil? Em primeiro lugar as Festividades são uma marca da Identidade Cultural da nação, do estado, dos municípios e comunidades em que são realizadas, estando intimamente ligadas à memória das pessoas e grupos por ela representadas. Como elemento integrante das identidades culturais, conhecer estas celebrações é fundamental tanto para alunos e professores que precisam discutir, analisar, compreender a formação das sociedades nacionais, regionais e locais nelas inseridas. Uma das funções do Ensino de História, de acordo com a própria BNCC, é justamente um maior conhecimento de si mesmo e do outro<sup>14</sup>, com suas semelhanças e diferenças, sendo as Festividades Religiosas um objeto de estudo e análise muito apropriado para discutir a diversidade religiosa, étnica e cultural dos vários grupos que formaram a população brasileira.

As festividades Religiosas, como expressão da pluralidade cultural da formação do Brasil, também são importantes para o Ensino de História em âmbito escolar pelo fato de servirem como “documento vivo” para a compreensão do passado. Os objetos, artefatos, edificações e outros elementos da cultura material, bem como os documentos escritos, são geralmente muito valorizados como fontes históricas. Todavia, as manifestações da Cultura Imaterial, tais como costumes, ritos, rituais, festas e celebrações, entre outras, são também importantes elementos para o estudo e a compreensão do passado, servindo como um importante elo didático e pedagógico para o conhecimento dos grupos e sociedades que o produziram. Assim, espera-se que o professor de História consiga, através dessas festividades, levar aos estudantes os valores de respeito e de tolerância que a formação dessas tradições exige. (Jurkevics, op. Cit.)

Por fim, cabe ressaltar o lugar de destaque as Festividades Religiosas possuem dentro do contexto nacional como Patrimônio Cultural. Reconhecer que todos os povos, grupos sociais, etnias e regiões do território brasileiro produzem cultura, e que esta se manifesta de diversas formas, seja através de bens protegidos legalmente, seja via bens ainda não-tombados nem registrados, é uma das missões do professor da disciplina de história em sala de aula. As Festividades Religiosas, como bens da Cultura Imaterial, são dessa maneira, importantes patrimônios nacionais, regionais e municipais, que para serem valorizados e preservados precisam antes serem melhores conhecidos pela sociedade. Cabe à educação escolar, notadamente pela disciplina de história, levar esse conhecimento para os estudantes do

---

<sup>14</sup> - BNCC, História, página 395.

Ensino Fundamental e Médio.

### 2.3. HISTÓRIA DE JABOATÃO E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

A importância do estudo e do Ensino da História Local é um assunto que vem despertando uma maior atenção por parte dos historiadores acadêmicos nos últimos anos. Uma das principais finalidades da educação escolar é a formação para uma cidadania plena, formando uma consciência crítica, e promovendo o desenvolvimento de habilidades e valores para a vida social, profissional e familiar, fortalecendo os vínculos sociais. Para isso, o Ensino de História Local ocupa um lugar de importância dentro dos conteúdos abordados na área de História como um todo, pois compreender sua realidade social imediata, mais próxima, também é fundamental para o exercício de uma cidadania plena. (Bittencourt, 2005, P. 168)

O Ensino de História tem um papel crucial na construção da identidade individual e social dos estudantes, tendo a História Local um papel de destaque nesse sentido. O contexto local onde o estudante está inserido, com seu passado, suas memórias, seus monumentos, celebrações, personagens, manifestações culturais, e conflitos, tanto presentes como pretéritos, constitui um rico ponto de partida a aprendizagem de História como um todo. O passado local de uma comunidade, de um bairro, de uma cidade ou de um distrito, pode se tornar um valioso alvo de debates e de reflexões, pois ao trazer assuntos da realidade mais próxima do estudante constituem matéria-prima para uma compreensão mais ampla de contextos maiores, como a História do país ou do mundo. Dessa forma, ao se estudar o entorno, a História Local possibilita observar que as realidades locais mais próximas não estão isoladas do mundo, mas são influenciadas por relações com outros lugares. (Barros, 2013)

A História Local é muito importante a dinamização das aulas de História com o objetivo de aumentar a participação dos alunos no processo de construção do conhecimento histórico. Junto a isso, é válido apresentarmos aos alunos a possibilidade de somar as suas experiências às aulas dinâmicas, com a efetivação dos seus lugares como sujeitos históricos no espaço em que vivem. Nessa perspectiva, o uso da história local introduz a possibilidade dos discentes em buscarem sentidos e significados para as suas ações, percebendo-se como atores que também compõem a história daquela localidade. Segundo Melo (2015),

O ensino de história local ganha significado e importância no ensino fundamental, exatamente pela possibilidade de introduzir e de prenciar a formação de um raciocínio histórico que contemple não só o indivíduo, mas a coletividade, apreendendo as relações sociais que ali se estabelecem, na realidade mais próxima.

(Melo, 2015).

Ao revelarem-se por meio de suas ações na localidade em que vivem, que se dão no contexto coletivo e em múltiplas esferas, os alunos percebem-se inseridos dentro de um processo histórico que alcança o presente, mas que dialoga com o passado. É a partir dessa percepção que são capazes de serem sujeitos no processo de construção do conhecimento histórico, reconhecendo o meio no qual existem, fazendo relações entre o presente e o passado de sua localidade, percebendo as rupturas e permanências, enfim, as sucessões de fenômenos que configuram a realidade atual. Esse reconhecimento de si mesmo e suas atuações no mundo é uma das medidas para desenvolverem identidades, definida pela relação de pertencimento à localidade, construída pela memória. (Bittencourt, op.cit., p.169)

Por muito tempo, a narrativa historiográfica ficou limitada a um recorte político, oficial, elitizado e ocidental, deixando de lado grupos, etnias, pessoas e lugares que também eram protagonistas do processo histórico. O processo de construção da identidade nacional brasileira promoveu por muitos anos o ensino de história voltado para as chamadas “grandes personalidades” e “grandes fatos” da história política nacional, ignorando também as especificidades locais e regionais. Nesse sentido, a história local permite trazer a construção do conhecimento histórico para mais próximo da realidade do aluno, permitindo uma associação de eventos da história geral com o contexto local. Como afirma Costa (2019):

Fazer/Ensinar/estudar história local pressupõe tomá-la como objeto de conhecimento (quando nos encontramos em escalas “menores” e mais próximas a nós nos nossos recortes, como bairro, a cidade, o Estado, mas também grupos sociais e cultura material que não necessariamente correspondem aos limites geográficos e políticos dos lugares) ou como o lugar de onde partem os conhecimentos (dos próprios professores e alunos, da comunidade, de associações e organizações locais, das universidades). Assim é que uma primeira discussão que ela permite fazer é sobre a “presença de história” em espaços (como objeto) ou a partir de sujeitos que, no senso comum, não seria cogitada.

(COSTA, 2019, p 132)

Embora a história local possa ser usada para contextualizar localmente fatos da história geral e nacional, isto não implica necessariamente dizer que a história local tenha que seguir os mesmos parâmetros da história geral e nacional. Ou seja, ao invés de ser reduzida à mera lista de governantes e figuras proeminentes das elites locais, a história local também pode explorar com seu recorte os diversos grupos sociais locais que formam as diversas comunidades, sem necessariamente obedecer a uma delimitação geográfica oficial. Assim, não apenas a história do bairro, da cidade ou do município podem ser abordadas, mas também da comunidade escolar, dos grupos culturais locais ou mesmo dos grupos religiosos do município. Como mais uma vez descreve Aryana Costa:

História local não precisa ser somente a história da cidade ou do Estado, muitas vezes feita nos mesmos moldes de uma história nacional – ou seja, uma listagem de prefeitos/governadores ou de pessoas tidas como importantes, muitas vezes pela sua condição social privilegiada. Para um melhor aproveitamento dos recortes possíveis, o trabalho com história local precisa da mobilização de conceitos comuns também a geografia, como os de paisagem, região, território. Eles servem como guias para a delimitação dos objetos de estudo, conferindo inteligibilidade ao tema/espço/recorte selecionado. [...]

Os temas podem, portanto, ser a história da própria comunidade escolar, do bairro, de instituições como grupos religiosos (de diferentes orientações – cristãos, afro-brasileiros, islâmicos, judeus etc); de temas como saneamento, saúde, moradia, lazer, de atividades como feiras, comércios, ocupação do solo, práticas agrícolas. Ou seja, diferentes escalas que não necessariamente correspondem aos limites políticos dos municípios e estados, mas que são construídas ou percebidas pelos próprios alunos à medida que elegem seus temas de investigação.

(Costa, 2019, p. 132)

No caso de Jabotão dos Guararapes, a historiografia local, como será vista em mais detalhes no próximo tópico, tem sido caracterizada por um número significativo de obras e publicações escritas num período de aproximadamente um século, sob os mais variados enfoques e diferentes perspectivas. Muitas dessas obras buscam abranger a “totalidade” da história do município, seguindo um recorte que não rompe com os moldes da historiografia oficial tradicional, valorizando cronologias, datas e fatos políticos das lideranças locais. Outras trazem um recorte mais localizado por bairro, engenho ou por

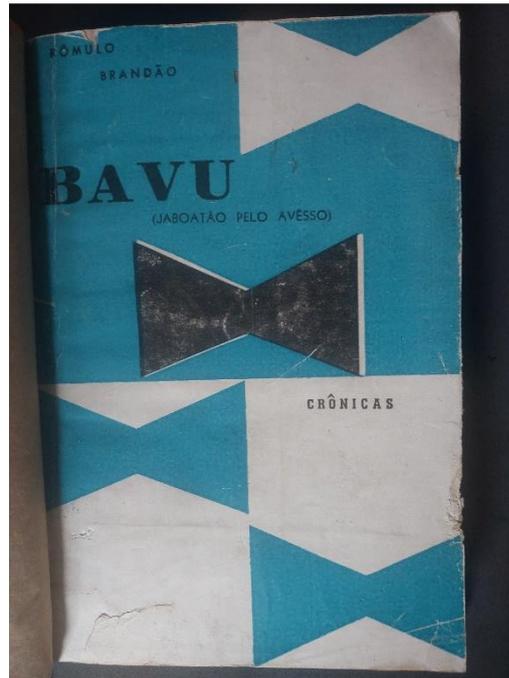
personalidades, sem contudo, serem obras com finalidades pedagógicas a serem utilizadas em sala de aula. Produções locais de caráter didático, voltadas exclusivamente para o Ensino de História Local em sala de aula foram muitas poucas, podendo ser citados os livros “Jaboatão Histórias, Memórias e Imagens”, lançado no ano de 1996; a Cartilha Educativa no formato em quadrinhos “Preservação da Nossa História”, de autoria de Idalice Laurentino, James Davidson Lima e Severino Ribeiro, lançado em 2016; e o livro “História de Jaboaão dos Guararapes”, da jornalista Jussara Rocha Kouryh, lançado em 2010.

O município do Jaboaão, por força da lei municipal nº 687/2011, estabeleceu a obrigatoriedade do estudo da história do município pelas unidades de ensino da rede pública e da rede privada. A proposta curricular de Jaboaão também prever o ensino da história local dentro do currículo do Ensino Fundamental, tanto para os anos iniciais como para os finais. (Jaboaão dos Guararapes, 2011) Portanto, trabalhar a história do Jaboaão, incluindo seu Patrimônio Cultural, constitui uma missão, um dever e um desafio que o professor de história do município encontra em sala de aula. Entretanto, no município existem poucos materiais didáticos que sirvam de subsídio para o Ensino de História local, em especial voltado para a Educação Patrimonial e para o Patrimônio Imaterial e suas diversas manifestações, sendo portanto necessário a construção e elaboração de materiais novos para essa finalidade.

### **2.3.1. A Historiografia do Jaboaão dos Guararapes**

O município do Jaboaão dos Guararapes, localizado na Região Metropolitana do Recife, estado de Pernambuco, possui uma história antiga e diversificada, materializada através da presença de vários bens culturais no território municipal. Uma das primeiras obras a respeito do município do Jaboaão dos Guararapes foi publicada em 1919, como título “Escada e Jaboaão”, de autoria do teatrólogo e escritor Samuel Campelo(1919). Esse livro, baseado principalmente nas informações contidas nos Anais Pernambucanos de Pereira da Costa (1983) e no Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco de Sebastião Galvão (1910), consistia numa pequena sinopse histórico-geográfico a respeito do município que, apesar de pequena, serviria de base para a maioria dos trabalhos posteriores.

Figura 1 - Capa de Bavú, Jaboaão às avessas, publicado em 1961.



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor

No ano de 1961, Rômulo Brandão, lança o livro *Bavú – Jaboaão às avessas* (1961). A pequena obra consiste numa coletânea de crônicas, de cunho mais saudosista que historiográfico, buscando rememorar fatos, pessoas e lugares do passado da cidade. Mesmo sendo um livro de cunho mais memorialista e saudosista, ganha importância por retratar a cidade de forma alternativa, sem focar em datas oficiais nem grandes eventos, apenas trazendo à tona personalidades importantes e populares do início do século XX, muitas vezes de forma pitoresca e folclórica.

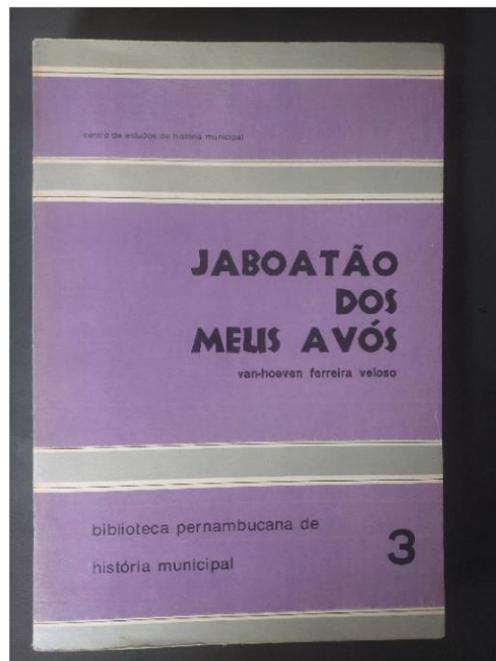
A partir da década de 1970, verifica-se um número maior de livros sobre a história do município do Jaboaão dos Guararapes. Assim, em 1971, Daniel Peixoto, escreve o livro *Padre Chromácio Leão, Mística e Música*. Embora o livro foque na vida e na obra do Padre Chromácio Leão, principal pároco da cidade no início do século XX, através dele é possível compreender vários aspectos da vida econômica, social, cultural, religiosa e política do Jaboaão, principalmente na primeira metade do século XX. O livro de Daniel Peixoto serviria de fonte e inspiração imediata para os trabalhos que vieram em seguida elaborados por Van-Hoeven Veloso e Elieser Figueirôa.

Assim, em 1978, Van-Hoeven Veloso lança o livro *“Jaboaão dos Meus Avós”*, até hoje reconhecida como uma das mais importantes da historiografia local. Van-Hoeven era

membro e jornalista do “Jaboatão Jornal”, o mais importante periódico local. Dessa maneira, *Jaboatão dos Meus Avós* busca contar a história do município através de minutas jornalistas, onde cada aspecto da cidade (social, econômico, rural, urbano, personalidades, etc) são abordados e divididos de acordo com a temática, sem seguir necessariamente uma ordem cronológica linear. O livro contou com mais duas edições ampliadas e revisadas (1982 e 1991), sendo publicado pelo Centro de Estudos de História Municipal (CEHM), considerado até hoje o livro mais conhecido sobre a história do Jaboaão dos Guararapes.

Na década de 1980, Elieser Figueirôa, outro jornalista do *Jaboatão Jornal*, lança no ano de 1983 o livro *História da Imprensa do Jaboaão*. Também publicado sob os auspícios do CEHM (Centro de estudos de história Municipal), a obra consiste num resgate dos antigos periódicos locais, desde o primeiro jornal a ser lançado no município (o *Mamoeiro*, em 1883) até aqueles que circulavam no início da década de 1980. *História da Imprensa de Jaboaão*, permite ao leitor penetrar no cotidiano da cidade pelas várias décadas do século XX, através das notícias de jornais de cada época. (Figueirôa, 1983)

Figura 2 - Capa de *Jaboatão dos meus Avós*, 1º edição de 1978.



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor

Em 1988, o professor e pesquisador Orlando Breno de Araújo publica o livro “*Jaboatão*



A primeira obra a ser realizada por um historiador acadêmico foi o livro “Jaboatão Histórias, Memórias e Imagens”, lançado no ano de 1996. Possuindo dois volumes, o primeiro voltado para a história e o segundo para o Patrimônio Histórico, a obra foi fruto do “*Projeto Jaboaão passado a limpo*”, de iniciativa da Prefeitura Municipal - PMJG, mediante a Fundação Yapoatam<sup>15</sup>, sendo patrocinado pelo Ministério da Cultura. O primeiro volume teve como autores os historiadores Antônio Paulo Rezende e Maria Thereza Didier, possuindo uma perspectiva diferente das obras anteriores, pois ao invés de focar nos grandes eventos e personalidades do passado, passou a privilegiar uma narrativa mais voltada para as lutas sociais, tanto dos trabalhadores rurais como dos trabalhadores urbanos, destacando também o lugar de Jaboaão como palco de conflitos e tensões que lhe legaram o título, na década de 1940, de “Cidade Moscouzinha”.

Ainda na década de 1990, e também sob a influência do Instituto Histórico do Jaboaão, a professora Adiuza Vieira Belo produziu por conta própria vários livros e publicações a respeito da história do Jaboaão dos Guararapes. A primeira dessas publicações foi o livro “Praias do Jaboaão Verdades e Lendas”, lançado no ano de 1993, voltado para história da região de Prazeres, Muribeca e das Praias. Em seguida, vieram várias publicações, algumas delas biografias de personagens da história de Jaboaão: “Francisca Isidora, Vida e Poesia”, lançada em 1995; “Memórias Jaboaatanenses”, lançado em 2003; “Jaboaão de Brava Gente I”, publicado em 2005; “Águas do Jaboaão”, lançado em 2007; “Relembrando Tia Amélia”, publicado em 2007; “Jaboaão de Brava Gente II”, lançado em 2007; “Mulheres que orgulham Jaboaão”, publicado em 2008; entre outros. Adiuza foi a primeira mulher a ser presidente do Instituto Histórico do Jaboaão e a pioneira a se colocar na lista de historiadores municipais locais do município, abrindo o caminho para que outras mulheres da referida instituição também se mostrassem protagonistas na pesquisa e no estudo da história municipal.

A partir do ano 2000, vários autores passaram a publicar, seja por conta própria ou patrocinado por alguma instituição, obras sobre a história de Jaboaão, seja em sua abordagem geral, seja explorando biografias e aspectos específicos. Assim, em 2004, o maestro Luiz Caetano lança o livro “Padre Chromácio Leão na intimidade”, mais uma biografia sobre o falecido pároco. Em 2005, a professora Teresa Francisco publica o livro

---

<sup>15</sup> Fundação Yapoatam (Fundação Centro Jaboaatonense de Educação, Ciência, Tecnologia e Cultura) – Fundação pública criada pela Prefeitura Municipal de Jaboaão em 1995 com a finalidade de estabelecer estudos e pesquisas voltadas para a história, memória e patrimônio do município do Jaboaão dos Guararapes. Foi extinta em 2007 após várias denúncias de corrupção.

“Engenho São Bartolomeu – História, memórias nas comportas do tempo”, sobre a comunidade do Engenho São Bartolomeu, em Comportas. Adriano Marcena, historiador literato, publica em 2004, sob o patrocínio da prefeitura, o livro “Jaboatão 411 anos”, reunindo os principais fatos e informações sobre a história da cidade. Em 2005 é lançado o livro “100 anos de proclamação – Igreja Evangélica Congregacional deJaboatão”, primeiro livro sobre a história de uma igreja evangélica no município, tendoa Dr<sup>a</sup> Joyce Elisabeth Clayton como autora.

No âmbito acadêmico, também mais notadamente a partir do ano 2000, vários trabalhos de historiadores tiveram como tema algum aspecto da história do Jaboaão dos Guararapes. Inicialmente cabe destacar a dissertação de Cely Bezerra de Aquino, apresentada no ano de 2008, pelo programa de pós-graduação em educação da UFPE, intitulada “A Educação em Jaboaão nas mãos de um comunista (1947-1951)”, discutindo o contexto educacional do município durante a administração de Manoel Calheiros, considerado o primeiro prefeito comunista do Brasil. Outra dissertação semelhante foi apresentada em 2019, sob o tema “A Educação do corpo e para o esporte e lazer na Moscouzinha (1947-1951)”, por Jonatas Eduardo Luna Malta, também pelo programa de pós-graduação em educação da UFPE.

Ainda explorando a temática da eleição de Manoel Calheiros, o historiadorDiego Carvalho da Silva apresentou pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, no ano de 2014, a dissertação “Partidos e Alianças políticas na “Moscouzinho do Brasil”: Os comunistas e as eleições municipais de outubro de 1947 em Jaboaão-PE”. O trabalho abordou sobre a situação política do município na década de 1940 e os impactos da eleição de Manoel Calheiros na cidade durante o período.

Em 2018, Cristhiane Laysa Andrade Teixeira Raposo publicou um artigo intitulado “Justiça do trabalho nas usinas e engenhos de Pernambuco: relações de trabalho na zona canavieira (1964-1965)”, abordando sobre a situação dos trabalhadores da Usina Muribeca, situada em Jaboaão. Também no ano de 2018 o historiador Samuel Santana publica um interessante artigo intitulado “Ora, no carnaval do Recife nunca houve escolas de samba?: história e memória da Rebeldes do Samba”, sobre o carnaval em Recife e em Jaboaão e a participação das Escolas de Samba locais, como a jaboatonense Rebeldes do Samba<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> - A pesquisa deste artigo resultou numa dissertação de mestrado em história da UFPE, intitulada “Newton Elias de Santana entre o samba e o poder público: táticas de permanência e institucionalização do samba em PE (1970-1980)”, defendida por Samuel Ferreira de Santana em 2022.

Outro trabalho importante em História sobre Jaboatão foi a tese de doutorado denominada “Fábrica Willys Overland em Jaboatão”, de Karlene Sayanne Ferreira de Araújo, apresentada em 2020, pelo Programa de pós-graduação de História da UFPE. Estes trabalhos discutiram as transformações sociais e econômicas dos trabalhadores rurais e urbanos em Jaboatão, em meados do século XX, e os impactos das novas indústrias nas regiões de Prazeres e da Muribeca.

Mais recentemente, no âmbito de autores independentes ou vinculados ao Instituto Histórico do Jaboatão foram lançadas várias obras abordando diversos aspectos da história do município. Em 2010, a professora da rede municipal Eulina Monteiro Maciel publica o livro “Memórias do Engenho São Bartolomeu”, resgatando fatos e memórias sobre o engenho e seu entorno. Em 2012 é lançado o livro “A voz da Cidade”, por Raimundo Francisco Correia, obra popular que aborda sobre pessoas do presente e do passado da cidade. Também em 2012 é lançado o livro “Memórias Destruídas”, pelo professor James Davidson de Lima, abordando sobre a destruição do Patrimônio Histórico do município do Jaboatão dos Guararapes.

Em 2014, ocorre o lançamento da 6ª Edição do livro de Adriano Marcena, agora intitulado “Jaboatão História e Lutas”. Ainda em 2014, o jornalista Jota Gilson, publicou o livro “Exemplos de Mulheres”, resgatando a biografia de várias mulheres da Cidade. Em 2015, o professor James Davidson de Lima publica o livro “Rosário dos Pretos da Muribeca”, sobre a história desse povoado. A professora Tereza Francisco publica a obra “Memórias do Engenho Santana – Raiz do Jaboatão” lançada em 2017. Aduza Belo também publicou recentemente duas obras: “Zuleick Lopes de Araújo – 92 anos – uma jovem quase centenária”, lançada em 2020; e “Memória Conquistada – da Velha Cadeia ao Instituto Histórico do Jaboatão”, lançada em 2021.

Pelo Programa de Mestrado em ensino de História da UFPE, no ano de 2020, foi aprovada a dissertação de Priscila Gonçalves Ferreira Souza, intitulada “Cordelizando o meu bairro : uma narrativa sobre Cajueiro Seco / Priscila Gonçalves Ferreira Souza. – 2020. UFPE Dissertação”. Este trabalho abordou sobre as potencialidades da comunidade de Cajueiro Seco, um dos bairros mais importantes do município do Jaboatão dos Guararapes, trazendo uma proposta didática para trabalhar com educação patrimonial em sala de aula, desenvolvendo uma cartilha didática sobre a comunidade e seus patrimônios em formato de

cordel<sup>17</sup>.

### **2.3.2- História do município – um breve resumo**

O município do Jaboatão dos Guararapes está localizado na Região Metropolitana do Recife, no estado de Pernambuco, região Nordeste do Brasil. Possuindo 258 km<sup>2</sup> de área territorial, o território do município está limitado a leste pelo Oceano Atlântico e pela Cidade do Recife, ao oeste pelo município do Moreno, ao norte por São Lourenço da Mata e pela Cidade do Recife e ao sul pelo município do Cabo de Santo Agostinho. Sua população, calculada pelo IBGE em 2022, é de 643.759 habitantes, estando distribuída por 7 Regionais ou Distritos: Sede (Prazeres), Jaboatão Centro, Curados, Cavaleiro, Muribeca, Guararapes e Praias. (IBGE, 2023)

O território do Jaboatão dos Guararapes era originalmente habitado pelos povos indígenas. De acordo com a maioria dos cronistas do período colonial, a etnia dos indígenas Caetés ocupava toda a região situada imediatamente ao sul do Recife, até as margens do Rio São Francisco (Cardim, 2009). Ainda de acordo com a maioria dos autores, os indígenas Caetés pertenciam ao grupo Tupi, falavam a língua geral e adotavam um modo de vida muito semelhante aos demais povos tupis, vivendo do cultivo da mandioca e tendo costumes antropofágicos (Sousa, 2010). Todavia, é importante considerar as fontes com um olhar crítico e considerar a possibilidade de existência de outros grupos e etnias indígenas na região não mencionados pelas fontes do período.

De acordo com Frei Vicente Salvador (1982), o território do Jaboatão foi palco de resistência entre indígenas e colonizadores. Nos atuais Montes Guararapes, os indígenas Caetés ergueram uma forte paliçada, repelindo a colonização portuguesa naquela direção, na época da primeira fase de conquista da Capitania de Pernambuco, efetuada por Duarte Coelho de Albuquerque. Todavia, após o falecimento deste último, e com a chegada de seu irmão Jorge de Albuquerque, teve início uma guerra de extermínio contra os indígenas da região sul da capitania (1560-1565), incluindo contra os Caetés, que resultou na escravização e fuga dos membros dessa etnia e na conquista da região pelos colonizadores portugueses.

---

<sup>17</sup> - Souza, Priscila Gonçalves Ferreira. Cordelizando o meu bairro: uma narrativa sobre Cajueiro Seco / Priscila Gonçalves Ferreira Souza. – 2020.

Após a conquista realizada pelos portugueses, teve início o processo de assimilação das terras através da doação de cartas de sesmarias. Assim, a partir de 1566, foram distribuídas várias sesmarias entre os colonos europeus, nas margens do Rio Jaboatão e de seus afluentes. A exploração da cultura da cana-de-açúcar foi a principal atividade econômica nesse período, com a instalação de vários engenhos na “Ribeira do Jaboatão”. Desta maneira, até o final do século XVI, já estavam levantadas dezenas de fábricas de açúcar, explorando o trabalho de indígenas e de africanos escravizados. (Mello, 2012)

Ainda no final do século XVI, surgem na região duas povoações que seriam os embriões da atual cidade do Jaboatão: **Muribeca**, levantada em terras dos engenhos Novo e Santo André; e **Jaboatão**, levantada na confluência dos rios Jaboatão e Duas Unas, nas terras do engenho São João Batista. (Costa, 1983) Já na última década do século XVI, são registradas a existência das igrejas matrizes dessas povoações: Nossa Senhora do Rosário, em Muribeca; Santo Amaro em Jaboatão, com suas respectivas festas locais. Também se registram nesse período a presença de capelas votivas situadas na zona litorânea do município (N.S das Candeias e Santo Antônio da Barra) bem como festividades religiosas nas capelas dos engenhos. (Velooso, 1982)

No século XVII, a história de Jaboatão seria marcada pela presença da ocupação holandesa (1630-1654). A denominada “Invasão Holandesa” em Pernambuco durou 24 anos (1630-1654) opondo holandeses e portugueses na luta pelo domínio da produção açucareira na região (Mello, 1981). Durante as duas Batalhas do Guararapes (1648 e 1649) os holandeses foram vencidos nos Montes Guararapes, em Jaboatão, ficando estes fatos registrados em vários relatos e documentos da época. A fim de celebrar e memorizar esta vitória, foi levantada no local uma igreja votiva dedicada à Nossa Senhora dos Prazeres, no ano de 1656. Em seu entorno são realizados, a partir de sua fundação, uma das celebrações religiosas mais tradicionais do estado de Pernambuco – a festa de Nossa Senhora dos Prazeres ou Festa da Pitomba. (Mello, 1971)

Também nesta época são levantadas novas igrejas na região: N.s da Piedade, na Praia de mesmo nome, erguida em 1683; N.s do Loreto, também na Praia de Piedade, construída em 1660; N.s do Rosário dos Pretos da Muribeca, erguida em meados do século XVIII; N.s do Livramento dos Homens Pardos de Jaboatão, construída em 1774; N.s do Rosário dos Pretos de Jaboatão, também construída em meados do século XVIII. A construção dessas novas igrejas, em estilo barroco e maneirista, revela a riqueza da economia do açúcar e da elite colonial, bem como o esforço da população negra e parda em se fazer

representada. (Velooso, 1982). Outro motivo para a proliferação de templos católicos nesse período é explicada pelo esforço da Igreja Católica em marcar presença nos territórios retomados aos protestantes holandeses, demonstrando assim sua força e seu poder nessas regiões.

Ainda no final do século XVII, ocorreu a construção da nova igreja matriz de Santo Amaro. Segundo o historiador Pereira da Costa (1983), o fato ocorreu porque a primitiva matriz se encontrava em ruínas e num lugar distante do principal centro da povoação. Assim, em 1691, em cima de uma colina próxima à povoação, é construída a nova Igreja Matriz, devotada ao tradicional padroeiro da localidade:

Um século depois, achando-se a igreja bastante arruinada, e então mal situada, naturalmente por se estender a povoação em direção oposta, e ficar assim distante do centro da população, resolveu o vigário da freguesia Padre Adriano de Almeida empreender, pelos anos de 1691, a construção de um novo templo, em situações convenientes, o que feito, o referido vigário, a Irmandade de S.S Sacramento e várias pessoas da localidade dirigiram um requerimento ao soberano pedindo-lhe alguns ornamentos para a celebração do culto na igreja nova que fizeram, o qual veio para o governador Caetano de Melo de Castro informar com o seu parecer, por carta régia de 12 de janeiro de 1697. Além destes dados constantes do aludido requerimento, vê-se mais que se fizera a obra do templo, de pedra e cal, com arcos, portas, cornijas de cantaria, e com duas capelas, tudo com a perfeição possível para com mais decência se celebrarem os divinos officios, e em que se gastaram oito mil cruzados.

(Costa, 1983)

Durante o final do século XVII e no XVIII, a economia açucareira, apesar das várias crises que enfrentou, passa a ter uma maior expansão na Freguesia de Jaboaão, através da doação de novas cartas de sesmarias. Novos engenhos e fábricas de açúcar são levantados nesse período, estendendo o território da Freguesia de Jaboaão para o oeste, na direção do atual município do Moreno. (Araújo, 1988)

Em meados do século XIX, a economia de Jaboaão estava baseada principalmente no cultivo da cana-de-açúcar. Segundo um levantamento estatístico realizado em 1857, em Jaboaão havia naquele ano 45 engenhos, produzindo 56.195 pães de açúcar e 9.507 cargas de aguardente. Para o trabalho na cana-de-açúcar, havia um total de 3.520 escravizados, segundo a referida estatística. (Mello, 1975)

Além da cana-de-açúcar, na economia de Jaboatão também se destacavam os seguintes produtos: criação de gado nas Curcuranas, cultivo de melancias nas Curcuranas, cultivo de coqueiros e cajueiros na região das praias e de Prazeres, produção de café e de mandioca na Muribeca, cultivos de subsistência em sítios e nos engenhos. (Mello, op. Cit)

Apesar de serem das freguesias mais antigas da região, politicamente, tanto as freguesias da Muribeca como de Jaboatão estavam submetidas à Vila de Olinda, ambas até o ano de 1711. Com a elevação do Recife à condição de Vila, no ano de 1711, passa a freguesia da Muribeca a integrar o termo desta última. Em 1833, com a resolução provincial de 20 de maio de 1833, Jaboatão passa também a integrar o termo do Recife, juntamente com São Lourenço e Várzea. (Honorato, 1976)

No ano de 1973, por força da provincial n° 1093 de 24 de maio de 1973, o município do Jaboatão é desmembrado do município do Recife. O novo município criado possuía uma extensão maior que a atual, com mais de 500 km<sup>2</sup> de área territorial. Estavam incluídos no novo município os territórios das antigas freguesias do Jaboatão e da Muribeca, se limitando com o Recife ao leste, com São Lourenço ao norte, com o Cabo de Santo Agostinho ao sul e com Vitória de Santo Antão ao oeste. Abrangia os povoados de Tejipió, Pontezinha, Prazeres, Loreto e Muribeca, bem como quase todo o território que no futuro se transformaria no município do Moreno. (Galvão, 2006)

No final do século XIX, o Brasil passaria por várias transformações sociais, econômicas, culturais e políticas que trariam também mudanças no município do Jaboatão. Entre essas mudanças, merecem ser destacado que as usinas de açúcar passava a dominar a paisagem rural, com seus extensos canaviais e suas chaminés imponentes, passando os antigos engenhos a condição de meros fornecedores de cana. Outra mudança foi a abolição do trabalho escravizado, com a publicação da Lei Áurea, em 1888. Como Jaboatão era um tradicional município açucareiro, muitos escravizados abandonaram o campo, emigrando em busca de melhores oportunidades nas cidades, enquanto outros permaneceram nos engenhos se tornando mão-de-obra barata para as usinas. (Diegues Júnior, 1952)

Ainda no final do século XIX, o município do Jaboatão seria impactado pela chegada das ferrovias patrocinadas pelo estado e pela iniciativa privada. A primeira dessas ferrovias a cortar o município foi a Estrada de Ferro Recife-São Francisco. Inaugurada em 1858, atravessava Jaboatão na altura da Povoação de Prazeres. (Melo, 2016) A segunda ferrovia a ser construída foi a Estrada de Ferro Central de Pernambuco, ligando o Recife ao interior do

estado. Esta ferrovia atravessou a sede da povoação do Jaboatão, melhorando as comunicações entre a localidade e a capital, sendo inaugurada em 25 de março de 1885. As usinas de açúcar também instalaram suas próprias ferrovias, como as Usinas Bulhões, Muribeca e Jaboatão, que conectavam seus engenhos e propriedades com suas sedes através de trilhos pelos canaviais. (Pinto, 1949)

A sede da Cidade do Jaboatão seria bastante influenciada pela presença dos trilhos. Além da ferrovia e da Estação ferroviária, a localidade passou a sediar também as Oficinas Ferroviárias da região. Com a concessão do sistema ferroviário do Nordeste para os ingleses da Great Western, a importância de Jaboatão passou a ser ainda maior, pois ocorreu a centralização nesta cidade de todos os serviços de consertos, reparos e até mesmo a fabricação de trens. As Oficinas de Jaboatão foram ampliadas em 1910, se tornando a principal do Nordeste, e atraindo para a cidade centenas de trabalhadores ferroviários. A presença dos ferroviários em Jaboatão foi tão importante que a localidade recebeu a denominação informal de “Cidade Ferroviária”. (Campelo, 1919)

Além das Oficinas da Great Western, Jaboatão também passou a contar com outras indústrias no início do século XX. Entre essas podem ser mencionadas a fábrica da Societé Cotonnière Belge-Bresilienne, uma fábrica de tecidos inaugurada em 1910, dando origem ao povoado de Vila Nathan, futuro distrito e cidade de Moreno.; A fábrica de Pólvora Elephante, situada no povoado de Pontezinha; A Fábrica de Papel Pernambucana, inaugurada em 1918, situada na sede de Jaboatão; Todas essas indústrias deram ao município do Jaboatão uma grande importância econômica dentro do estado, fazendo de Jaboatão uma cidade com uma grande presença de trabalhadores e operários que passariam a ser organizar em sindicatos, realizando greves e lutando por melhores salários. (Ó, 1971)

No ano de 1928, entretanto, o município do Jaboatão teria seu território desmembrado e dividido. Por força da lei estadual nº 1931 de 28 de setembro de 1928, o então governador do estado Estácio Coimbra divide o município do Jaboatão, criando o município do Moreno. Desmembra o Povoado de Pontezinha, anexando-o ao município do Cabo. E por fim, anexa o Povoado de Tejipló ao município do Recife, retirando do município do Jaboatão mais de 200 km<sup>2</sup> de área territorial. (Araújo, 1988)

Por conta da grande presença de trabalhadores urbanos e operários organizados em sindicatos, na cidade de Jaboatão, o município elegeu no ano de 1948 o primeiro prefeito comunista do Brasil, o Dr. Manoel Calheiros. A Cidade de Jaboatão recebeu o apelido de

“Moscouzinha” pela imprensa da época, denominação que seria conhecida por todo o Brasil. Embora tenha sofrido bastante pressão das forças políticas reacionárias da cidade, o Dr. Manoel Calheiros conseguiu concluir seu mandato, apesar de todas as polêmicas criadas pela imprensa da época. (Veloso, 1982)

As décadas de 1950 e de 1960 seriam caracterizadas por importantes transformações econômicas e territoriais no município. No ano de 1959 o município é atravessado pela rodovia federal Br 101, que corta o município na altura do Distrito de Prazeres. A presença dessa rodovia e o bom momento da economia do país, na época, favoreceu a chegada de várias indústrias para a região (Ford Willys, Alpargatas, Caio Norte, etc) dando origem ao Distrito Industrial de Prazeres. A população daquele distrito que, em 1960 contava com apenas 25.390 habitantes, pulou para 81.868 habitantes no ano de 1970, graças ao crescimento trazido pelas indústrias e pela expansão imobiliária nas praias. (Araújo, op.cit)

Em 1965 é inaugurada na região norte do município a Rodovia 25, atual BR 232. A presença dessa rodovia atraiu várias indústrias para o setor setentrional do município, dando origem na década de 1970 ao distrito industrial do Curado. O crescimento dessas regiões do município, Prazeres-Praias e Curado, distantes da sede do município, favoreceu o desejo de emancipação dos distritos do Jaboatão, notadamente na década de 1960. Todavia, os projetos de emancipação acabaram abortados pela justiça, com o advento da Ditadura Militar no país, a partir de 1964. (Araújo, op.cit)

O período da Ditadura Militar foi caracterizado em Jaboatão pela perseguição aos opositores políticos. O então governador do estado, Miguel Arraes, é deposto e preso no Quartel de Socorro, em Jaboatão, sendo depois exilado. O prefeito eleito Fagundes de Menezes teve seu mandato cassado por ser associado ao espectro político de esquerda. Alguns militantes políticos do município são presos e torturados e os sindicatos sofrem forte perseguição por parte dos patrões. Como as Oficinas de Jaboatão eram consideradas como a sede da força dos trabalhadores ferroviários do município, passaram a sofrer com um desmonte proposital por parte do governo, vendo seu número de trabalhadores a ser reduzido a cada ano. (Resende, 1996)

Na década de 1980, o município do Jaboatão passa por novas transformações. A principal delas foi a construção do metrô de superfície, no ano de 1985, que modificou significativamente o Centro da Cidade de Jaboatão. O metrô substituiu os antigos trens suburbanos que faziam a ligação entre Jaboatão e a capital do estado, Recife, melhorando o

fluxo entre as duas cidades. Outra mudança foi a construção de vários conjuntos residências em várias partes do município: Dom Helder, Curado I, II, III e IV, Vila Rica, Marcus Freire e Conjunto Muribeca, que aumentaram a população e operímetro urbano da cidade. (Araújo, 1988)

No ano de 1989, ocorre mais uma modificação na organização política do município. O então prefeito Geraldo de Almeida Melo transfere a sede política- administrativa do município para o distrito de Prazeres. A mudança ocorreu em virtude do maior crescimento urbano e populacional do distrito de Prazeres e de sua zona de influência, notadamente a zona das praias, em oposição a antiga sede de Jaboatão, com crescimento populacional mais lento e industrial estagnado. Assim, por força da lei municipal nº4 de 05 de maio de 1989, a sede do município é transferida para Prazeres e o nome do município passa a ser Jaboatão dos Guararapes. (Marcena, 2004)

A partir do ano 2000, um novo surto de transformações passa a marcar a história do município. A construção de uma nova Br 101 sul, através do bairro das Comportas, favoreceu a expansão industrial por aquela direção. A partir de 2006, o município passa a integrar o Território Estratégico de Suape, favorecendo o crescimento industrial do município, principalmente pela Muribeca, Prazeres e Comportas. A construção da Pontedo Paiva, em 2009, trouxe uma nova valorização imobiliária para a zona das praias. Todavia, várias indústrias antigas entrarem em falência, como a Usina Bulhões, no ano de 2009, e a Fábrica de Papel (Portela), no ano de 2017. A expansão urbana e industrial acelerada, sem uma devida preocupação com o planejamento urbano, com os direitos sociais, com o meio ambiente e com a preservação do Patrimônio Histórico e Cultural tem sido uma característica do atual município do Jaboatão dos Guararapes, levando à destruição e descaracterização de vários sítios históricos, principalmente dos antigos engenhos e das vilas operárias. (Lima, 2012)

### 3. CAPÍTULO 2

O segundo capítulo aborda sobre as festividades religiosas do Jaboaão dos Guararapes, buscando compreender a história das principais festas, dentro das 3 vertentes religiosas principais presentes no município: catolicismo, protestantismo e religiões afro-brasileiras (candoblé, umbanda e jurema). Buscou-se assim nas fontes historiográficas informações sobre o início das principais festividades religiosas, sua localização dentro do território municipal, tendo como referências principais o calendário oficial de Jaboaão e dando destaque aquelas celebrações mais conhecidas ou mesmo registradas como Patrimônio Cultural. Registrou-se também neste capítulo a presença de alguns templos e monumentos relacionados às diversas festividades religiosas presentes no município.

A segunda parte do capítulo analisa a história da devoção a Santo Amaro, desde seus primórdios no início do cristianismo, até sua chegada ao Brasil com o processo de colonização portuguesa. Aborda-se neste capítulo a importância do processo de canonização para o catolicismo, bem como do lugar dos santos católicos dentro da veneração católica e de sua disseminação pelo Brasil, destacando a devoção a Santo Amaro, padroeiro de muitas cidades e localidades do país.

O capítulo abordou também sobre a chegada da devoção a Santo Amaro em Jaboaão, trazendo informações históricas de seu culto, desde a primeira ermida construída no final do século XVI, até o final do século XX. Entre os aspectos analisados no capítulo, destaque para a intrínseca relação entre a Festa de Santo Amaro e os primórdios da cidade do Jaboaão, bem como da importância da celebração para a configuração arquitetônica e espacial da Rua de Cima, onde haviam também dois outros templos religiosos: Igreja do Livramento e do Rosário dos Homens Pretos. Abordou-se também sobre a importância de algumas personalidades para a festividade, como o Padre Chromácio Leão Teixeira.

Por fim, o capítulo também buscou analisar como a Festa de Santo Amaro foi divulgada através de jornais, desde meados do século XIX, até o final do século XX. Assim, neste capítulo buscou compreender como eram organizadas as festas, que grupos sociais dela participavam, seu calendário litúrgico, as formas e meios de divulgação do evento e seus roteiros. Buscou-se destacar a presença de folguedos populares durante a festa, tanto em sua parte sacra como profana, bem como a participação de diversos grupos e setores sociais (mulheres, operários, etc) não apenas durante a celebração mas também durante sua organização.

### 3.1. FESTAS E CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS

Figura 4 - Imagem em procissão pela Festa de Santo Amaro de 2024.



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor

Os dados do censo do IBGE (2010) revelam que o município do Jaboatão dos Guararapes possuía uma população total de 644.620 habitantes. Dessa população, 47% se declararam seguidores do catolicismo, 31,5 % se declaram seguidores do protestantismo e 2,3% se declararam seguidores do Espiritismo. Uma população de 19,2% se declarou sem religião ou seguidores de religiões diferentes. Entre estes últimos podemos elencar a presença de judeus, ciganos, ateus, agnósticos, seguidores de religiões orientais e seguidores de religiões afro-brasileiras.

Atualmente em Jaboatão podemos identificar várias celebrações religiosas de diversas matizes: Festa de São Sebastião (Cavaleiro e Jaboatão Centro), Festa de Nossa Senhora de Lourdes (Cavaleiro), Festa de N.S do Socorro, Festa de Iemanjá (Praia de Barra de Jangadas), Festa de Oxum (Jaboatão Centro), Festa de Ação de Graças (Prazeres) etc. Dentro da tradição católica, as festas religiosas mais importantes são a Festa de Santo Amaro, padroeiro da cidade, a Festa do Rosário da Muribeca (uma das mais antigas), a Festa de Nossa Senhora das Candeias, do Loreto e da Piedade, na região das praias. Merece ser destacada a Festa da Pitomba ou de Nossa Senhora dos Prazeres, registrada como Patrimônio Imaterial pelo estado, considerada uma das tradições mais importantes não apenas de Jaboatão, mas também do Estado de Pernambuco. (Fundarpe, 2009)

As celebrações e religiosas possuem grande valor para a formação da identidade local e

regional. Com o território grande dentro da RMR, o município do Jaboatão, constituído de 7 regionais que possuem características geográficas e sociais diversificadas. Daí a necessidade de identificar a diversidade de celebrações religiosas do município, sua relação com as comunidades locais e sua importância para os grupos que as realizam. A importância das celebrações e manifestações religiosas como elemento integrante das identidades locais e como componente integrante do Patrimônio Imaterial é algo bastante reconhecido, sendo algumas delas protegidas e reconhecidas pela legislação nacional e estadual. (Fundarpe, op. cit)

No município do Jaboatão dos Guararapes há, na atualidade, várias Festas Religiosas, seguindo tanto a tradição religiosa católica, como também das tradições protestantes e de origem afro-brasileiras:

Celebrações de origem Católicas – O Catolicismo está presente na região desde o início do período colonial, com a chegada dos colonizadores portugueses que ocuparam a região após a expulsão dos povos indígenas. Há registros de celebrações católicas nas capelas dos primeiros engenhos da região desde o final do século XVI. (Mello, 1989) Entre estas podemos destacar as festas de São João Batista (Engenho Bulhões), N.S da Conceição (Engenho Catende), São José (Engenho Novo da Muribeca), São Bartolomeu, Santo André, Santana, entre outras. Segundo Diéguas Júnior (1952), nas capelas dos engenhos coloniais eram realizadas várias festividades religiosas, sendo as principais a Festa do padroeiro, a Festa da Botada e a Festa da Peja.

Figura 5 - Capela do Engenho Manassu em Jaboatão.



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor

No final do século XVI, com o surgimento das primeiras povoações no Vale do Rio Jaboatão, as primeiras igrejas votivas foram levantadas nessas localidades, a fim de atender a tradição católica dos colonizadores. Assim, na povoação de Jaboatão foi erguida, na década de 1590, uma ermida dedicada a Santo Amaro. Já na povoação da Muribeca foi erguida uma igreja dedicada à Nossa Senhora do Rosário. Ambas as igrejas foram elevadas à condição de matriz com a criação de suas respectivas freguesias em 1598, pelo então bispo do Brasil Dom Antônio Barreiros. Surgiram assim as paróquias do Jaboatão e da Muribeca, as mais antigas do município, coma realização das festas tradicionais dos padroeiros das duas localidades – Santo Amaro em Jaboatão e Nossa Senhora do Rosário em Muribeca. (Costa, 1983)

Além das Igrejas situadas nas sedes das povoações, foram levantadas, no final do século XVI, algumas capelas litorâneas na região. Em 1593 já existem referências à Igreja de Nossa Senhora das Candeias, situada na praia de mesmo nome, próxima a embocadura do rio Jaboatão. (Mello, 1989) Esta igreja servia como baliza para a navegação, sendo também mencionada nos documentos do período holandês. (Mello, 2004) Outra capela situada nessa região ficava na Praia de Barra de Jangadas, dedicada ao padroeiro Santo Antônio, junto ao encontro dos rios Pirapama e Jaboatão, estando assinalada em um dos mapas do período holandês do Atlas de George Marcgrave. (Silva, 2011) Ambas as igrejas não existem mais na atualidade, estando em estado de ruínas, mas tanto Nossa Senhora das Candeias como Santo Antônio da Barra permanecem como celebrações importantes e como santos padroeiros de suas atuais paróquias.

Com a vitória conquistada contra os holandeses, nas duas Batalhas dos Guararapes (1648 e 1649), o general Francisco Barreto de Menezes mandou levantar no local uma igreja devotada à Nossa Senhora dos Prazeres. A pequena ermida, construída em 1656, seria ampliada e reformada nas décadas posteriores até adquirir as configurações atuais, no final do século XVIII. No templo, logo após a sua construção, passou a ser realizada a tradicional Festa de Nossa Senhora dos Prazeres, também conhecida como Festa da Pitomba. (Mello, 1971) A celebração tem grande importância dentro do calendário festivo de Pernambuco, tanto pelo seu caráter religioso, como também pelo seu simbolismo histórico para os pernambucanos, já que o evento marcava também a comemoração pela expulsão dos holandeses. Atualmente, a celebração conta também com um calendário profano caracterizado pela presença de feiras, exposições, parques infantis, shows, apresentações teatrais e outras atividades organizadas pela Prefeitura do município. A Festa de Nossa

Senhora dos Prazeres é a maior e a principal celebração religiosa do município, sendo comemorada todos os anos, a partir do Domingo de Páscoa, e se estendendo por 9 dias, sendo registrada como Patrimônio Imaterial do estado de acordo com a lei estadual nº13.759 de 30 de abril de 2009. (Fundarpe, 2009)

Figura 6 - Festa da Pitomba nos Montes Guararapes.



Fonte: Arquivo do IHJ

A partir do século XVII, novas celebrações de origem cristã-católica iriam ser consolidadas na região. O recrudescimento das povoações, com o aumento populacional, notadamente da população escravizada, negra e de pardos livres, fez surgir a edificação de novos templos voltados para a devoção desses grupos étnicos. Assim, tanto em Jaboatão como na Muribeca, foram levantadas igrejas voltadas para o culto a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e para Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos, mantidos por suas respectivas irmandades. Estes templos ficavam situados geralmente na mesma rua do templo matriz da localidade, mas em posição de relevo inferior ao anterior, refletindo assim a posição de inferioridade social e racial dos negros e pardos no Brasil Colônia. (Lima, 2012) Assim, na povoação da Muribeca foram levantadas duas Igrejas: a primeira dedicada à Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos e a segunda dedicada à Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Na povoação de Jaboatão também foram erguidas duas novas igrejas, situadas na mesma rua da Matriz de Santo Amaro: Igreja do Rosário dos Homens Pretos e Igreja do Livramento dos Homens Pardos. A festa de Nossa Senhora do Livramento era comemorada no dia 18 de novembro, com procissão organizada

por sua irmandade. Já a Festa do Rosário dos Homens Pretos era realizada no segundo domingo de outubro, com procissão religiosa, tendo destaque a realização da Coroação do Rei Congo no mesmo evento. (Filho, 1999)

No litoral, após a expulsão dos holandeses do Nordeste, foram levantadas novas igrejas litorâneas. A primeira foi a Capela do Loreto, situada na Praia de Piedade, e construída no ano de 1660, possivelmente em virtude de algum voto pelo fim da invasão holandesa. A segunda foi a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, construída na beira-mar da praia homônima, pelo proprietário da área Francisco Gomes Salgueiro. Conta a tradição local que o proprietário construiu o templo às suas custas em virtude de um voto de livramento diante de um naufrágio. No local, passou a ser celebrada a Bênção dos pescadores, evento religioso em que os pescadores da região tinham suas jangadas benzidas pelos padres da referida igreja (Veloso, 1982)

Figura 7 - A bênção dos pescadores, na Praia de Piedade em 1928.



Fonte: Acervo IHJ

No final do século XIX, os padres salesianos adquirem dois lotes da extinta Colônia Suassuna em Jaboatão, a fim de instalar um colégio salesiano e um local de retiro para os sacerdotes italianos que vinham ao Recife. Surge, em 1900, a Escola Agrícola São Sebastião, liderada pelos padres salesianos e destinada aos alunos pobres da zona rural. Em cima de um monólito que existia na localidade, a congregação salesiana decidiu edificar uma igreja devotada a Nossa Senhora Auxiliadora. Assim, em 1905 tem início a construção da Basílica

de Nossa Senhora Auxiliadora, sob a supervisão do Padre Antonio Vellar, ficando concluída no ano de 1909, mas sendo inaugurada apenas em 1915, com procissão vinda do Recife e conduzida pelo bispo Dom Raimundo da Silva Brito. Com a construção do templo, da escola e da Gruta N.s de Lourdes, a localidade passou a realizar todos os anos: Festa de São Sebastião, comemorada em 20 de janeiro; a Festa de N.s Auxiliadora, celebrada em 24 de maio; e a missa de N.s de Lourdes, comemorada em 11 de fevereiro. (Veloso, op.cit)

Figura 8 - Monumento da Medalha Milagrosa em Socorro, Jaboatão.



Fonte: Acervo do Autor.

Na década de 1950, no bairro de Socorro, por iniciativa das freiras do Convento da Medalha Milagrosa, é construído o monumento de Nossa Senhora das Graças. Situado no cimo de uma colina que domina a vista da região, o monumento consiste numa imensa imagem de Nossa Senhora das Graças, tendo sido sua inauguração realizada através de uma procissão partindo do Recife. Em 1953 é criada a paróquia de N.s do Socorro, cujo templo sede fica localizado nas imediações do monumento. (Veloso, op.cit)

Atualmente, o município do Jaboatão está dividido em 22 paróquias distribuídas por seu território. Entre as principais celebrações realizadas nessas paróquias, além das já citadas, merecem ser mencionadas: A festa de N.s de Lourdes, no Distrito de Cavaleiro; a Festa do Sagrado Coração de Jesus, no Curado II; A festa de N.s do Rosário da Muribeca (incluída no calendário oficial do estado pela lei estadual nº 16.241 de 14 de dezembro de 2017); Festa de N.s do Carmo, em Cajueiro Seco; Festa de N.s das Graças, no Curado IV; A Festa de N.s da Conceição, no Jardim Jordão; e a Festa de Santo Antônio, em Prazeres.

Figura 9 - Festa de N.s de Lourdes em Cavaleiro.



Fonte: Prefeitura Municipal do Jaboatão dos Guararapes.

Celebrações de Origem Afro-brasileiras – Os cultos afro-brasileiros estiveram presentes no território do Jaboatão dos Guararapes, desde o início do período colonial. Graça à presença de um grande número de escravizados africanos, as manifestações de origem africanas tiveram presença marcante na região. Entretanto, devido às proibições que eram impostas aos seguidores de credos não católicos, especialmente das religiões de origem indígena e africanas, os devotos tiveram que muitas vezes camuflar o culto aos orixás sob a aparência de celebrações e práticas do cristianismo, para assim preservar suas tradições. Daí o fato de muitas celebrações e culto aos orixás coincidirem em datas com celebrações de santos católicos. (Arruda, 2012)

Figura 10 - Estátua de Iemanjá, orixá das águas, na Praia de Barra de Jangadas, Jaboatão.



Fonte: Prefeitura Municipal do Jaboatão dos Guararapes.

Mesmo com o advento da República e da separação entre Igreja e Estado (estado Laico), as religiões de origem afro-brasileiras foram intensamente perseguidas, principalmente durante a República Velha e durante a Era Vargas. Os denominados “xangôs<sup>18</sup>” aconteciam em casas e comunidades populares, geralmente localizadas nos morros e periferias das cidades, sendo alvo constantes das denúncias e perseguições policiais. Apesar dessas perseguições, os terreiros resistiam, transmitindo seus credos, crenças, costumes e tradições para as gerações seguintes.

Em Jaboatão dos Guararapes existem atualmente dezenas de terreiros de umbanda, candomblé e de jurema espalhados pelos vários bairros e regionais do município. Segundo a Associação de Terreiros de Pernambuco, o município do Jaboatão possui o maior número de terreiros de candomblé do estado de Pernambuco<sup>19</sup>. Duas são as celebrações mais conhecidas e importantes pelos seus seguidores: Festa de Iemanjá e Festa de Oxum. (Belo, 2007)

A Festa de Iemanjá consiste no culto ao orixá feminino cuja tradição atribui ser a divindade associada aos mares e oceanos. Por isso, seu culto se caracteriza pela realização de danças, batuques e deposição de oferendas junto às praias da região. Em Pernambuco, a celebração à Iemanjá ocorre geralmente no dia 8 de dezembro, mesmo dia em que os católicos celebram Nossa Senhora da Conceição, embora algumas casas comemorem no dia 2 de fevereiro, como acontece na Bahia.

Originalmente, em Jaboatão dos Guararapes, o culto a Iemanjá era realizado na denominada Praia de Venda Grande, local da Praia de Piedade situado no limite com Candeias. Entretanto, a imagem do orixá foi destruída no início dos anos de 1990 pelo avanço do mar. (Belo, 2007) Posteriormente, foi erguida outra imagem do orixá, desta vez localizada na Praia de Barra de Jangadas, próximo ao limite com Candeias e ao encontro das águas do Rio Jaboatão com o oceano. É neste local onde atualmente são realizadas as celebrações, principalmente o **Orixamar**, todo dia 2 de dezembro, evento que teve início em 2014 e que conta com a presença de representantes dos terreiros de todo o estado de Pernambuco.

A segunda devoção mais importante desse segmento religioso dentro do município

---

<sup>18</sup> Xangôs - Culto afro-brasileiro, caracterizado por uma modificação do padrão litúrgico nagô, adaptado e praticado por vários grupos étnicos do Nordeste. O termo Xangô era utilizado também para denominar tanto o culto, como a religião e os locais de culto do candomblé em Pernambuco e em outros estados do Nordeste. Xangô é também um dos orixás do panteão do candomblé, sendo representado por raios e trovões.

<sup>19</sup> Informação disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/projeto-orixamar-celebra-o-dia-de-ianjanja-em-pernambuco/>

do Jaboatão dos Guararapes é a Festa de Oxum. Considerada como o orixá dos rios e da água doce, seu culto se caracteriza pela deposição de oferendas em trechos encachoeirados dos rios e riachos, com seus seguidores entoando cânticos, batuques e vestindo as cores branca e amarela. Os locais escolhidos são trechos encachoeirados do Rio Jaboatão e de seus afluentes, como na Cachoeira do Batoré, em Jaboatão Centro, o encontro dos rios Jaboatão e Duas Unas. (Belo, op. Cit)

Figura 11 - Festa de Oxum em Jaboatão Centro.



Fonte: Acervo do IHJ

Celebrações de Origem Protestantes – O protestantismo chega inicialmente em Pernambuco durante o breve período da Invasão Holandesa (1630-1654). Entretanto, somente no final do século XIX, ainda no período do Segundo Reinado, é que o protestantismo vem a se consolidar em Pernambuco, inicialmente no Recife, com a chegada de missionários vindos tanto da região sul e sudeste do Brasil, como também de outros países. Os principais grupos a se consolidar no estado nesse período foram os congregacionalistas e os presbiterianos, mas a presença de batistas, luteranos e outras denominações não demoraria muito a ser efetivada. (Mafra, 2001)

Em Jaboatão dos Guararapes, a presença de cristãos protestantes ou evangélicos já se fazia presente desde pelo menos a última década do século XIX. O protestantismo em Jaboatão teve advento em 1890, com a chegada dos congregacionalistas. Nas décadas seguintes já se faziam presentes outros grupos: batistas e presbiterianos. O bairro de

“Colônia”, onde se situavam os lotes nº 1, 2 e 3 da Colônia Suassuna (atualmente chamado de São José ou Padre Roma) pode ser considerado o berço do protestantismo de Jaboatão, pois ali foi onde surgiram as primeiras igrejas e congregações evangélicas da cidade. (Dorothy, 2005)

Atualmente, o município do Jaboatão dos Guararapes conta com uma população de mais de 200 mil pessoas que se intitularam evangélicos, de acordo com o censo de 2010. A denominação com maior número de fiéis é a Assembleia de Deus, seguida pelos batistas, presbiterianos, congregacionalistas, pentecostais, neopentecostais, etc. Não existem celebrações que sejam comemoradas em unanimidade por todos os seguidores dessas diversas denominações, mas foi possível identificar quatro datas importantes comemoradas por esse segmento religioso no município:

Dia de Ação de Graças – Ocorre no dia 1 de janeiro de todo ano. Esta data foi a primeira celebração de origem evangélica a ser reconhecida dentro do calendário oficial do município. O evento foi incluído no calendário oficial a partir do ano de 2017 sendo celebrado pela primeira vez em 2018. A celebração ocorre no espaço Cultural Miguel Arraes, em Prazeres, e conta com a presença de pastores e cantores evangélicos.

Figura 12 - Dia de Ação de Graças em Prazeres, Jaboatão.



Fonte: Prefeitura Municipal do Jaboatão dos Guararapes.

Dia do Círculo de Oração – É comemorado no dia 3 de abril. Esta data foi instituída

no calendário oficial do município a partir do projeto de Lei 008/2019, apresentado e aprovado pela Câmara de Vereadores, cuja lei reconheceu também os Círculos de Oração da Assembleia de Deus como Patrimônio Imaterial do município<sup>20</sup>.

Dia da Escola Dominical – Esta celebração é comemorada por algumas denominações evangélicas do município, notadamente assembleianos, batistas e outros grupos. Tem sua comemoração no dia 18 de setembro, sendo muitas vezes transferidas para algum domingo próximo a essa data. A Escola Dominical consiste numa atividade de ensino e educação confessional que ocorre dentro das igrejas e que teve início no Brasil ainda no século XIX, sendo praticada por várias igrejas e denominações.

Dia da Bíblia – É comemorado no segundo domingo de dezembro em muitos grupos protestantes, tanto pentecostais como não pentecostais. Alguns grupos realizam eventos externos, ou seja, fora dos templos com cultos, pregações, louvores e atividades ao ar livre. O evento enfatiza a importância da Bíblia como um livro sagrado para os seguidores do protestantismo.

Figura 13 - Praça da Bíblia, no Curado II, onde se homenageia a Bíblia entre os evangélicos.



Fonte: Acervo do Autor

---

<sup>20</sup> - Informação disponível em: <https://www.jaboataodosguararapes.pe.leg.br/ciclos-de-oracao-da-assembleia-de-deus-sao-agora-patrimonio-imaterial-de-jaboatao>

### 3.2 SANTO AMARO – ORIGENS DA DEVOÇÃO

Figura 14 - Imagem de Santo Amaro levada em procissão.



Fonte: Acervo do Autor

A devoção aos Santos é bastante antiga na história do Cristianismo. Já nos primeiros séculos da Era Cristã várias pessoas passaram a serem veneradas como santos. Segundo Cunningham (2011), a palavra “santo” (do grego *agios*) já era frequentemente usada na literatura dos primeiros séculos do Cristianismo, estando presente tanto nas escrituras canônicas como não-canônicas. A palavra “santo” tem o significado original de “pessoa sagrada”, ou pessoa consagrada para Deus ou pessoas próxima de Deus, como afirma o autor:

Outra maneira de descrever um santo seria, nesse sentido, descrever uma ‘pessoa sagrada’. A tradição bíblica postula a santidade essencialmente como uma característica de Deus. Deus é sagrado. Tudo mais – pessoas, lugares, coisas, ações, ritos, prédios, livros, e assim por diante – tornar-se sagrado à medida que se une ou se identifica com a santidade de Deus. Quando Paulo fala das ‘pessoas sagradas’ (isto é, dos santos) das primeiras comunidades cristãs, ele quer dizer que por sua identificação com Deus, por meio das obras redentoras de Cristo, elas se uniram e se identificaram com o Senhor e, assim sendo, são santas. Santidade, pois aplica-se a uma pessoa em relação ao grau em que ela se associou à fonte da santidade, ou seja, a Deus. A primeira carta de Pedro torna esse ponto muito claro: ‘Em vez disso, tendo em vista que Ele (ou seja, Jesus Cristo), que vos chamou, é santo, sejam vocês santos em todos os seus atos, pois está escrito: ‘Sede santificados, por que sou Santo’. (Cunningham, 2011)

Entre aqueles que foram considerados santos pelos primeiros cristãos estavam os mártires, ou seja, pessoas que foram vítimas de perseguições em virtude de sua fé, pagando com a própria vida em defesa de seu testemunho cristão. Os mártires foram numerosos nos primeiros séculos do Cristianismo, quando a religião foi intensamente perseguida dentro do Império Romano. Entretanto, outros santos passaram a serem venerados em virtude de relatos de curas e de milagres, seja durante a sua vida, ou mesmo depois de sua morte. Um terceiro grupo de pessoas consideradas santas foram aqueles que por seu exemplo de vida abnegada ou por seus ensinamentos acabaram sendo reconhecidas pela Igreja ou pela comunidade como portadores de santidade, sendo por isso cultuadas. (Cunningham, 2011)

Atualmente, são reconhecidos pela Igreja Católica mais de 35 mil santos, sendo 10 mil deles oficializados no calendário litúrgico. (Graviers *et al*, 2003) importante destacar que somente a partir do século XII é que a Igreja Católica passou a estabelecer um procedimento oficial e formal para o reconhecimento da santidade de um indivíduo. Antes disso, predominava o apelo popular, e os primeiros apóstolos, mártires, profetas e demais pessoas reconhecidas como “santos” não passaram por nenhum procedimento formal. Somente a partir do século XII foi estabelecido o processo de canonização, ou seja, o reconhecimento oficial pela Igreja da santidade. A canonização é um processo longo e burocrático, levando muitas vezes várias décadas depois da morte do candidato, passando este pelas fases de veneração, beatificação e, por fim, canonização. (Cunningham, 2011) Devido a esta dificuldade pela formalização que há muitos casos de “santificação” pelo apelo popular, ou seja, quando o santo não é reconhecido pela igreja, mas é muito devotado pelos fiéis, como é o caso do Padre Cícero Romão, no Ceará.

No Brasil, país colonizado pelos portugueses em sua grande maioria de religião católica, a devoção aos santos fez-se presente desde o primeiro século do período colonial. Alguns santos e santas se tornaram bastante comuns e populares no Brasil: Santo Antônio, São José, São Sebastião, Santo Expedito, São João Batista, São Cristóvão, São Braz, São Pedro, São Gonçalo, Santa Luzia, Sant’Ana, Santa Terezinha, Santa Bárbara, Santa Edwírges, entre outros. Também são bastante populares os diversos títulos devocionais de Santa Maria: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora Aparecida, etc. (Gomes, 2012)

Entre os santos mais devotados pelos portugueses, cuja veneração foi trazida para o Brasil, está Santo Amaro ou São Mauro. Afirma a tradição católica que Amaro era um jovem

romano que viveu no século V, cujos pais eram de família nobre, tendo sido entregue para ser educado por São Bento. (Megale, 2003) Tudo que se sabe sobre Santo Amaro está escrito apenas em dois trechos do livro “Vida de São Bento”, de São Gregório Magno. Na obra, Santo Amaro é descrito como tendo realizado o milagre de “andar sobre as águas” ao salvar um menino de afogamento, a pedido do próprio São Bento. Monge discípulo de São Bento, Santo Amaro é considerado um dos fundadores da ordem dos Beneditinos, tendo fundado o primeiro mosteiro da ordem em Granfeuildo Anjou, na França. Faleceu em 15 de janeiro de 567, aos 72 anos de idade, sendo por isso sua festa comemorada pela Igreja Católica no dia 15 de janeiro. (Barreto *et al*, 2011)

No Brasil, a devoção a Santo Amaro se fez presente desde o primeiro século de colonização portuguesa no Brasil. Desde o início, a devoção ao santo batizou várias localidades do Brasil Colônia: Capitania de Santo Amaro, Povoação de Santo Amaro no Recôncavo Baiano, Santo Amaro do Maranhão, Santo Amaro de São Paulo, Santo Amaro do Sul, no Rio Grande, etc. Em Pernambuco, além de Santo Amaro de Jaboatão, são bastante conhecidas as devoções a Santo Amaro das Salinas, no bairro homônimo, no Recife, Santo Amaro de Serinhaém e Santo Amaro de Taquaritinga do Norte. Embora sua devoção não seja tão popular quanto São João ou São José, o culto ao santo pode figurar entre os mais devotados do estado de Pernambuco. (Barreto et al, 2011.)

Figura 15 - Fotografia antiga da Imagem de Santo Amaro de Jaboatão



Fonte: Jornal O Jaboatonense, edição de 15 de janeiro de 1960.

### 3.3 SANTO AMARO DE JABOATÃO – HISTÓRIA DA DEVOÇÃO

Figura 2 - Altar-mor da Igreja Matriz de Santo Amaro com imagem do santo ao fundo.



Fonte: Acervo do Autor

A história da devoção a Santo Amaro em Jaboatão está intrinsicamente ligada às origens da cidade. A tradição histórica pernambucana, consagrada com autores como Pereira da Costa (1983) e Sebastião Galvão (2006), afirma que as origens da povoação de Jaboatão estão no Engenho São João Batista, localizado nas margens do Rio Jaboatão. O Engenho São João Batista tem origem na sesmaria de Gaspar Alves Pugas, doada no ano de 1566, que possuía uma légua de terras em quadro nas margens do Rio Jaboatão, seguindo o modelo da maioria das sesmarias da região. (Veloso, 1982)

Provavelmente levantado na década de 1570, o Engenho São João Batista já safrejava no ano de 1575. Em 1584, o engenho é vendido para Pedro Dias da Fonseca que novamente vende a propriedade para o terceiro proprietário, Bento Luís de Figueirôa. Este último adquiriu o engenho por escritura pública lavrada na Vila de Olinda em 4 de maio de 1593, juntamente com sua mulher, Dona Maria Feijó (Costa, 1983). Segundo Pereira da Costa e Sebastião Galvão, após adquirir a propriedade, Bento Luís de Figueirôa e sua esposa incentivaram o povoamento da localidade, dando origem assim à povoação de Jaboatão, erguida junto à confluência dos rios Jaboatão e Duas Unas. Como afirma Pereira da Costa:

Já em tempos de Bento Luís de Figueirôa, nos últimos anos do século XVI,

começaram a afluir para as suas terras várias pessoas com o intuito de levantar casas de moradia na parte situada entre os rios Jaboatão e Una, e na confluência deste com aquele, e concedendo ele o necessário terreno para semelhante fim, a título de aforamento perpétuo, surgiu dentro de poucos anos uma aprazível povoação, que tal incremento teve que, em 1598 recebia os foros de paróquia sob o orago Santo Amaro, de cuja igreja matriz fora ainda ele o fundador.

Eis aí a origem da bela, aprazível e atual cidade do Jaboatão, cujas terras ainda hoje são foreiras do Engenho Bulhões. (Costa, 1983)

Em virtude do incentivo recebido, não demorou para que a povoação crescesse, sendo-lhes necessário a construção de uma igreja ou capela, para atender aos ofícios religiosos da população local. Assim, como benfeitores da localidade, vem novamente Bento Luíz de Figueirôa e sua esposa Dona Maria Feijó a doarem o terreno e os recursos necessários para a construção do templo. Surge assim, naquela última década do século XVI, a primeira igreja de Santo Amaro, padroeiro de Jaboatão, escolhido possivelmente em virtude da devoção particular de seus benfeitores. Como descreve o historiador Sebastião Galvão:

Em 1593, Bento Luíz de Figueirôa, natural do Porto, e sua mulher D. Maria Feijó, natural de Olinda, eram os terceiros proprietários do Engenho S. João Batista, mais tarde e atualmente denominado Bulhões, de seu seguinte proprietário o fidalgo Antônio Bulhões, que adquiriu por compra feita a Pedro Dias da Fonseca, em escritura pública passada em 4 de maio de 1593. E, como por esse tempo, começassem a afluir para as terras do seu engenho várias pessoas com o intuito de aí estabelecerem residência, na parte compreendida entre os rios Una e Jaboatão e na confluência deste com aquele, Bento Luiz e sua mulher concederam os terrenos precisos para semelhantes construções, a título de aforamento perpétuo. Dentro em pouco estava formada uma povoação e, Bento Luiz, doando o terreno necessário para a fundação da igreja de S. Amaro, atual matriz, concorreu para isso com avultados donativos.

(Galvão, 2006)

Construída, portanto, em fins do século XVI, a Igreja de Santo Amaro de Jaboatão viria a adquirir o status de paróquia e sede da freguesia, ainda na década de 1590. Assim, em

virtude da visita à Capitania de Pernambuco do então bispo do Brasil, Dom Antônio Barreiros, a Igreja de Santo Amaro de Jaboatão é elevada à condição de matriz da paróquia, tornando-se assim sede da freguesia, no ano de 1598. O primeiro vigário de Santo Amaro foi o padre Antônio André, sendo seu coadjutor o Padre Domingos Madeira. (Mello, 1984)

Em relação à Festa do Padroeiro, tudo faz crer que teve origem de formasimultânea à construção do templo. Todavia, atualmente a paróquia adota como data de início da Festa de Santo Amaro o ano de 1598, data de elevação da igreja à sede da freguesia. Todavia, a igreja já estava em pleno funcionamento antes disso, com realização de missas e festas religiosas, pelo menos desde 1594, como demonstra a documentação reunida pelo historiador José Antônio Gonsalves de Mello, intitulada “Denúncias e Confissões de Pernambuco”. (Mello, 1984)

A Igreja e a devoção a Santo Amaro na localidade sobreviveram ao período da Invasão Holandesa. Todavia, no final do século XVII, o templo se encontrava bastante arruinado. Tudo indica que a localização dessa primitiva Igreja de Santo Amaro fosse bastante diversa da atual, localizada em área afastada da povoação e mais próxima da sede do Engenho São João Batista, agora denominado de Engenho Bulhões. Esses fatores levaram o pároco da época, Padre Adriano de Almeida, construir uma nova igreja, situada na localização atual, na eminência de um morro ao norte da povoação, como veio de fato a ser executado em 1691. Como mais uma vez descreve Pereira da Costa:

Um século depois, achando-se a Igreja bastante arruinada, e então, mal situada, naturalmente por se estender a povoação em direção oposta, e ficar assim distante do centro da população, resolveu o vigário da freguesia Padre Adriano de Almeida empreender, pelos anos de 1691, a construção de um novotemplo, em situações convenientes, o que feito, o referido vigário, a Irmandade do S.S Sacramento e várias pessoas da localidade dirigiram um requerimento ao soberano pedindo-lhe alguns ornamentos para a celebração do culto na igreja nova que fizeram, o qual veio para o governador Caetano de Melo e Castro informar com o seu parecer, por carta régia de 12 de janeiro de 1697. (Costa, 1983)

A construção da Igreja numa nova situação deu uma nova configuração urbana para a povoação. Agora, o povoado de Jaboatão, elevado à condição de distrito no ano de 1764, estava dividido em dois setores: parte baixa, mais antiga, onde se situava o comércio; e a

parte alta ou acrópole, onde se situava o adro religioso da povoação e suas igrejas. Além da Igreja Matriz de Santo Amaro, o local veio a receber no século XVIII dois outros templos: Igreja de Nossa Senhora do Livramento, construída em 1774; Igreja do Rosário dos Homens Pretos, que já existia desde pelo menos 1774. Os três templos formavam um conjunto arquitetônico de formato triangular, ao redor da Rua da Matriz ou Rua de Cima, posteriormente chamada de Rua de Santo Amaro, onde eram realizadas as principais celebrações religiosas, inclusive a Festa do Padroeiro. (Barros, 2005)

Figura 3 - Rua de Santo Amaro, mais conhecida como "Rua de Cima".



Fonte: Acervo do Autor

Em meados do século XIX, a Igreja Matriz de Santo Amaro passou por uma grande reforma e ampliação. Concluída em 1852, a reforma aumentou de forma significativa as dimensões do templo, que anteriormente estava resumido à nave e capela-mor atuais. Com a reforma, o templo adquiriu seu atual frontispício sem as torres, os corredores laterais, salas laterais e sacristia, passando a ter grandes dimensões. Como descreve Van-Hoeven Veloso (1982):

Em 1852, sofreu a matriz uma completa remodelação e ampliação para as proporções atuais. Presume-se que antes dessa reforma, a matriz constava, apenas da nave e dos altares laterais. Com a ampliação, devem ter sido construídos os vãos e salas laterais, a sacristia, o coro e, talvez, o altar-mor. Não poderia ter sido uma ampliação de pequena proporção e sem importância, do contrário não teriam

assinalado o ano de 1852 no frontispício da matriz. Com o conserto geral do telhado em 1991, o vigário resolveu substituir o ano de 1852 pelo ano de 1691. (Veloso, 1982)

A atual igreja de Santo Amaro somente veio a adquirir suas feições contemporâneas, com duas torres sineiras, no início do século XX. Ainda no final do século XIX, ocorreu a construção da torre do lado leste, pelo então vigário João Pereira de Araújo Pedrosa. Posteriormente, já na década de 1920, veio a construção da segunda torre sineira, localizada no lado oeste, pelo então vigário Padre Chromácio Teixeira Leão. Após a conclusão desta última verificou-se um fato singular: a segunda torre ficara 10 cm mais larga que a primeira. Assim, a Igreja Matriz de Santo Amaro é uma das únicas possuem torres assimétricas na região. (Peixoto, 1976)

Figura 18 - Fachada da Igreja Matriz de Santo Amaro, Jaboatão.



Fonte: Acervo do Autor

Depois de 1920, o templo passou apenas por reformas de manutenção, que não trouxeram modificações significativas para a edificação. No final do século XX, chegou a existir no templo um museu sacro, dedicado a Santo Amaro, com vários artefatos religiosos e peças de ex-votos. (Araújo, 1988) Todavia, o museu foi desfeito na década de 1990 e seu mobiliário foi disperso. Atualmente, a igreja constitui um importante Patrimônio Histórico da cidade do Jaboatão dos Guararapes, estando inserida no Sítio Histórico de Jaboatão Centro, tombado a nível municipal. (Fundação Yapoatam, 1996)

### 3.4 A FESTA DE SANTO AMARO – AO LONGO DA HISTÓRIA

A Festa de Santo Amaro de Jaboatão vem sendo celebrada desde a fundação de sua igreja, na última década do século XVI. Neste ano de 2024 esteve em sua 426ª edição oficial, sendo, portanto, uma das mais antigas do município e do estado de Pernambuco. Todavia, somente a partir do século XIX é que se encontram fontes mais detalhadas sobre a festividade, como será visto a seguir.

O primeiro relato histórico a respeito da Festa de Santo Amaro de Jaboatão vem de meados do século XIX. Em matéria intitulada “*Viagem descritiva de Recife a Santo Amaro – Jaboatão em 23 de janeiro de 1855*”, o sr. M.P. de Moraes Pinheiro descreveu uma visita ao povoado de Jaboatão, durante a realização da Festa de Santo Amaro daquele ano. Publicada no jornal Diário de Pernambuco, em 31 de janeiro de 1855, assim descreve sua visita (Pinheiro, 1855):

Um som confuso, algumas vezes distinto, se elevava aos ares com o ciclo da brisa e murmúrio das águas: outras vezes era uma voz retumbante, sonora como o ronquejar do oceano nas horas solitárias da noite: as línguas de bronze chamavam os habitantes às assistências dos mistérios do homem. Deus, a festa principiara.

Subimos a encosta do monte, em cujo cume se erguem as alvas paredes do templo de Santo Amaro: numerosas cabeças rodeavam a vasta praça em frente do templo: os panos de cores variadas e vivas, dos homens, mulheres e meninos, as sombras, os raios do sol, a natureza vestida de galas, animava o quadro e despertava o mais insípido indiferente.

O interior do templo com as muralhas simples como a natureza que o cercava, com as tribunas e corpo do templo, povoado por milhares de cristãos do campo e da cidade; o ar fresco, o balanço dos cafezeiros e laranjeiras em flor, a música algumas vezes terna, saudosa, outras vezes viva e delirante, os olhos das virgens dos campos alçados sem afeição para os altares, ou volvidos para o céu com toda a ingenuidade de suas almas puras; as donzelas da cidade ressentindo-se do sorrir, do olhar, do fazer estudado dos salões; o fumo odorífico do *thuributá*, o clarão dos círios dos altares, o resfolgar de tantas criaturas, fazia o espírito oscilar num mar de pensamentos sublimes e santos, até que os cantos monótonos dos ministros, ou as vozes trêmulas dos coristas, embalassem a alma em doce sensibilidade, e em lágrimas deslizassem docoração em homenagem do homem Deus, do Cristo.

Tal foi a impressão que nos despertou a festa do campo.

(Pinheiro, 1855)

Neste relato, o autor ressalta inicialmente os aspectos dos fiéis em sua devoção no templo, no pátio em frente a matriz, destacando a multidão e a ornamentação utilizada nas vestimentas do povo ali presente. A missa em honra a Santo Amaro era caracterizada pela multidão em suas roupas de gala, pelos gritos convocando os devotos, pela música cantada pelo coro que sensibilizava a alma dos presentes e pelo incenso que deixava um odor característico no ar. A postura de devoção e de adoração dos presentes na missa, notadamente das virgens e moças, é ressaltada nesta impressão deixada da festa por este ilustre visitante do século XIX. O autor do relato deixa expresso também o papel da festa não apenas como lugar de culto religioso, mas também de encontro social, onde pessoas de todas as idades e estratos sociais se encontravam, ostentando suas roupas e posições sociais, bem como também usufruindo das opções de entretenimento oferecidas na parte profana da festa, numa época em que as opções de lazer eram poucas. (Pinheiro, 1855)

Além de deixar registrado certos aspectos do culto sagrado da Festa de Santo Amaro, o autor também faz registro de uma cavalhada que era realizada após a missa. Enquanto a missa era realizada no templo e no pátio em sua frente, situados na parte alta da povoação, a cavalhada por sua vez era realizada na parte baixa, na época chamada de Estrada da Vitória, que corresponde atualmente a Praça Nossa Senhora do Rosário. Temos assim, o que parece ser a parte “profana” da Festa de Santo Amaro, cujo principal evento era esta cavalhada<sup>21</sup>. Como descreve o autor:

Das casas e lados da estrada a imensa quantidade de cabeças ondulantes, como os canaviais movidos pelos zéfiros nas horas do pôr do sol; no centro uma estreita faixa em claro; na extremidade da faixa uns doze cavaleiros armados de lanças como em justas e torneios da Idade Média; no lado oposto os juízes. Toda aquela afluência de gente suspirando rindo somente, gritando, rindo a bandeiras despregadas, tossindo, escarrando, maldizendo a demora, aguardavam as horas das cavalhadas: homens e meninos, velhos e moços, gordos e magros, ricos e pobres, camponeses e cidadãos dali não saíam só para terem o gosto ou de aplaudirem ou de patearem,

---

<sup>21</sup> Cavalhada – Folgado ou Festejo popular do Brasil que teve origem no Portugal medieval e que foi trazido para o Brasil colônia. Tem como características a exibição de cavaleiros ornamentados representando a luta entre cristãos e mouros pela Península Ibérica.

estrandosamente o mau cavalheiro.

As cavalhadas – é dos poucos divertimentos que nos legaram os nossos antepassados, que faziam-nas em todas as festas para que na mocidade se desenvolvesse o gosto pela equitação, pelo exercício, pelo garbo militar. Quer nos tempos passados, quer no presente, a remuneração dos cavaleiros é a mesma: os expectadores aplaudem aqueles que correm bem, a música os acompanha, e as fitas flutuantes nos braços dos cavalheiros provam-lhes que bem mereceram do sexo amável. Se porém o cavaleiro é infeliz volta desapontado pela má corrida, pelo silêncio da música e pelo murmúrio do povo.

Depois de correrem várias vezes, vão a tenda dos juízes, onde passam pelo martírio de novo julgamento.

Em geral todos os cavaleiros de Santo Amaro Jaboaão, muito bem desempenharam a comissão que a si mesmo impuseram.

(Pinheiro, 1855)

Como é possível compreender acima, não apenas a devoção religiosa e o culto ao Santo moviam a festividade. As pessoas também eram atraídas pelas atividades profanas, realizadas após a missa oficial no templo, sendo, todavia, realizadas na parte baixa da cidade. Os largos, adros e praças exerciam um papel importante nas cidades do Brasil Colônia, sendo o espaço principal para as exposições públicas dos folguedos durante as festas, como era o largo da Feira de Jaboaão na época, situado na parte baixa da cidade<sup>22</sup>. Em meados do século XIX, a cavalhada, uma disputa e exposição entre cavaleiros, era a atração principal, gerando grande expectativa entre os presentes. A Igreja permitia a exposição desses folguedos populares como uma estratégia tanto para atrair mais público para a festividade religiosa como também para garantir que a população permanecesse mais tempo no lugar. Com o tempo, outras atrações e manifestações culturais vieram a integrar a parte profana do evento, tais como pastoris e bumba-meu-boi<sup>23</sup>. (Campelo, 1919).

<sup>22</sup> Inicialmente a Feira de Jaboaão era realizada no largo central da cidade, situado na parte baixa, atual Praça Nossa Senhora do Rosário. Somente em 1960 foi transferida para o atual local, por trás da Rua Câmara Lima.

<sup>23</sup> Pastoril é um folguedo que nasceu na Europa e está ligado ao ciclo natalino. Representa as pastorinhas a caminho de Belém para visitar o menino Jesus. Já o Bumba-meu-boi é um folguedo popular que surgiu no Nordeste brasileiro em meados do século XVIII, depois se espalhando por outras regiões. Tem origem no auto do boi, um conto popular que foi passado de geração em geração. Ambos os folguedos são tradições populares de Jaboaão do final do século XIX e início do século XX, segundo a obra de Samuel Campelo, Escada e Jaboaão, escrita em 1919.

Figura 19 - Largo da Feira em 1953, atual Praça N.s do Rosário em Jaboatão.



Fonte: Acervo do IHJ

A partir de meados do século XIX, a povoação de Jaboatão passa a ter melhores comunicações com o Recife e com outras localidades vizinhas, o que explica a facilidade de fluxo de pessoas para o evento. Desde 1836 que a localidade já estava ligada ao Recife e à Vitória de Santo Antão pela Estrada da Vitória, construída naquele ano. Em 1845 foi construída pelo governo da província a Estrada da Escada, ligando Jaboatão ao Cabo e a Cidade de Escada. Em 1877 foi construída a Estrada da Luz, ligando Jaboatão ao povoado de Nossa Senhora da Luz, em São Lourenço da Mata. (Pinto, 1949)

Em 1872 passa a funcionar o primeiro serviço de diligências entre o Recife e Jaboatão. O “ônibus” partia às 6 da manhã de Jaboatão e somente voltava do Recife a partir de 15 horas. Mas as comunicações com a capital somente ganharam maior força com a inauguração da Estrada de Ferro Central de Pernambuco, ligando Recife à Caruaru, passando por Jaboatão. A Estação Jaboatão foi inaugurada em 25 de março de 1885, integrando a Cidade de Jaboatão (emancipada em 1873) com o Recife e com várias cidades do interior. (Araújo, 1988)

A partir dessas mudanças, a Festa de Santo Amaro passou a ter uma influência regional maior, atraindo pessoas não apenas de Jaboatão, mas também de cidades vizinhas e principalmente do Recife. Muitas pessoas vinham da capital do estado para o evento religioso em Jaboatão, sendo inclusive necessário que a ferrovia cedesse trens exclusivos para quem ia participar das celebrações. Como noticiava o Jornal A província em 27 de janeiro de 1900:

Hoje e amanhã haverá um trem especial, partindo de Jaboatão para o Recife às 11 e meia da noite, a fim de reconduzir as pessoas que forem àquela cidade assistir a Festa de Santo Amaro.

(A Província, 27 de janeiro de 1900, pg 1)

A programação da Festa de Santo Amaro nessa época contava com: abertura do templo para visitação, missa solene com orador especialmente convidado, procissão pelas principais ruas da cidade, momento para o canto do hino *Te Deum Laudamus*<sup>24</sup>, queima de fogos de artifícios, etc. No final da festa, havia um trem especial para conduzir os fiéis de volta para o Recife, como demonstra notícia publicada no Jornal A Província em 24 de janeiro de 1900:

Escrevem-nos de Jaboatão: Realizar-se-á com o máximo de esplendor, no próximo domingo, a festa do glorioso Santo Amaro, na cidade de Jaboatão, constando dos seguintes actos:

Na véspera, a igreja estará exposta a visitação dos fiéis, apresentando uma majestosa ornamentação.

Pelas 5 horas da manhã de 28 soltar-se-á uma salva de 21 tiros, como prenúncio da festa.

As 11 horas do dia, depois de recitadas as matinas, entrará a missa solemne, ocupando a tribuna sagrada, por ocasião do evangelho, o eloquente e virtuoso cônego monsenhor dr. Estanislau de Carvalho.

Pelas 4 horas da tarde sairá para percorrer as ruas da cidade aparatosa procissão, acompanhando-a duas bandas de música marceais.

Às 6 horas, entrará o *Te Deum Laudamus*, pregando antes o ilustrado pregador sacro rvd.m Padre Galdino Pimentel. Depois do *Te-Deum* será queimado um grande fogo de artifício.

Um trem especial conduzirá os devotos para o Recife, depois de todos os actos, havendo com igual destino outro trem no sábado, às 11 horas da noite.

(A Província, 1900)

No início do século XX, a Festa de Santo Amaro continuava a ser uma festa de

---

<sup>24</sup> *Te Deum Laudamus* é um hino sacro de origem romana cujo significado é “a Vós, ó Deus, louvamos”, sendo utilizado na liturgia católica como parte do ofício de leituras.

expressão não apenas local, mas também regional. A Festa movimentava não apenas a denominada Rua de Cima, principal logradouro onde se situa a Igreja Matriz, mas também as ruas e logradouros vizinhos – Rua Bernardo Vieira de Melo, Ladeira da Macaíba, Praça N.s do Rosário, etc. Nos dias de festa, estas artérias principais e adjacentes ficavam ocupadas por barracas de vendas, onde eram comercializados comidas típicas, artigos religiosos, brinquedos infantis, artesanatos, entre outros produtos. (Silva, 2004)

É importante assim destacar toda a teia social e econômica que era movimentada não apenas durante a realização do evento, mas também nos dias, semanas e até meses que o antecediam. Várias pessoas e profissionais estavam envolvidos, indiretamente e diretamente na organização da Festa de Santo Amaro. Eram voluntários da paróquia que ajudavam na organização das missas; operários e ferroviários da Great Western que ajudavam na ornamentação e iluminação das ruas e da fachada da igreja; comerciantes que preparavam produtos especialmente para serem comercializados na festa; costureiras e bordadeiras que teciam roupas para serem utilizadas no evento. Grande parte da sociedade jaboatonense ficava mobilizada e envolvida para a celebração, principal Festa Religiosa de Jaboaão Centro. (Silva, op. Cit.)

Em virtude de sua proximidade no calendário com as festas de fim de ano (Natal e Ano Novo), a Festa de Santo Amaro era quase que uma continuação dos festejos natalinos. Tendo início no dia de Reis (6 de janeiro) e prosseguindo até o dia 15, tudo tinha que estar praticamente pronto, portanto, antes do Ano Novo. Os tradicionais parques de diversões permaneciam em Jaboaão por um período bastante prolongado, justamente para acompanhar tantos os eventos natalinos como a Festa do Padroeiro. Como descreve o maestro Luiz Caetano da Silva (2004):

Ao romper de cada ano novo já tudo estava quase pronto para a festa do padroeiro da cidade, o glorioso Santo Amaro. A velha Rua de Cima se animava toda então e ficava em polvorosa com a chegada dos carrosséis, rodas gigantes, jaús; barracas de prendas, de gelada, de cachorro quente; pescarias, mamulengos, casa de farinha em miniatura, movidas a eletricidade, onde se viam as raspadeiras de mandioca, os trabalhadores no rodete, as amassadeiras na prensa, o forneiro remexendo a farinha, etc. havia também outro brinquedo eletro-eletrônico: dos castigos do inferno, sendo um deles mais engraçados: o que representava a comadre que namorou o compadre, rondando os dois de mãos dadas, um de frente para o outro, sem parar. Na Ladeira da Macaíba, atual Rua Padre Chromácio Leão,

situavam-se as geladeiras – barraquinhas de venda de deliciosos sucos de frutas da estação, como abacaxi, cajá, maracujá, mangaba, coco, etc, a que todos conheciam por ‘gelada’. Por ali também estavam os vendedores de sorvete japonês (gelo raspado na ocasião e colocado no copo ao qual se acrescentava mel de framboesa, maçã, coco, baunilha, morango e outras essências gostosas, coloridas e aromáticas), doçura da meninada e de gente grande também. (Silva, 2004)

Não é possível falar da Festa de Santo Amaro de Jaboatão sem mencionar a figura do Padre Chromácio Leão. Nascido em Canguaretama, no Rio Grande do Norte, tomou posse como vigário da paróquia de Jaboatão no ano de 2012, substituindo o Padre José Pedrosa que sofria de problemas de saúde. (Peixoto, 1976) Ao assumir a paróquia, tomou várias medidas para restabelecer a frequências às missas e renovar o fervor religioso dos fiéis. Juntou esforços para reformar a igreja matriz, que estava em precário estado, bem como para construir a Torre sineira do lado oeste. Foi ele quem instituiu a Festa de São Sebastião, comemorada no dia 20 de janeiro, em agradecimento pelo fim do surto de varíola que assolava a cidade. (Silva op. Cit.)

O Padre Chromácio Leão Teixeira era também um excelente músico, e realizou várias ações voltada para esta área na paróquia. Fundou em 1914 a Banda Paroquial, reunindo alguns dos melhores instrumentistas da cidade na época, sendo ele mesmo o maestro da banda, sendo por isso mesmo conhecida como “Banda do Padre”. Contratou vários músicos para compor a Orquestra Sinfônica ou Orquestra Sacra, para acompanhar as missas devotadas a Santo Amaro. Fundou também a “Schola Cantorum Santo Amaro”, também conhecida como Orfeão Paroquial, que reunia crianças pobres e órfãs da comunidade. (Peixoto op. Cit.) Estes grupos atuavam nas missas e celebrações semanais, mas era na Festa do Padroeiro que se destacavam, exibindo suas sinfonias, retretas, missas e cantos devocionais, alcançando no evento o auge de suas exibições. Como descreve o maestro Luiz Caetano da Silva (2004):

Às 16 horas, devida e garbosamente fardada, instrumentos reluzindo ao sol, em formatura de três ou de quatro colunas, conforme fosse o número disponível de músicos na ocasião, a Banda Paroquial descia a ladeira, tocando e marchando, arrebanhando uma verdadeira multidão, em demanda da residência dos juizes da bandeira a fim de acompanhar a procissão, abrilhantando-a com lindas marchas, chamadas de procissão, em direção ao pátio da festa, onde seria ela hasteada para ali permanecer durante os dez festivos dias. Durante a procissão não se rezavam terços

nem se recitavam ladainhas, por não se tratar de uma penitência, mas de um préstimo festival. A Banda e o andor eram os pontos altos da procissão. Depois do hasteamento seguia-se, dentro da matriz, o início da novena, com o rosário dialogado entre o vigário e os fiéis ladainha de N. Senhora cantada pela Schola Cantorum Santo Amaro, bênção do Santíssimo Sacramento, quando se ouvia *Tantum Ergo*. Euge e outros hinos sacros, geralmente de autoria do Padre Chromácio. A Banda presenciava toda a cerimônia religiosa saudando o S.S Sacramento com um trecho da brilhante marcha religiosa. Lá fora, após o ato religioso, a festa de rua rolava, com retreta obrigatória e demais atrações folclóricas. O Vigário permitia a apresentação dos diversos grupos de tradição popular como o mamulengo, o bumba-meu-boi (o Boi de Porfírio, tendo como miolo o vermelho Zé Inglês, filho do próprio Porfírio, ex-tarolista da Banda Paroquial), guerreiros, etc. Só havia restrição ao pastoril, por ser ofensivo a moral, e ao fandango, por causa da figura obrigatória nessa brincadeira, que ridicularizava o sacerdote.” (Silva, 2004)

Como é possível constatar, a partir da descrição acima, a Festa de Santo Amaro não ficava reduzida a realização de procissões e missas. O evento contemplava a exibição de retretas musicais, hasteamento de bandeiras, cantos corais, sermões de oradores especialmente convidados e apresentações de grupos folclóricos. Entre os grupos folclóricos, destaque para o bumba-meu-boi, o mamulengo, os guerreiros (caboclinhos) e pastoris (profanos). Estes últimos não eram permitidos a sua exibição na Rua de Cima, a principal do evento, mas acabavam sendo exibidos na parte baixa da cidade, por trás do Mercado Público, por serem os pastoris profanos considerados “imorais” para a sociedade da época. (Silva, op. Cit)

Importante destacar a participação da sociedade civil na Festa de Santo Amaro, além dos grupos diretamente ligados à paróquia. A Festa movimentava e engajava os trabalhadores ferroviários da Great Western, que ajudavam na decoração da Rua de Cima, da Igreja, da iluminação pública e da ornamentação da imagem do Santo; operários da Fábrica de Papel também contribuía com a sua banda de música e ficando com os noiteiros de um dos dias de festa; a Banda Ferroviária, ligada às Oficinas da Great Western, e a Banda do 14º Batalhão de Infantaria, também participavam dos dias de festa, bem como outras bandas de música: Municipal, da Usina Jaboação, da Fábrica Portela, da Socièté Belge-Bresilienne de Moreno, entre outras. (Peixoto, 1976)

Vale ressaltar também a participação feminina na organização da Festa de Santo

Amaro. Isto porque muitas mulheres devotas participavam ativamente não apenas durante a realização do evento, mas notadamente durante sua organização. Entre as principais personagens femininas da Festa estavam as figuras de Dona Cila (Cecília Brandão) e Penina (Maria Olímpia Brandão), duas irmãs residentes na primeira casa da Rua de Cima. As duas irmãs, pertencentes à família Brandão, participavam de todas as etapas da organização da festa: confecção de vestimentas, ornamentação da igreja, na preparação da imagem do santo para a procissão, na composição de hinos sacros, etc. (Belo, 2010) Outras mulheres participavam também nos cantos corais ou solos do evento: Leonor Barreto, Amélia Teixeira, Amélia Brandão, Lourdes Figueirôa, Maria Adelaide Marques, Iracema Batista, entre outras. (Silva, 2004)

Após vários dias de procissões, tendo início no dia 6 de janeiro, a Festa de Santo Amaro alcançava sua culminância no dia 15 de janeiro, data magna do evento. Era o dia mais importante e as pessoas da cidade vestiam suas melhores roupas para acompanhar o cortejo final. O dia 15 começa com missa matinal à 7 horas da manhã; depois missa solene cantada às 10 horas da manhã. Para essas ocasiões oradores especialmente convidados apresentavam seus sermões, bem como alguns artistas e grupos musicais e exibição dos cantos corais. (Silva, op. Cit)

A culminância da Festa tinha início no final da tarde do dia 15, com a procissão final. Tinha esta última início no próprio templo matriz de Santo Amaro, na Rua de Cima, descendo o cortejo pela Ladeira da Macaíba até a Avenida Barão de Lucena. Daí seguiu até a Praça Dantas Barreto (atual Praça do metrô), de onde voltava pela Rua Visconde do Rio Branco até novamente a Ladeira da Macaíba, seguindo novamente para a Rua de Santo Amaro. A solenidade final ocorria após a exposição do andor no lado direito da Capela-mor. Seguiu-se a celebração final, com missas, bênçãos sacerdotais e cantos sacros. (Silva, 2004). Era assim a realização da Festa do Padroeiro de Jaboatão até a morte do Padre Chromácio Leão, no início da década de 1950.

### 3.5 A FESTA NA 2<sup>o</sup> METADE DO SÉCULO XX

Figura 21 - Jornal O Jaboatonense divulgando a Festa de Santo Amaro do ano de 1960



Fonte: Acervo do IHJ

Com a morte do Padre Chromácio Leão Teixeira, em 5 de janeiro de 1951, na véspera do dia de Reis, data de início da Festa de Santo Amaro daquele ano. A morte do pároco causou grande comoção na cidade, interferindo diretamente na organização da Festa do Santo naquela década. Em 1951, em homenagem e respeito ao vigário falecido, as tradicionais procissões não ocorreram, ficando a Festa reduzida à missas internas na Igreja Matriz.

Com a morte do padre, também ocorreram mudanças na realização da Festa de Santo Amaro nos anos seguintes. A principal foi a ausência da exibição das retretas musicais protagonizadas pela Banda Paroquial, extinta com o falecimento do seu líder, fundador e maestro. Não apenas a banda Paroquial deixara de se exhibir, mas as demais bandas que costumeiramente se apresentavam durante o evento também se mostraram ausentes. Como descreve uma notícia do Jaboatão Jornal, publicada no ano de 1955:

É verdade que, ultimamente, a festa sofreu séria modificação, depois da morte do saudoso Chromácio Leão, pois ficou sem ele e a sua também tradicional Banda Sinfônica Paroquial, que estava todos os dias no coreto, alegrando o povo, tocando marchas populares, e fazendo execuções difíceis, sob a batuta do saudoso regente. Tudo isto pertence à história das Festas de Santo Amaro e uma geração inteira, que acompanhou com emoção tantas destas datas, desde a sua infância até o amadurecer dos anos, não pode deixar de relembrar com saudades esse tempo.

(Jaboatão Jornal, 16 de janeiro de 1955)

Somente com a posse do novo vigário, Padre Paulo Ennes Crespo, em 1957, é que a Festa de Santo Amaro passou a gozar de uma nova dinâmica. Vigário no período compreendido entre 1957 e 1971, o Padre Paulo Crespo passou a renovar as comissões organizadoras da festa, trazendo novos componentes, organizando com bastante antecedência a organização dos festejos. O novo pároco tanto incrementou a Festa, trazendo novamente as bandas de música para alegrar o evento, resgatando a tradição da presença de retretas musicais durante o evento. Como noticiava o Jornal Jaboatonense, em 15 de janeiro de 1960:

Encerram-se hoje, com várias solenidades, os festejos consagrados ao glorioso Santo Amaro, Padroeiro desta cidade. Graças aos esforços dos dinâmicos Vigários Padre Paulo Crespo e Padre Renato da Cunha Cavalcanti, os festejos se revestiram de grande sucesso, superando (assim podemos dizer sem nenhum ressentimento) anos anteriores. Foram antecipadamente organizadas as comissões de festejos, compostas de pessoas de nossa melhor elite, que empreenderam todos os seus esforços no sentido de oferecer maior brilhantismo à tradicional festa de Santo Amaro. Este ano foi abrilhantada com tocatas das bandas, Ferroviária e do 14º R.I, Carrossel de Cavalinhos, Auto-pista, Balanços Venezianos, Roda Giratória, perfeitos serviços de alto-falantes e avultados número de diversões populares.

(O Jaboatonense, 15 de janeiro de 1960)

No período compreendido entre 1957 e 1960, boa parte das receitas obtidas durante a festa de Santo Amaro, através da doação voluntária de seus participantes, teve como destino a conclusão da Igreja do Rosário, localizada na parte baixa da Cidade. A nova igreja, cujos trabalhos haviam sido iniciados pelo Padre Chromácio Leão, em 1935, visava substituir a antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos, que jazia em ruínas e que fora efetivamente demolida, em 1951. A obra, todavia, havia sido paralisada desde a morte do padre Chromácio Leão, sendo finalmente concluída em 1960, graças aos donativos ofertados pelos fiéis durante os anos de festa.

Além de concluir o novo templo, o Padre Paulo Crespo iniciou um trabalho de expansão dos templos católicos pela cidade: Celebrou a primeira missa da Capela de Santa Terezinha, no bairro de Engenho Velho, construída em 1956 pelo prefeito Aníbal Varejão; Inaugurou a Capela de São Vicente de Paulo, situada na Estrada da Luz, celebrando sua

primeira missa em 1966; idealizou e construiu a Capela de São Pedro, situada em Santo Aleixo e inaugurada em 1965; Inaugurou a Capela de N.S. Auxiliadora, situada no bairro de Boa Esperança, atual Vila Rica, em meados da década de 1960; Iniciou a construção da Capela de São José, situada no bairro de “Padre Roma”. A construção dessas novas capelas tinha o objetivo de dar assistência religiosa aos novos bairros que surgiam na periferia de Jaboatão (Santo Aleixo, Engenho Velho, Boa Esperança, etc), muitos deles localizados a uma distância significativa do Centro de Jaboatão, bem como marcar presença nesses lugares diante do avanço do protestantismo entre as camadas mais populares da cidade.

A partir de 1971, o Padre Paulo Crespo deixa a paróquia, assumindo em seu lugar o novo pároco Padre Genário Augusto de Melo. Este último teve a iniciativa de criar um Museu Sacro na Igreja Matriz de Santo Amaro. Este Museu era denominado “Museu Santo Amaro” e tinha como finalidade principal a arte religiosa, com peça e elementos da Arte sacra, como peças de ex-votos, imagens de santos e quadros religiosos. Iniciado em 1972, este museu permaneceu até a década de 1980, quando acabou sendo desativado pelos párocos que sucederam o Padre Genário. O destino de todas as peças é incerto, mas algumas ainda permanecem até hoje no templo.

Na década de 1970, a organização da Festa seguia os trâmites das décadas anteriores: Iniciava nos dias 6 o 7 de janeiro, com missa e novenário; cada dia da Festa era protagonizado por grupos de pessoas específicos (um dia para operários da Rede Ferroviária, outro para trabalhadores rurais, outros pelos trabalhadores da Portela<sup>25</sup>, trabalhadores do comércio, etc); procissão partindo da casa de algum devoto, geralmente morador de alguma rua adjacente; exibição de bandeiras, candelárias e da imagem do santo durante as procissões; culminância no dia 15, feriado municipal, com missa nos horários da manhã, da tarde e da noite; festa profana realizada na parte baixa, com a presença de parques de diversões para crianças e adultos.

Também se fazia comum nessa época a escolha de juízes entre os párocos para a Festa, geralmente partindo a procissão de suas residências em algum dos dias comemoração. Assim, para cada dia da celebração havia um grupo de noiteiros, selecionados entre os diversos grupos sociais da cidade, como se demonstra em notícia veiculada no periódico Jaboatão Jornal, em 11 de janeiro de 1970, com a programação da festa:

---

<sup>25</sup> Fábrica Portela: surgiu em 1918 como Fábrica de Papel Pernambucana, pertencente a acionistas noruegueses. Posteriormente teve sua denominação mudada para Fábrica Portela, com a mudança de proprietários na década de 1930.

Festa do Padroeiro – Prossegue, com grande brilhantismo e animação, a festa do glorioso padroeiro de Jaboaão, Santo Amaro. É uma festa tradicional e a procissão do dia do padroeiro sempre constituiu uma grande demonstração de fé cristã, com uma imensa multidão de devotos acompanhando a imagem de seu santo protetor.

A bandeira, num artístico e bonito andor, todo iluminado, saiu da residência dos juízes sr. José Rodrigues Montenegro e esposa, sra Alice Monteiro Montenegro.

A relação dos noiteiros é a seguinte:

Dia 7 – Prefeitura e Câmara de Vereadores.

Dia 8 – Associação Comercial de Jaboaão e Bancos.

Dia 9 – Noite dos motoristas e empresas de ônibus Santa Cruz, União, Vera Cruz e Santo Amaro.

Dia 10 – Fábricas de Jaboaão (patrões e operários)

Dia 11 – Noite dos camponeses, trabalhadores das usinas e pedreiras.

Dia 12 – Noite dos moradores da Rua Santo Amaro.

Dia 13 – Noite do 14º RI e Cruzada eucarística.

Dia 14 – Noite dos Ferroviários.

Dia 15 – Dia da Festa. Juízes: Adilson Cordeiro da Silva e esposa, sra Dalva Melo Cordeiro da Silva. Missa solene às 9:30; cantará o Coral de Santo Amaro. Às 18 horas, procissão solene, terminando com missa campal em frente à matriz.

Figura 22 - Programação da Festa de Santo Amaro em 1970, em edição do Jaboaão Jornal.

**FESTA DO PADROEIRO**

Prossegue, com grande brilhantismo e animação, a festa do glorioso padroeiro de Jaboaão, Santo Amaro. É uma festa tradicional e a procissão do dia do padroeiro sempre constituiu uma grande demonstração de fé cristã, com uma imensa multidão de devotos acompanhando a imagem de seu santo protetor.

A Bandeira, num artístico e bonito andor, todo iluminado, saiu da residência dos juízes, sr. José Rodrigues Montenegro e esposa, sra. Aliete Monteiro Montenegro.

A relação dos noiteiros é a seguinte:

Dia 7 - Prefeitura e Câmara de Vereadores.

Dia 8 - Associação Comercial de Jaboaão e Bancos.

Dia 9 - Noite dos Motoristas e Empresas de Ônibus: Santa Cruz, União, Vera Cruz e Santo Amaro.

Dia 10 - Fábricas de Jaboaão (Patrões e Operários).

Dia 11 - Noite dos Camponeses, trabalhadores das Usinas e Pedreiras.

Dia 12 - Noite dos Moradores da Rua Santo Amaro.

Dia 13 - Noite do 14.º R.I. e Cruzada Eucarística.

Dia 14 - Noite dos Ferroviários.

Dia 15 - Dia da Festa. Juízes: Adilson Cordeiro da Silva e esposa, sra Dalva Melo Cordeiro da Silva. Missa solene às 9:30; cantará o Coral de Santo Amaro. Às 18 horas, procissão solene, terminando com missa campal em frente à matriz.

**Jaboaão Jornal**

Ano XX - Domingo, 11 de janeiro de 1970 - N.º 367

**MAIS UMA VÍTIMA DAS PEDRADAS**

Não é de agora que garotos e rapazes irresponsáveis se postam à margem da linha férrea, nas imediações de Cavaleiro e Engenho Velho, para jogar nos trens pedras, lama etc.

Já não se sabe a conta de passageiros que são vítimas dessas pedradas. Há poucos dias, um passageiro, que viajava num trem, foi atingido por uma violenta pedrada na altura do olho, quase perdendo a vista em consequência da melidade desses jovens irresponsáveis.

Uma providência tem de

ponsável pela segurança do transporte dos passageiros? Ou a polícia? Não importa. A polícia ou a RFN tem que agir e tomar uma enérgica e sé-

ria providência para acabar com esse estado de coisas, a fim de garantir a integridade física dos passageiros que trafegam nos trens.

**LIONS CLUBE DO JABOAÃO**

Realizou-se com grande brilhantismo, no dia 6 do mês em curso, o grandioso baile que o Lions Clube do Jaboaão promoveu, nos salões do Clube Jaboaotense, em favor do Natal da Criança Pobre. Gestos dos mais nobres, foi aque-

**CAMPEONATO DAS CIDADES**

Com a volta ao Canal

atacada a pavimentação daquelas artérias citadas para, depois, realizar os melhoramentos no centro da cidade.

De qualquer maneira, o serviço executado demonstra que a Interventoria Federal, já com a situação financeira do município completamente equilibrada, está, agora, realizando obras de vulto e é de se esperar que prossiga com a pavimentação pelos subúrbios, principalmente onde o movimento de veículos é mais intenso.

— o —

Agora um lembrete: Se com o antigo calçamento

Fonte: Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira

A partir da década de 1980, há uma mudança significativa na organização das procissões. Com a consolidação das capelas situadas nos bairros, criou-se a tradição da

procissão ter início nessas pequenas igrejas, de tal forma que cada dia da festividade a procissão passasse por um bairro diferente. Isto passou a ocorrer para marcar a presença do catolicismo nos bairros suburbanos, onde se estão situados a maioria das capelas filiais da paróquia, como estratégia na ofensiva na disputa por espaço e por fieis, diante do crescimento cada vez maior das denominações evangélicas nos bairros mais periféricos da cidade.

Assim, em cada dia da festa a procissão saía de um bairro diferente: Santo Aleixo, Engenho Velho, Vila Rica, Padre Roma, entre outros, tendo quase sempre partida nas capelas filiais presentes nesses locais. Esta tradição persistiu nas décadas de 1990 e de 2000, sendo realizada até o presente, mesmo após a emancipação eclesiástica dessas capelas de bairro, algumas delas transformadas em paróquias, depois do ano de 2000. Desta maneira, a procissão passou até hoje a percorrer os diversos bairros de Jabotão Centro, com a imagem do Santo sendo carregada e exibida em todos os bairros da cidade, como uma exibição pública da fé católica e uma demonstração de força e de presença do catolicismo numa cidade cada vez mais marcada pela diversidade religiosa e pluralidade de crenças e de tradições.

#### 4. CAPÍTULO 3.

O terceiro capítulo aborda exclusivamente sobre a Cartilha “Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural de Jabotão dos Guararapes” elaborada como proposta de material paradidático para ser utilizado por alunos e professores do Ensino Fundamental. Assim, procura-se trazer alguns conceitos e princípios relacionados à ideia de material paradidático, buscando apoio teórico em alguns autores que tratam do tema. Destacou-se a importância dos paradidáticos para o processo de ensino-aprendizagem, notadamente para o Ensino de História. Também se apresentou os motivos para a escolha do formato de cartilha, descrevendo alguns aspectos da mesma e ressaltando a importância da metodologia da Educação Patrimonial, como princípio norteador de sua organização.

A segunda parte do capítulo aborda sobre o papel da Educação Patrimonial para a aprendizagem em história, trazendo conceitos, princípios e valores norteadores dessa metodologia, destacando sua relevância para transformar o Patrimônio Cultural em conteúdo pedagógico pertinente para uma aprendizagem significativa. Traz também os objetivos pedagógicos da cartilha bem como levantando aspectos da importância da Educação Patrimonial para a preservação tanto de bens culturais materiais como também imateriais. Destaca também a importância da Educação Patrimonial para a formação das identidades dos diversos grupos que integram a sociedade brasileira e para a aprendizagem em História.

Por fim, o capítulo vai trazer a descrição física da cartilha: seus formatos, tamanho, estrutura, organização, distribuição de imagens, capítulos, exercícios e propostas de atividades. Apresenta também os três capítulos em que a cartilha está organizada, discutindo as suas possibilidades de uso por professores e alunos em sala de aula. Este capítulo explica também o porquê dos apêndices e seções inseridas na proposta, bem como trazendo a própria cartilha no corpo do texto.

##### 4.1 A CARTILHA: PROPOSTA, PRINCÍPIOS E CONCEPÇÃO.

Uma das missões do Ensino de História é incluir temas e conteúdos relacionados ao cotidiano e com a realidade imediata e próxima ao aluno, a fim de atingir uma aprendizagem mais efetiva e consolidada. Um dos recursos que podem ser utilizados pelo professor de história em sala de aula como instrumento didático para o Ensino de História são os livros

didáticos e paradidáticos. Um dos requisitos do Programa ProfHistória é justamente a produção de um produto pedagógico voltado para uma melhor mediação entre os temas abordados na aula de história e os estudantes, facilitando sua compreensão e possuindo uma linguagem mais acessível para os alunos.

Considerando esta necessidade atrás proposta, nesta dissertação apresentamos um produto didático tendo como tema principal a Festa de Santo Amaro de Jaboaão, considerando como público-alvo principal alunos e professores do município do Jaboaão dos Guararapes. Este produto teria o formato de cartilha educativa, com linguagem voltada principalmente para os estudantes do Ensino Fundamental, constituindo assim um material paradidático. Esta cartilha educativa tem como título “Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural do Jaboaão dos Guararapes”, destacando a importância da festa como elemento integrante da Cultura municipal.

A discussão sobre materiais paradidáticos no Ensino de História é algo ainda em andamento no Brasil. Alguns pesquisadores já produziram artigos, publicações e pesquisas sobre tema. No geral, os princípios, conceitos e valores discutidos sobre a produção de materiais paradidáticos não se distingue muito daqueles aplicados nos materiais didáticos, sendo praticamente os mesmos, já que ambos têm como finalidade principal mediar a aprendizagem dos temas propostos. Apesar da literatura científica ter priorizado o estudo de materiais didáticos, o estudo de paradidáticos não deve ser subestimado, já que este tipo de literatura se faz presente nas salas de aulas já há várias décadas. (Thomson, 2016)

Mas afinal o que seria um material paradidático? Para Circe Bittencourt (2005) existem na verdade dois tipos de materiais didáticos utilizados no ensino atualmente: os suportes informativos e os documentos. Os suportes informativos são materiais produzidos especificamente para determinadas salas de aula, considerando a faixa etária, o nível de ensino e a disciplina abordada, possuindo linguagem própria e atendendo a princípios didáticos específicos para esse público. Incluem os livros didáticos, apostilas, manuais, vídeos educativos, etc. Já os documentos são os materiais produzidos sem necessariamente atender as perspectivas de uma determinada área de ensino, podendo ser também utilizados fora de sala de aula pelo público em geral.

No caso dos materiais paradidáticos, estes também podem ser divididos em dois grupos, de acordo com Thomson (2016). Assim, existem os paradidáticos “clássicos”, produzidos exclusivamente para fins educacionais, estabelecendo uma relação direta com a escola e com

o processo de ensino-aprendizagem. Já o segundo grupo, consiste em obras não necessariamente produzidas para o contexto escolar, mas que são também utilizadas por professores em sala de aula, tais como obras históricas e textos de literatura universal e brasileira. Assim, podem ser incluídos entre os materiais paradidáticos uma grande variedade de obras, tais como livros, revistas, gibis, cartilhas, dicionários, atlas, fascículos, textos literários, álbuns de imagens, etc. (Thomson, 2016, p. 30).

A importância dos materiais paradidáticos para o processo de ensino aprendizagem, notadamente para o Ensino de História, consiste principalmente em apresentar uma linguagem mais acessível ao aluno, facilitando e diversificando a didática em sala de aula. Os paradidáticos servem também para complementar o livro didático, na medida em que pode abordar temas não necessariamente previstos no currículo escolar, mas relevantes para serem discutidos tanto por professores e alunos. Por fim, os paradidáticos constituem mais um recurso didático à disposição do professor que busca alternativas para dinamizar suas aulas, mudar o enfoque dos temas trabalhados em sala de aula e diversificar suas abordagens. (Thomson, op. cit.)

O formato de material paradidático escolhido para a abordagem do tema sobre a Festa de Santo Amaro foi o de cartilha, isso por vários motivos. Em primeiro lugar, as cartilhas educativas têm como princípio oferecer uma linguagem mais acessível, tanto para os alunos como para pessoas comuns, pois sua finalidade é atingir o máximo possível de leitores. Em segundo lugar, as cartilhas apresentam um visual gráfico ilustrado e formatado a ponto de atrair a atenção dos estudantes para o tema abordado, através de mapas, figuras, fotografias, gráficos e diagramas, distribuídos de tal forma que facilitem uma rápida compreensão do assunto. Dessa forma, as cartilhas se apresentam com uma organização mais dinâmica e didática para os conteúdos apresentados.

A proposta da Cartilha “Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural de Jaboaão dos Guararapes surge com a finalidade de subsidiar os professores e estudantes do Ensino Fundamental sobre a importância do Patrimônio Cultural da cidade, notadamente de suas festas religiosas como elementos integrantes da história e da identidade municipal. A cartilha foi pensada como material paradidático voltado para o Ensino Fundamental – Anos Finais, podendo ser, todavia, adaptada para os Anos Iniciais, para o Ensino Médio e para o público em geral, como também tanto para a Rede pública como para a Rede Particular de ensino. Assim, a cartilha pode ser adaptada para outros contextos educacionais e informativos, além da sala de aula.

Além de atender ao princípio da linguagem fácil e compreensível, bastante pertinente e presente nos materiais paradidáticos, a cartilha buscou valorizar elementos da história local em sua abordagem. Considerando a importância da História local e da Memória como componentes fundamentais do ensino de história, a cartilha buscou relacionar e associar os temas da realidade local, imediata e mais próxima do aluno, com conteúdos mais abrangentes da história aplicados em sala de aula. Assim, seguindo os princípios da metodologia da Educação Patrimonial, a cartilha traz imagens, símbolos, lugares, textos e outros elementos da realidade local, esperando com isso despertar a atenção dos estudantes para o tema proposto e levando um sentimento de pertencimento e valorização da história local.

A cartilha “Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural do Jaboatão dos Guararapes” teria dois formatos. O primeiro seria o formato impresso – material – considerando a necessidade de atender o maior número possível de estudantes da Rede Municipal, muitos deles ainda sem acesso à internet e ao celular. O segundo formato seria o virtual, seja em arquivo no formato PDF (Ebook), podendo ser distribuído virtualmente por vários aplicativos (Whatsapp, telegram, etc) e baixado em plataformas, como também em outros formatos virtuais para ser acesso online.

## 4.2 METODOLOGIA E OBJETIVOS DA CARTILHA

A cartilha educativa “*Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural de Jabotão dos Guararapes*” foi construída tendo como princípios a valorização da memória e das identidades locais, a promoção da diversidade religiosas e da tolerância, o respeito às diferenças e à pluralidade cultural e a preservação do Patrimônio Cultural. A discussão sobre valorização e preservação do Patrimônio, independentemente de sua classificação (material, imaterial, vivo, integrado, etc) sempre atribui à educação um lugar de importância para a consciência voltada para a preservação. Para preservar é preciso conhecer, dizem os especialistas em Patrimônio, destacando como o processo legal de tombamento e de registro não deve ser realizado sem a devida integração do sentimento de pertença e de identificação do bem cultural com sua população respectiva. Esta integração somente é possível através da Educação Patrimonial.

Para Evelina Grunberg (2007) a Educação Patrimonial é o processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural com todas as suas manifestações. A Educação Patrimonial possui assim uma metodologia própria que envolve 4 etapas: Observação, Registro, Exploração e Apropriação. Assim, para Grunberg a Educação Patrimonial e sua metodologia busca integrar o Patrimônio Cultural ao indivíduo, através do processo sistemático da educação. Assim define:

Chamamos de Educação Patrimonial o processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural com todas as suas manifestações. Mas o que é Patrimônio Cultural? São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com a sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança. (Grunberg, 2007, p.2)

Assim, de acordo com a autora atrás citada, a Educação Patrimonial pode ser considerada como um instrumento ou uma metodologia que aproxima o estudante do objeto estudado;

no caso o Patrimônio Cultural. O Patrimônio, seja em sua forma material (objetos, edificações, sítios, conjuntos urbanos, etc) seja na forma imaterial (celebrações, saberes, formas de expressão, costumes, conhecimentos, etc), torna-se assim a fonte primária para uma experiência individual e o contato direto com as manifestações culturais. Desta maneira, a Educação Patrimonial se torna um processo ativo de conhecimento, leitura, apropriação e valorização da herança cultural de um povo, de um lugar, de uma comunidade. (Grunberg, op. Cit.)

Tradicionalmente a metodologia da Educação Patrimonial tem sido muitas vezes utilizada na abordagem de bens da cultura material, tais como museus, edificações, sítios históricos, conjuntos urbanos, templos, praças, coleções e acervos. Entretanto, a mesma metodologia pode ser aplicada também aos bens da cultura imaterial, com suas devidas peculiaridades e especificidades. Como descreve Horta (1999):

A metodologia específica da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação da cultura popular de caráter folclórico ou ritual, um processo industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e seu meio ambiente. (Horta, 1999, p. 6)

Assim, a Educação Patrimonial pode ser compreendida como um instrumento de mediação entre a comunidade e seu Patrimônio, buscando um processo ativo de conhecimento, de apropriação, de valorização e de preservação desse Patrimônio. Dessa maneira, o Patrimônio acaba por reforçar os laços identitários e de pertencimento de um grupo com seu lugar, comunidade, bairro ou cidade. Ao conhecer e valorizar seu Patrimônio, a população passa a ter atuação na preservação e defesa do mesmo, pois não se ama nem se protege aquilo que não se conhece.

Neste contexto, a Educação Patrimonial desempenha um papel fundamental como mediadora e protagonista do processo de ensino-aprendizagem. A proposição de ações, atividades e conteúdos na Cartilha educativa “*Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural de Jabotão dos Guararapes*” permitem uma melhor compreensão da realidade

local, do seu próprio município e região, das festividades religiosas locais, servindo como um instrumento de valorização da identidade, da consciência local e da cidadania. Para preservar, é preciso antes valorizar o Patrimônio situado em seu cotidiano imediato, estabelecendo relações de pertencimento. Todavia, para valorizar é preciso conhecer e visualizar o patrimônio sob a perspectiva que somente a Educação Patrimonial pode oferecer.

Com a finalidade de atender aos objetivos atrás propostos, a Cartilha “Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural de Jaboaão” foi elaborada buscando desenvolver as seguintes habilidades:

- Introduzir noções básicas de Educação Patrimonial como o Patrimônio, seus tipos, seus usos e significados, suas formas de preservação e de valorização.
- Registrar informações sobre as construções, objetos, lugares, saberes, formas de expressão, manifestações culturais, celebrações, paisagens, modos de fazer e outros elementos relacionados com a Festa de Santo Amaro.
- Refletir sobre a importância das festividades religiosas como manifestação da cultura regional e expressão da fé, seus lugares, ritos e significados para seus seguidores e fiéis.
- Refletir sobre as mudanças e permanências ao longo do tempo, comparando o tempo passado com o tempo presente.
- Desenvolver a leitura e interpretação de imagens, tanto antigas como recentes, aprendendo a comparar o “antes” com o “depois”.
- Conhecer aspectos gerais sobre a história de Jaboaão dos Guararapes, seus principais momentos de evolução social e política.
- Analisar a diversidade religiosa do município do Jaboaão dos Guararapes, valorizando suas múltiplas expressões, a fim de incentivar a tolerância e o respeito à todas as formas de religiosidade.
- Identificar alguns bens culturais materiais e imateriais, relacionando-os com as diversas tradições religiosas.
- Situar no calendário anual as diversas festividades religiosas e outras datas importantes da história e da cultura do Jaboaão dos Guararapes.

### 4.3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E POSSIBILIDADES DE USO.

A cartilha educativa “Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural de Jaboaão dos Guararapes” foi pensada num formato 20 X 28, possuindo 40 páginas, papel off set 90g (miolo) e Papel Supremo 250g (capa). A cartilha está organizada em capítulos, possuindo também apresentação, sumário e considerações finais. A organização do texto foi pensada em três capítulos principais, cada um subdividido por sua vez em subcapítulos: 1- *História de Jaboaão e seu Patrimônio*; 2- *Jaboaão dos Guararapes; festividades e diversidade religiosa*; 3 – *Santo Amaro de Jaboaão e sua festa*.

O primeiro capítulo, intitulado *História de Jaboaão e seu Patrimônio*, tem como premissa básica a necessidade de introduzir no estudante e leitor alguns aspectos gerais do município do Jaboaão dos Guararapes como sua localização e diversidade territorial. Outro objetivo desse capítulo é abordar, embora de forma suscinta, um pouco da história do município, situando assim o município do Jaboaão dos Guararapes tanto no tempo histórico como no espaço geográfico. Por fim, o terceiro capítulo tem alguns itens dedicados às noções básicas de Patrimônio, seus tipos e usos, a importância da memória e da preservação, dando mais ênfase ao Patrimônio Imaterial onde se incluem as festividades religiosas.

O segundo capítulo, intitulado *Jaboaão dos Guararapes; festividades e diversidade religiosa*, busca abordar de forma didática sobre a diversidade religiosas do município do Jaboaão dos Guararapes, os principais grupos religiosos presentes na cidade e a importância do respeito e da tolerância religiosa. Neste capítulo, também se destaca a importância das festividades religiosas como Patrimônio Cultural e como elemento integrante das identidades locais e religiosas das pessoas e dos grupos que delas participam. Por fim, este segundo capítulo traz ainda um resumo sobre as principais festas religiosas presentes em Jaboaão, além da Festa de Santo Amaro, tais como a Festa da Pitomba e a do Rosário da Muribeca.

O terceiro capítulo, denominado *Santo Amaro de Jaboaão e sua festa*, aborda especificamente sobre a Festa de Santo Amaro de Jaboaão. Nesta parte há um subcapítulo dedicado à origem da devoção ao Santo na Europa, sua chegada ao Brasil e sua devoção. Resgata um pouco da história da devoção ao Santo em Jaboaão, e seu paralelo com a história da cidade, bem como a evolução de seu templo. O terceiro capítulo ainda traz sobre os registros da festa ao longo do tempo, os eventos que acompanhavam a festa sacra e profana, e um pouco sobre os espaços onde eram realizadas. Por fim, o terceiro capítulo

destaca algumas personalidades históricas relacionadas com a festa e algumas curiosidades sobre a Igreja de Santo Amaro.

Além dos três capítulos, a cartilha traz também algumas propostas de atividades que podem ser utilizados pelo professor em sala de aula. No final de cada um dos capítulos estão situadas essas propostas de exercícios, que podem ser adaptados de acordo com o público, com o perfil do aluno, com a série ou com a faixa etária. As atividades foram pensadas levando em consideração a leitura de imagens e do texto da própria cartilha, bem como recorrendo ao conhecimento prévio do aluno sobre o próprio município. Algumas atividades exploram a leitura e comparação de imagens novas com antigas, enquanto outras abordam questões simples presentes no conteúdo da própria cartilha. Algumas atividades são mais propositivas, buscando incentivar a pesquisa e a curiosidade do aluno sobre sua própria comunidade onde reside.

A cartilha conta também com uma seção especial denominada “Você sabia?”. Esta seção se encontra presente ao longo de alguns subcapítulos, trazendo informações e curiosidades a respeito de algum tema exposto no texto principal da cartilha. O objetivo dessa seção é esclarecer algum aspecto político, linguístico, legal ou histórico dos temas abordados, com escrita sucinta e rápida. Esta seção fica sempre num quadro de texto separado e destacado do texto principal.

Por fim, a Cartilha “Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural de Jaboatão dos Guararapes” traz dois anexos situados no final da cartilha. O primeiro consiste no hino de Santo Amaro, composto pelo poeta Benedito Cunha Melo, autor também do hino oficial do município do Jaboatão dos Guararapes. O segundo consiste no calendário das Festividades Religiosas de Jaboatão dos Guararapes, trazendo as principais datas do ciclo festivo de Jaboatão, tanto as datas oficiais como não-oficiais, tanto das festas religiosas como das festas populares não-religiosas, tanto da religião católica como também de outros segmentos religiosos presentes no município. Assim, buscou-se com este calendário divulgar a pluralidade cultural e religiosas do município e valorizá-la em sala de aula.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surge como um produto de vários anos de pesquisas sobre a história do município do Jaboatão dos Guararapes, numa trajetória que teve início em 2007 com o meu ingresso no Instituto Histórico de Jaboatão. Com a minha entrada no Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, da UFPE, surgiram muitas reflexões e questionamentos sobre a aplicação dessas pesquisas em sala de aula, notadamente no Ensino de História praticado no Ensino Fundamental e Médio do Jaboatão dos Guararapes. Como conciliar pesquisa, ensino e prática pedagógico no cotidiano escolar, tendo em vista as várias dificuldades encontradas pelo professor no seu dia-a-dia? Como trazer o conhecimento produzido em âmbito acadêmico para as salas de aulas de nossas escolas? Como tornar o Ensino de História atrativo e didaticamente interessante tanto para quem ensina como para quem aprende?

Desde a graduação, como estudante da UFPE, via todos os dias o seu famoso lema: “Ensino, Pesquisa e Extensão”. Todavia, nem sempre o conhecimento produzido na Academia dialoga com sua necessidade social, ficando muitas vezes elitizado, privativo de uma casta social privilegiada que possui o status de frequentar uma universidade pública de qualidade, num país marcado pela exclusão social, pela discriminação, pelo racismo, ainda mais contra aqueles que vivem nas periferias, nas comunidades e bairros mais pobres do país. E o conhecimento, sem uma finalidade social, como diria Gilberto Freyre, será a maior das futilidades.

Entretanto, minha experiência no ProfHistória foi bem diferente daquela vivida nos tempos de graduação. Apesar de terem ocorrido no contexto do final da Pandemia do Coronavírus, em 2022 e 2023, as aulas tiveram o papel de trazer reflexões, conceitos, ideias, princípios e valores voltados principalmente para nosso cotidiano nas salas de aula, para nossas preocupações enquanto professor de escola pública ou particular, que enfrenta um contexto educacional bastante difícil, num país que ainda insiste em bateros piores índices educacionais do mundo, marcado por condições ainda bastante precárias em muitas escolas. Refletir sobre o Ensino de História nessas condições, seus conflitos, ambiguidades, contradições, anseios, erros e acertos, foi uma das principais contribuições do Mestrado Profissional em Ensino de História da UFPE que, ao contrário dos tradicionais mestrados acadêmicos, teve total preocupação pôr em prática aquilo que era discutido. E como diria outro autor pernambucano, Paulo Freyre, “é fundamental diminuir a distância entre o que

se diz e que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”.

O Ensino de História não pode ser distanciado da realidade local vivida por nossos estudantes, a maioria moradores de periferias das grandes metrópoles e regiões metropolitanas, que se sentem distantes de conteúdos que não dialogam com sua realidade social. Daí a necessidade de desenvolver habilidades e competências que tornem a práxis do professor de história atraente e instigadora para o aluno, permitindo-lhes compreender melhor o passado e entendendo que o passado dialoga com o presente e com o futuro de várias maneiras. Ensinar História conciliando a atividade de pesquisa de prática pedagógica não é tarefa fácil para os professores, muitas vezes sobrecarregados de compromissos e obrigações, mas ainda assim constitui uma oportunidade desafiadora para quem deseja trazer uma aprendizagem viva, significativa e transformadora.

E para pôr em prática um Ensino de História diferenciado, mais próximo do aluno, nada melhor que a História Local que se apresenta como um dos principais temas que podem ser explorados pelo professor. Apesar da proposta unificante e homogeneizadora trazida pela BNCC, documento como foi visto cheio de lacunas e falhas sob muitos aspectos, e também de alguns currículos escolares, o presente trabalho despertou para o potencial do Ensino de História local como um caminho possível para uma abordagem histórica inovadora, inclusiva, atrativa e questionadora. A história local, mais próxima dos estudantes, constitui uma possibilidade que não deve ser ignorada pelos professores, mesmo que os currículos não a contemplem de forma obrigatória.

A pesquisa também chamou a atenção para o papel das festividades religiosas na história mundial, nacional e local, como elemento sempre presente em quase todas as sociedades de todas as épocas. Como componente da cultura dos povos, etnias e nações, as festividades religiosas tiveram várias funções sociais, permitindo com isso revelar muitos aspectos daquele grupo numa determinada época. Trazer este tema para sala de aula, através de um produto pedagógico diferenciado foi um desafio inovador, pois quase sempre, supervalorizamos as manifestações da cultura material enquanto aquelas pertencentes à cultura simbólica ficam um pouco esquecidas. Assim, esta pesquisa despertou para a potencialidade das festividades públicas, sejam religiosas sejam profanas, como objeto de estudo para a área de história.

Por fim, pesquisar sobre a Festa de Santo Amaro, sua origem, importância e desenvolvimento, com a finalidade de transformar isso num produto didático foi uma

experiência bastante construtiva para minha trajetória enquanto professor, pesquisador e profissional da educação básica. A história de Jaboaão dos Guararapes não pode ser resumida aos fatos históricos e políticos da história oficial, omitindo e deixando cair no esquecimento a riqueza cultural que existe em suas ruas, seus bairros, comunidades e grupos sociais os mais variados, das figuras populares que fizeram sua trajetória. A pesquisa desenvolvida nesta dissertação trouxe um novo olhar para as manifestações culturais religiosas do município, abrindo um novo horizonte para pesquisas futuras, notadamente para a imensa variedade de bens culturais, celebrações, lugares, histórias e memórias presentes no passado e no presente da cidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G; D'ABADIA, M. I. **Festas Religiosas e pós-modernidade**. Geonordeste, Ano XX, n. 2. 2005.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Pernambuco Imortal**. Recife: Jornal do Commercio, 1995. Vls 1 e 10.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **História das usinas de Açúcar de Pernambuco**. Recife: Massangana, 1989.
- Festa de Santo Amaro**. A Província, Recife. 27 de janeiro de 1900, pg 1
- AQUINO, Cely Bezerra; Fernandes de Souza, Edilson. **A educação em Jaboatão nas mãos de um comunista (1947-1951)**. 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- ARAÚJO, Karlene Sayanne Ferreira. **Fábrica Willys Overland em Jaboatão - PE: discursos, embates e cotidiano fabril (1966-1973)**. 2020. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020
- ARAÚJO, Orlando Breno. **Jaboatão sua terra sua gente**. Recife: edição do autor, 1988.
- ARRUDA, Jorge. **A umbanda e a quimbanda na terra de Jurema**. Brasília: DCP, 2012.
- BARRETO, J. R. Paes; D'ASSUNÇÃO, L. G.; LIMA, F. A. **Padroeiros Pernambucanos**. Do silêncio ao nascer da devoção. Recife: Editora Libertas, 2011.
- BARROS, C.H.F. **O Ensino de História, Memória e História Local**. Goiânia: Revista de História da UEG VI. 2, N° 1, UEG, 2013. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia\\_artigos/barros.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barros.pdf) Acessado em: 12/05/2023.
- BARROS, Sandra A. L. **A presença dos pátios, largos e adros de igreja na paisagemdo grande Recife**. Revista de Urbanismo n° 13, 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/77055296-A-presenca-dos-patios-largos-e-adros-de-igreja-na-paisagem-do-grande-recife-churchyards-largos-and-forecourts-in-the-great-recife-area-cityscape.html> Acesso em 25/09/2023.
- BELO, Adiuza. **Águas do Jaboatão e outras águas**. Recife: Edição do Autor, 2007.
- BELO, Adiuza. **Jaboatão de Brava Gente**. Recife: Edição do autor, 2007.
- BELO, Adiuza. **Praias de Jaboatão: verdades e lendas**. São Paulo: João Scortecci, 1993.
- BELO, Adiuza. **Relembrando Tia Amélia**. Recife: Ed. Do Autor, 2007.
- BELO, Adiuza. **Memórias Jaboatanenses**. Recife; Edição do Autor, 2003.
- BELO, Adiuza. **Mulheres que orgulham Jaboatão**. Jaboatão dos Guararapes: Edição do Autor, 2010.
- BELO, Adiuza. **Memória Conquistada**. Recife: Editora Nova Presença, 2021.
- BERGER, Peter. **O rumor dos Anjos: sociedade moderna e a descoberta do**

**sobrenatural**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. Rio de Janeiro: Cortez, 2005.

BRANDÃO, Rômulo. **Bavú (Jaboatão às avessas)**. Recife: edição do autor, 1961.

BRASIL. **Constituição Brasileira de 1988**. Brasília: Biblioteca do Senado, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB - Lei nº 9394/96**, Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10.639/2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.645/2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.738/2008**. Regulamenta a alínea "e" do inciso III do **caput** do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.005/2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília, 2018.

BORBA, Fernando de Barros. **Pernambuco Patrimônio Cultural de todos**. Recife: Fundarpe, 1998.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo, Aleph, 2002.

CAMPELO, Samuel. **Escada e Jaboatão**. Recife: edição do autor, 1919. CARDIM,

Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. São Paulo: Hedra, 2009.

CARIE, N. S.; Lima, C. C. R.; Giavara, A. P.; **A BNCC para os Anos Iniciais; reflexões sobre a apropriação de noções de competências**. In: DIAS, F.; PINTO, A.; SEAL, (org.). *A BNCC de História; entre prescrições e práticas*. Rio de Janeiro: Edupe, P.127-152, 2023.

CORREIA, Ramilton Francisco. **A voz da Cidade**. Jaboatão dos Guararapes: Gold Star Gráfica, 2012.

COSTA, Aryana. **História Local**. In: FERREIRA, M. M; OLIVEIRA, M. Maria Dias de. *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

COSTA, Pereira da. **Anais Pernambucanos**. Recife: FUNDARPE, 1983. Vls 1,2,3,5,6e 8.

COSTA, Pereira da. **Arredores do Recife**. Recife: Editora Massangana, 2001.

COULANGES, F. **A cidade Antiga**. São Paulo: Hemus, 1976.

- COUTO, Loreto. **Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1904.
- CUNNINGHAM, Lawrence. **Uma breve história dos Santos**. São Paulo: Editora José Olympio, 2011.
- DIAS, F.; PINTO, A.; SEAL, (org.). **A BNCC de História; entre prescrições e práticas**. Rio de Janeiro: Edupe, 2023.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **O Engenho de Açúcar do Nordeste**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1952.
- DODEBEI, Vera e ABREU, Regina. (orgs.) **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.
- DOROTHY, Elizabeth. **100 anos de Proclamação**. Recife: 2005
- DURKHEIM, E. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. 4º Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- Encerra-se hoje: A Festa do Glorioso Santo Amaro de Jaboatão**. O Jaboatonense. Jaboatão: 15 de janeiro de 1960, pg. 1.
- FERREIRA, M. M; OLIVEIRA, M. Maria Dias de. **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.
- Festa de Santo Amaro terá seu encerramento hoje**. O Jaboatonense. Jaboatão: 15 de janeiro de 1961, pg. 1.
- Festa de Santo Amaro**. Jaboatão Jornal. Jaboatão: 16 de janeiro de 1955, pg. 1.
- Festa do Padroeiro**. Jaboatão Jornal. Jaboatão: 11 de janeiro de 1970, pg.1.
- FIAM. **Plano de preservação de sítios históricos da Região Metropolitana do Recife**. Recife: FIAM, 1978.
- FILHO, Mello Moraes. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- FIGUEIRÔA, Elieser. **História da Imprensa de Jaboatão**. Recife: CEHM, 1983.
- FRANCISCO, Tereza. **Memória do Engenho Santana**. Olinda; Livro Rápido, 2017.
- FRANCISCO, Tereza. **Memória do Engenho São Bartolomeu**. Jaboatão dos Guararapes: Edição do Autor, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- FUNDAÇÃO YAPOATAM. **Jaboatão: histórias, memórias e imagens**. Jaboatão dos Guararapes: Cepe: 1996. VLS 2.
- FUNDARPE. **Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais**. Recife: Fundarpe, 2009.
- GALVÃO, Sebastião de Vasconcelos. **Dicionário Chronográfico, Histórico e**

**estatístico de Pernambuco.** Recife: Cepe, 4 vls, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GILSON, Jota. **Exemplos de Mulheres.** Jaboatão dos Guararapes: JP Editora, 2014.

GOMES, Sandro. **Os Santos mais populares do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Nova Terra, 2012.

GRAVIERS, B.; JACOMET, T. **Os Santos e seus símbolos.** São Paulo: Folio, 2003.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN, 2007.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **História, Memória e Patrimônio.** *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, v. 34, p. 91-111, 2012.

HONORATO, Manuel da Costa. **Dicionário topográfico, estatístico e histórico da província de Pernambuco (1863).** 2ed. Recife: Secretaria de educação e cultura, 1976.

**Honra a Santo Amaro.** O Guararapes. Jaboatão: 15 de janeiro de 1961. Pg 1.

HARTOG, François. **Tempo e patrimônio.** In: *Vária História*. Belo Horizonte, vol. 22, nº 36. Jul/Dez 2006. p. 261-273.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

IBGE. Jaboatão dos Guararapes. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/jaboatao-dos-guararapes.html> Acesso em: 29 de abril de 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial: Inventários Participativos.** Manual de Aplicação Brasília- DF: IPHAN, 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos.** IPHAN, 2014.

JABOATÃO DOS GUARARAPES. **Lei Municipal nº 687/2011.** Dispõe sobre a obrigatoriedade, do estudo da história do município na parte diversificada do currículo escolar nas unidades escolares da rede pública e privada de ensino no âmbito da cidade do Jaboatão dos Guararapes. Jaboatão dos Guararapes, 2011.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas Religiosas: a materialidade da Fé.** *Revista História Questões & Debates* nº 43 p. 73-86 Curitiba: Editora UFPR, 2005.

LEMONS, Carlos. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

LIMA, James Davidson. **Memórias Destruídas.** Recife: Cepe, 2012.

LERY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2007.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. **Patrimônio, Identidade, Cidadania: reflexões sobre educação patrimonial**. In BARROSO, V.L.M et al. (Orgs.) *Ensino de História: Desafios Contemporâneos*. Porto Alegre: Exclamação: Anpuh-RS, 2010.

MACIEL, Eulina. **Memórias do Engenho São Bartolomeu**. Olinda; Livro Rápido, 2010.

MALTA, Jonathas Eduardo Luna. **A Educação do corpo e para o esporte e lazer na Moscouzinha (1947-1951)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MARCENA, Adriano. **Jaboatão 411 anos**. Jaboatão: edição do autor, 2004.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de Ouro dos Santos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. Pg 49-50.

MERILLAS, Olaia Fontal. **La Educación Patrimonial: de la rentabilidad social a la rentabilidad identitaria**. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). *Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial*. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015, p. 33-46.

MELO, José Camilo de. **A primeira ferrovia inglesa no Brasil – The Recife-São Francisco Railway**. Recife: Cepe, 2016.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O Bagaço da Cana**. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.

MELLO, José Antônio de. **O Diário de Pernambuco e a história social do Nordeste**. Recife: Diário de Pernambuco, 1975.

MELLO, José Antônio Gonsalves de (org.) **Denúncias e Confissões de Pernambuco (1593-1595)**. Recife: Fundarpe, 1984.

MELLO, José Antônio de. **Economia Açucareira** Fontes para a história do Brasil holandês. Recife: PHNG, 1981.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Administração da Conquista**. Recife: Cepe, 2004.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Gente da Nação**. Recife: Editora Massangana, 1989.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **O Engenho Guararapes e a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres**. Recife: Diário de Pernambuco, 07/03/1954.

MELLO, José Antônio G. **A Igreja dos Guararapes**. Recife: Imprensa Universitária, 1971.

MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. **História Local: contribuições para pensar, fazere ensinar**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

NASCIMENTO, Bruno Rafael Machado. **A Ditadura Militar e o ensino de História: uma relação conflituosa**. Estação Científica (UNIFAP), Macapá, v. 6, n. 3, p. 29-39, set./dez. 2016.

Ó, Manoel do. **100 anos de suor e sangue**. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

PEIXOTO, Daniel. **Padre Chromácio, mística e música**. Recife: Cia editora de Pernambuco, 1976.

PINHEIRO, M. P. Moraes. **Viagem descritiva de Recife a Santo Amaro – Jaboatão em 23 de janeiro de 1855**. Diário de Pernambuco, Recife, 31 de janeiro de 1855. Pgs 2 e 3.

PINTO, Estêvão. **História de uma estrada de ferro do Nordeste**. Rio de Janeiro: Editora J. Olimpyo, 1949.

PINTO, Helena. **Os centros Históricos como laboratórios de Educação Histórica e Patrimonial**. *Revista História Hoje*, v.5, n. 09, p. 49-75, 2016.

PRIORE, Mary del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

QUINTAS, Fátima. **Cultura, Patrimônio e Brasilidade**. Recife: Bagaço, 2007.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**. Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RAPOSO, Cristhiane Laysa Andrade Teixeira. **“Justiça do trabalho nas usinas e engenhos de Pernambuco: relações de trabalho na zona canavieira (1964-1965)”**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

REZENDE, Antônio Paulo. **Jaboatão Histórias, memórias e imagens**. VI 1. Jaboatão dos Guararapes: Fundação Yapoatam, 1996.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil 1500-1627** 7ª Edição. São Paulo: Itatiaia, 1982.

SANTANA, Samuel Ferreira. **“Ora, no carnaval do Recife nunca houve escolas de samba?”: história e memória da Rebelde do Samba**. In: IX Encontro Estadual de História, 11., 2018, Salvador, Anais da Anpuh. Disponível em: [http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532325530\\_ARQUIVO\\_ArtigoEscolasdeSamba-ANPUHBA.pdf](http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532325530_ARQUIVO_ArtigoEscolasdeSamba-ANPUHBA.pdf)

SANTOS, Bruno Garcia dos. **Olhares sobre as ruas do bairro Jardim 25 de Agosto: diálogos entre a história local e o ensino de História para os anos finais do Ensino Fundamental** /Dissertação (Mestrado Profissional em Rede NacionalPROFHISTORIA) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. – 2021.

SANTOS, M.A.P. **O Ensino de História em perspectiva neotecnicista: sentidos de Atitude Historiadora nas políticas curriculares hodiernas**. In: DIAS, F.; PINTO, A.; SEAL, (org.). *A BNCC de História: entre prescrições e práticas*. Rio de Janeiro: Edupe, P.127-152, 2023.SCIFONI, Simone **Para repensar a Educação Patrimonial**. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). *Cadernos do Patrimônio Cultural: Educação Patrimonial*. Fortaleza:Secultfor: Iphan, 2015. p. 2-30 e 195-206.

SILVA, Diego Carvalho da. **“Partidos e Alianças políticas na “Moscuzinho do Brasil”: os comunistas e as eleições municipais de outubro de 1947 em Jaboatão-PE**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SOUSA, Gabriel Soares. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Hedra, 2010.

**Tradicional Festa do Padroeiro**. Jaboatão Jornal. Jaboatão: 09 de janeiro de 1972, pg1..

VELOSO, Van-Hoeven Ferreira. **Jaboatão dos meus avós**. Recife: FIAM, 1982.

Apêndice A – Produto Pedagógico Cartilha Festa de Santo Amaro – Patrimônio Cultural de Jaboatão dos Guararapes

# ***Festa de Santo Amaro***

## **Patrimônio Cultural de**

# **Jaboatão dos Guararapes**



**Professor James Davidson de Lima**

**2024**

**Jaboatão dos Guararapes**



# Apresentação

O conhecimento de sua própria localidade é uma necessidade real que muitas vezes se passa despercebido durante o processo de ensino-aprendizagem. O ritmo acelerado que a rotina das sociedades contemporâneas impõe tanto aos educadores, como alunos, e à sociedade em geral, faz com que o indivíduo muitas vezes ignore verdadeiros "tesouros" que estão à sua frente e ao redor.

A Educação Patrimonial trabalha a partir da experiência e do contato com as manifestações culturais, destacando seus múltiplos aspectos e diversos sentidos, permitindo um olhar mais aguçado sobre os bens culturais existentes em uma região ou localidade. Daí, ser a Educação Patrimonial um valioso instrumento para a apropriação da herança cultural da sociedade, levando o aluno a compreender e valorizar esses bens, contribuindo assim para sua preservação.

Um dos mais importantes bens culturais existentes no município do Jaboatão dos Guararapes são suas festividades religiosas. Como componentes integrantes do Patrimônio Cultural do município, as festividades religiosas constituem expressões culturais e de fé que revelam múltiplos aspectos das sociedades que as celebram. Festividades são uma marca da Identidade Cultural da nação, do estado, dos municípios e comunidades em que são realizadas, estando intimamente ligadas à memória das pessoas e grupos por ela representadas. Como elemento integrante das identidades culturais, conhecer estas celebrações é fundamental tanto para alunos e professores que precisam discutir, analisar, compreender a formação das sociedades nacionais, regionais e locais nelas inseridas.

Daí ser esta pequena cartilha um pequeno trabalho de resgate da Festa de Santo Amaro como festividade local e elemento integrante da história e da Identidade do Jaboatão, voltada preferencialmente para alunos do Ensino Fundamental e Médio.

**Boa Leitura**

**James Davidson de Lima**

## Sumário

Apresentação.....	3
1 – História de Jaboaão dos Guararapes e seu Patrimônio .....	5
1.1– O Município do Jaboaão dos Guararapes.....	6
1.2- História de Jaboaão dos Guararapes .....	8
1.3 – O Patrimônio Cultural de Jaboaão dos Guararapes .....	11
2- Jaboaão dos Guararapes; festividades e diversidade religiosa.....	15
2.1– A diversidade religiosa em Jaboaão dos Guararapes .....	16
2.2– A festividade religiosa como Patrimônio Cultural .....	17
2.3– Principais Festas Religiosas de Jaboaão dos Guararapes.....	21
3- Santo Amaro de Jaboaão e sua festa .....	29
3.1– A devoção à Santo Amaro e sua origem .....	30
3.2 - Santo Amaro e a origem de Jaboaão .....	31
3.3– Festa de Santo Amaro, sua origem e personalidades .....	33
Referências .....	38

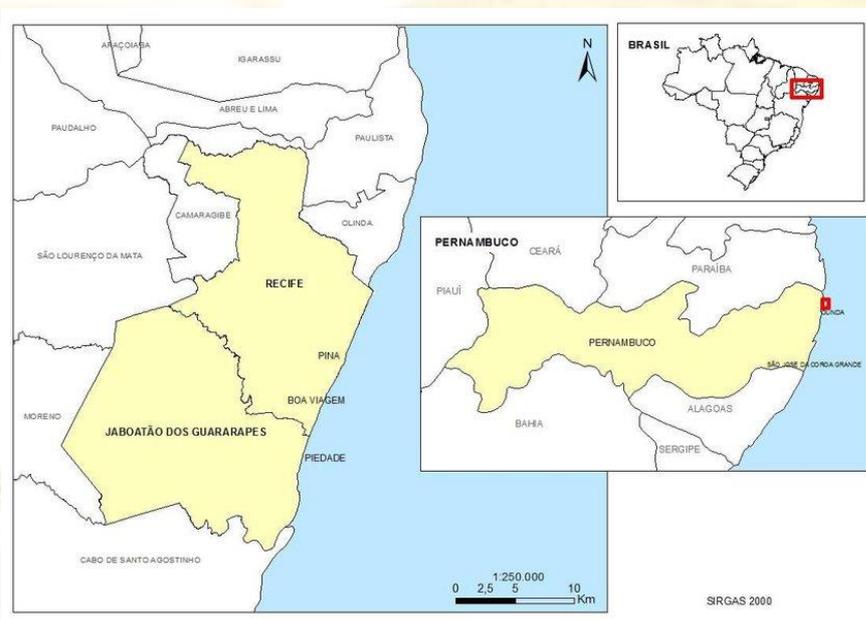


1 – História de Jaboatão dos Guararapes e seu Patrimônio

## 1.1– O Município do Jaboatão dos Guararapes

O município do Jaboatão dos Guararapes, está localizado no Estado de Pernambuco, pertencente à Região Metropolitana do Recife. O município se limita da seguinte maneira: à leste com a Cidade do Recife e com o Oceano Atlântico; ao norte com o município de São Lourenço da Mata e com a Cidade do Recife; ao sul com o município do Cabo de Santo Agostinho; e a oeste com o município do Moreno. Sua área territorial é de 256 km<sup>2</sup> e sua sede está situada a 18 km em linha reta da capital.

Figura 1 - - Localização do município do Jaboatão dos Guararapes



Fonte: Edukita Disponível em: <https://staging.crop.ca/ki/mapa-de-jaboatao-dos-guararapes-bairros.html>

A cidade do Jaboatão dos Guararapes é a segunda mais importante do estado de Pernambuco, atrás somente da capital – Recife – em população e em movimentação econômica. Situada na Região Metropolitana do Recife e a apenas poucos quilômetros da capital pernambucana, possui grande importância estratégica e econômica entre as demais cidades do estado. Atravessada por rodovias federais e estaduais, linhas de metrô e de ônibus, possui vida intensa e dinâmica, bastante integrada à capital Recife.

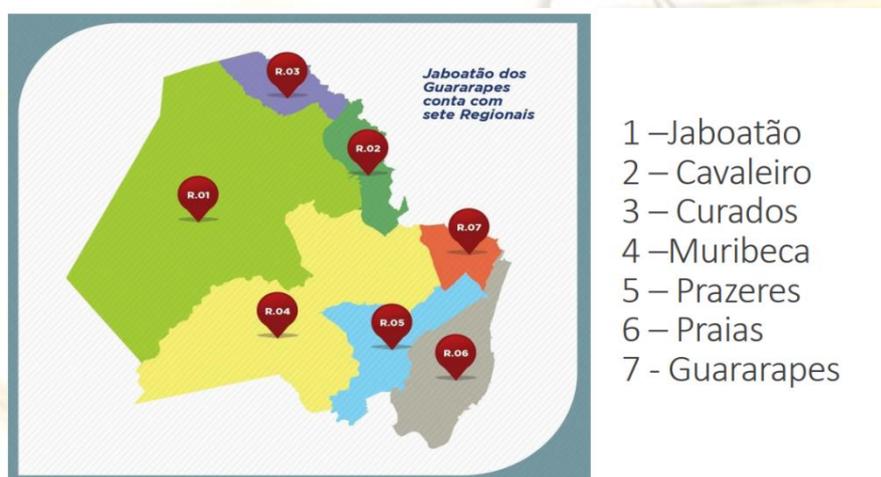
A **População** do município do Jaboatão dos Guararapes é estimada em 700 mil habitantes, segundo o IBGE (2020). A maior parte da população está distribuída na zona urbana 97,82%, enquanto uma pequena parte está localizada na zona rural 2,18%. Seu IDH é de 0,717, sendo considerado médio e acima da média estadual, ocupando o quinto lugar no ranking estadual. Jaboatão dos Guararapes possui uma alta densidade demográfica estimada em 2.491,82 hab/km<sup>2</sup>. O município ocupa a 27ª posição entre os mais populosos do país e o 2º mais populoso do estado de Pernambuco. O PIB per capita é estimado em R\$ 19.750,50.

Evolução Política e Administrativa: O município do Jaboatão foi criado em 24 de maio de 1873, sendo desmembrado do município do Recife, pela Lei provincial nº 1093. Quando criado

o município possuía mais de 500 km<sup>2</sup> de área territorial, até o ano de 1928, quando perde os territórios de Tejipió e de Pontezinha, anexados ao Recife e ao Cabo de Santo Agostinho, respectivamente, e o Distrito de Morenos, elevado à categoria de município, pela Lei estadual nº 1931 de 28 de setembro de 1928.

Com a criação do Distrito de Cavaleiro, no ano de 1948, ficou o município constituído por três Distritos: Jaboatão, Muribeca dos Guararapes e Cavaleiro. Em 1989, o Distrito de Prazeres é elevado à condição de sede, passando o município a ser denominado de Jaboatão dos Guararapes. Atualmente, a divisão do município ficou estabelecida em 7 Regionais, criadas a partir de 2009: Regional 1 – Jaboatão Centro; Regional 2 – Cavaleiro; Regional 3 – Curados; Regional 4 – Muribeca; Regional 5 – Prazeres; Regional 6 – Praias; Regional 7 – Guararapes.

Figura 2 - Regionais do município do Jaboatão dos Guararapes



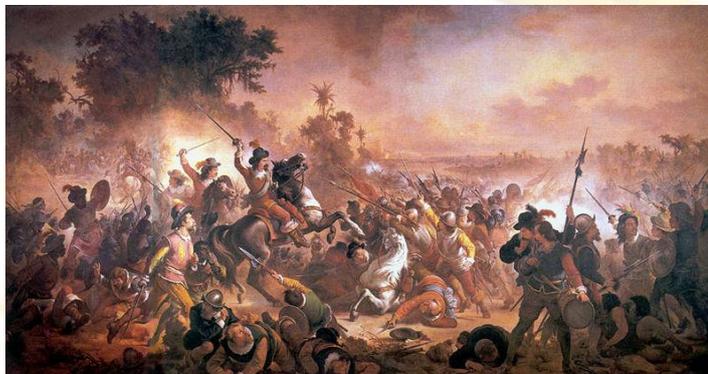
Fonte: Jaboatão dos Guararapes: Cultura e Patrimônio, Faculdade dos Guararapes.

A **Economia** está baseada principalmente nos setores primário, secundário e terciário. No setor primário destaca-se o cultivo da cana-de-açúcar, coco, mandioca, criação de gado e alguns cultivos de subsistência. Outra importante atividade é o extrativismo mineral, principalmente pela exploração de brita pelas pedreiras, a fim de atender a construção civil.

Jaboatão possui uma grande vocação industrial, sendo o Distrito Industrial de Prazeres o maior do município, tendo destaque seu Polo Logístico, o maior do Nordeste. Outra zona industrial importante é o Distrito Industrial do Curado, localizado no setor nordeste do município. Há nas demais regionais possuem várias indústrias menores, nos mais variados tipos e tamanhos, merecendo ser destacado o setor de indústria de reciclagem, situado principalmente na Muribeca. O município do Jaboatão dos Guararapes faz parte do Território Estratégico de Suape e desde 2010 e possui uma zona de Processamento de Exportação – ZPE.

## 1.2- História de Jaboatão dos Guararapes

Figura 3 - Quadro Batalha dos Guararapes de Victor Meireles

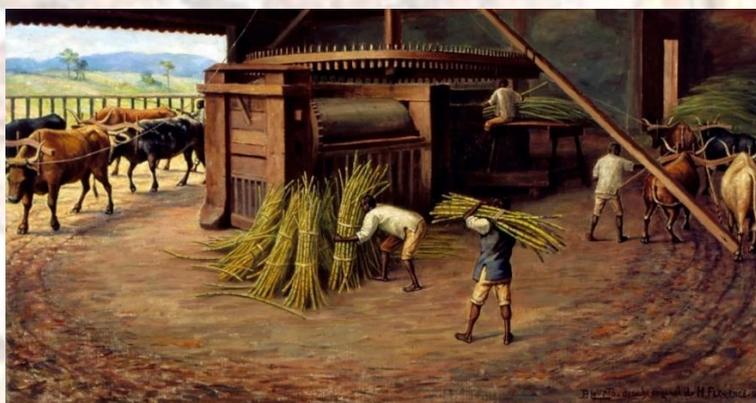


Fonte: Museu Nacional de Belas Artes

Os primeiros habitantes do atual território do Jaboatão foram os índios Caetés, do tronco Tupi-guarani, que habitavam toda a região sul de Pernambuco desde o Recife até o Rio São Francisco. Esta etnia sofreu intensa perseguição pelos portugueses, a partir de 1550, durante a Guerra de Extermínio comandada por Jerônimo de Albuquerque, a serviço do donatário da Capitania de Pernambuco Duarte Coelho, resultando na fuga desses indígenas para outras regiões, enquanto os demais acabaram sendo escravizados pelos colonizadores.

A partir de 1560, após vencida a resistência dos Caetés, as terras do Vale do Rio Jaboatão começaram a ser doadas em sesmarias para os colonizadores e os primeiros engenhos de açúcar passaram a se instalar na região. As primeiras fábricas açucareiras instaladas nas terras do Jaboatão foram os engenhos Santana, N.s da Guia, Suassuna, Palmeiras, Camassary, Guararapes, Santo André, Megaype, São João Batista, entre outros. Nas terras do Engenho São João Batista surgiu a Povoação de Jaboatão, na época de seu terceiro proprietário Bento Luís de Figueirôa, a 4 de maio de 1593.

Figura 4 - Engenho de Açúcar colonial (Almanjarra)



Fonte: Brasil Escola

Já a Povoação da Muribeca teve origem em terras do antigo Engenho Novo, desmembradas em 20 de setembro de 1577 por Dona Brites Mendes Vasconcelos, proprietária do Engenho Santo André. Ambas as povoações, Jaboatão e Muribeca, formavam os núcleos iniciais de povoamento do município, sendo importantes freguesias religiosas subordinadas ao termo de Olinda, possuindo suas igrejas matrizes dedicadas a Santo Amaro e Nossa Senhora do Rosário, respectivamente.

Figura 5 - Povoação da Muribeca



Fonte: Autor

A riqueza proporcionada pelo açúcar em Pernambuco atraiu o interesse de invasores estrangeiros. Assim, em 1630, os holandeses desembarcam em Pernambuco para impor um domínio que duraria 24 anos. Jaboatão e Muribeca seriam alvos de diversas ações durante a guerra holandesa, sendo atacadas pelas tropas holandesas em 1633, 1635 e 1645. A participação de Jaboatão seria maior, porém, durante as duas Batalhas dos Guararapes (1648 e 1649) quando os holandeses foram derrotados nos Montes Guararapes, situado em território do município, encerrando definitivamente seu domínio na região.

### Você Sabia?

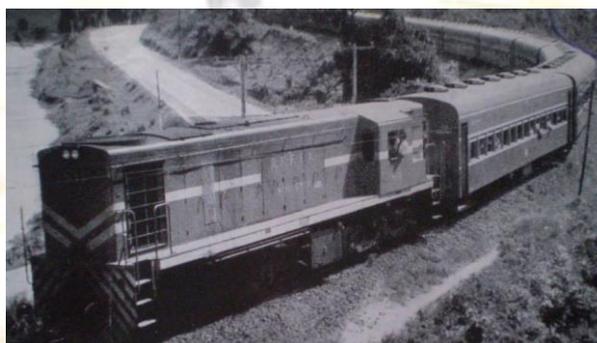
O nome Jaboatão tem vários significados de acordo com vários autores: “andar como cágado”, “árvore de tronco linheiro”, “mão rija de onça”, etc. Certo mesmo é que a palavra vem do tupi, língua falada pelos povos nativos da região.

A região permaneceria por muitos anos sob influência da atividade canavieira. Jaboatão chegou a possuir, até o século XIX, 45 engenhos distribuídos em seu território atual. Entre 1890 e 1920, porém, a economia açucareira ficou concentrada sob o domínio de três usinas de açúcar: Jaboatão, Bulhões e Muribeca. Os demais engenhos passaram a ser fornecedores de cana para essas indústrias.

O final do século XIX foi marcado por intensas transformações econômicas, sociais e políticas no município. A construção de Estradas de Ferro traria o desenvolvimento econômico para a localidade. A Cidade de Jaboatão entraria em fase de intenso crescimento populacional, através da vinda das Oficinas Ferroviárias da Great Western, em 1896. O povoado de Prazeres surgiria em torno da

antiga Estação Ferroviária, pertencente à Estrada de Ferro Recife-São Francisco, inaugurada em 1859. Jaboatão passou então a ser importante centro de mão-de-obra operária, notadamente de trabalhadores ferroviários, que passaram a organizar as primeiras greves e sindicatos ainda no início do século XX.

Figura 6 - Trem da RFSA em Jaboatão



Fonte: Instituto Histórico do Jaboatão

O município do Jaboatão foi criado no ano de 1873 através da lei provincial nº 1093 de 24 de maio de 1873. Foi elevado à condição de Cidade do Jaboatão pela lei provincial nº 1811 de 27 de junho de 1884. Em 1928 o município perde o território do Distrito de Morenos, emancipado naquele ano, e os territórios de Tejipló e Pontezinha, anexados ao Recife e Cabo de Santo Agostinho. Em 1938 o município é constituído do Distrito Sede e Prazeres. Em 1948 é criado o Distrito de Cavaleiro, surgido em torno da Feira de mesmo nome.

No ano de 1989, a sede do município é transferida de Jaboatão para Prazeres, pela lei municipal nº 4 de 05 de maio de 1989. Com isso, o município passa a ser denominado de Jaboatão dos Guararapes. Atualmente o município do Jaboatão é o segundo mais importante do estado de Pernambuco em população, atrás somente da capital, Recife.

Figura 7 - Prazeres se torna a sede do município em 1989.



Fonte: Autor

### 1.3 – O Patrimônio Cultural de Jaboatão dos Guararapes

Figura 8 - Igreja de N.s dos Prazeres nos Montes Guararapes



**Fonte: Autor**

O Patrimônio Cultural é todo o conjunto de bens, saberes, fazeres, modos de fazer, de expressar e de criar de um povo, de um estado, de um município e de uma nação. São todas as manifestações e expressões que a sociedade desenvolve ao longo de sua existência, de geração em geração, conferindo-lhes significados e valores. A ideia de patrimônio não é recente na história da humanidade. A origem da palavra “Patrimônio” vem do latim e significava “aquilo que se herda ou legado dos pais”. Assim, na Roma Antiga Patrimônio era tudo aquilo que era herdado da família, logo Patrimônio era o mesmo que Herança.

Em nossa casa certamente guardamos objetos a que atribuímos significativo valor, não apenas pelo que custam financeiramente, mas pelo seu caráter simbólico: um álbum de fotografias, a camisa de um time, uma medalha de honra, uma carta de amor de alguém estimado, um presente dado por um parente, um livro ou uma moeda antiga, etc. Esses objetos podem não ter significado para outras pessoas. Mas para nós são importantes devido aos laços afetivos e simbólicos que representam, fazendo-nos lembrar de pessoas e situações que não queremos esquecer.

Geralmente guardamos com cuidado os objetos que são importantes para nós. Isso porque esses objetos fazem referência às pessoas, lugares e momentos da nossa história que não queremos esquecer. Assim, esses bens fazem parte da nossa Memória, possuindo valores e significados muito profundos e relações de estima muito especiais e particulares. Constroem assim seu patrimônio individual a fim de assegurar a preservação da memória de sua família, de sua história e de seu passado.

A Memória pode ser definida justamente como essa capacidade de guardar e reunir as experiências, impressões, aprendizados, sensações, lembranças, sentimentos e saberes escolhidos para serem guardados por diversos motivos, mas principalmente porque marcaram de uma forma ou de outra a construção da consciência do ser. É o elo que liga o passado ao presente, servindo como referência para nossa maneira de ser e de agir.

Ao servir de referência ao indivíduo, a Memória ajuda na construção da Identidade. A identidade pode ser definida como o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social, região geográfica, etnia, povo ou nação. Cada identidade se constitui única e especial, devendo por isso ser valorizada e preservada.

Assim como elegemos objetos com valor simbólico para guardar e preservar nossa memória pessoal e familiar, a sociedade também escolhe e separa bens para preservação cultural, por considerá-los mais representativos de sua história, cultura, memória e identidade. Desse modo, como aqueles objetos que guardamos constituem nosso patrimônio particular, os bens culturais constituem o Patrimônio de um povo, o legado de uma nação, a herança de um grupo ou sociedade.

Da mesma forma que preservamos objetos de singular valor, a sociedade também precisa preservar o seu Patrimônio. No caso do município do Jaboatão dos Guararapes, o seu Patrimônio Cultural é composto por um variado conjunto de bens. Elementos naturais como os rios, riachos, lagoas, cachoeiras, morros, grutas, matas, praias, entre outros, formam o Patrimônio Natural do município. As

edificações construídas ao longo da história do município, tais como engenhos, igrejas, capelas, povoados, casarios, sobrados, estações ferroviárias, mercados, entre outros compõem o chamado Patrimônio Histórico. Já as variadas manifestações da Cultura Imaterial como folguedos, festas tradicionais, lendas, receitas culinárias, danças, ritmos tradicionais, representam o Patrimônio Imaterial do município. E, por fim, há ainda o Patrimônio Vivo, formado por pessoas que perpetuam os saberes e fazeres tradicionais da cultura popular.

### **Você Sabia?**

De acordo com a Constituição Federal, artigo 216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Figura 9 - Festa da Pitomba, exemplo de Patrimônio Imaterial



Fonte: Prefeitura do Jaboatão

No município do Jaboatão dos Guararapes estão situados alguns bens bastante representativos da história local, regional e estadual. Tendo surgido em meio aos antigos engenhos de açúcar, o município ainda conserva muitos remanescentes da civilização açucareira: engenhos Macujé, Santana, Megaype de Cima, Suassuna, Penanduba, Manassu, Caxito, Bulhões, Palmeiras, etc. Outros elementos importantes da história do Jaboatão são as antigas igrejas: Santo Amaro, Nossa Senhora do Livramento, Matriz do Rosário, Rosário dos Pretos da Muribeca, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Loreto, Nossa Senhora dos Prazeres. Por fim, conserva o município alguns bens que marcam a história da evolução urbana do município: o Povoado de Muribeca dos Guararapes, o Centro Histórico de Jaboatão, a antiga Estação Ferroviária, as Vilas Operárias, entre outros

Todavia, nem sempre os bens culturais que representam a memória histórica do município acabaram sendo preservados. Alguns desses bens vieram a ser destruídos por falta de consciência por parte de seus proprietários. Conhecida é a história da Casa-grande do Engenho Megaype de Baixo, em Muribeca. Descoberta por Gilberto Freyre, a Casa de Megaype tinha a fama de ser mal-assombrada, como afirma o autor de Casa-grande e Senzala:

*“Pouco antes de desaparecer, estupidamente dinamitada, a casa-grande de Megaípe, tive ocasião de recolher, entre os moradores dos arredores, histórias de assombrações ligadas ao velho solar do século XVII. Eram barulhos de louça que se ouviam na sala de jantar; risos alegres de dança na sala de visita; tilintar de espadas; ruge-ruge de sedas de mulher; luzes que se acendiam e se apagavam de repente por toda a casa; gemidos; rumor de correntes se arrastando; choro de menino; fantasmas do tipo cresce-míngua.”*

Entretanto, a Casa de Megaípe acabou sendo dinamitada por seu proprietário quando se iniciava o seu processo de tombamento, no ano de 1928.

Figura 10 - Casa-grande do Engenho Megaype de Baixo



Fonte: FUNDAJ

## Atividades

1 – O município do Jaboatão está dividido em várias regionais. Assinale abaixo a Regional onde você reside, estuda ou mais frequenta:

- ( ) Regional 1 – Jaboatão Centro                      ( ) Regional 5 – Prazeres  
( ) Regional 2 – Cavaleiro                            ( ) Regional 6 - Praias  
( ) Regional 3 – Curados                            ( ) Regional 7 - Guararapes  
( ) Regional 4 – Muribeca

2 – O município do Jaboatão dos Guararapes possui vários patrimônios culturais. Você conhece algum deles? Há algum Patrimônio próximo onde você mora? Qual?

---

---

3 – O Patrimônio Cultural é composto por bens de caráter material e bens de caráter imaterial. Classifique abaixo os bens culturais abaixo de acordo com seu tipo:

Maracatu – Igreja N.s dos Prazeres – Frevo – Bolo Souza Leão – Montes Guararapes – Ciranda – Coco de Roda – Engenho Santana – Capela do Loreto – Festa da Pitomba

Patrimônio Material	Patrimônio Imaterial

4 – **Tombamento** é o nome que se dá à preservação legal de bens do Patrimônio Material. Já a respeito dos bens do Patrimônio Imaterial, sua preservação legal se dá através do **Registro**. O Tombamento e o Registro podem ser a nível municipal, estadual e nacional. Pesquise no seu município um Bem Cultural que seja protegido a nível:

Nível de Preservação	Municipal	Estadual	Nacional
Tombados			
Registrados			



## 2- Jaboatão dos Guararapes; festividades e diversidade religiosa

## 2.1– A diversidade religiosa em Jaboatão dos Guararapes

Figura 11 - Gruta N.s de Lourdes na Colônia dos Padres



Fonte: Autor

Os dados do último censo do IBGE (2022) revelam que o município do Jaboatão dos Guararapes possuía uma população total de 643.759 habitantes. Dessa população, 44% se declararam seguidores do catolicismo, 35,2 % se declaram seguidores do protestantismo e uma população de 20,8% se declarou sem religião ou seguidores de religiões diferentes. Entre estes últimos podemos elencar a presença de espíritas, judeus, ciganos, ateus, agnósticos, seguidores de religiões orientais e seguidores de religiões afro-brasileiras.

A fé tem sido historicamente um grande motivador de viagens. Ao longo do tempo alguns santuários e templos foram se consolidando como locais de peregrinação, atraindo milhares de peregrinos, movimentando a economia e enriquecendo a cultura dos locais onde estão localizados. Conhecidos mundialmente são as peregrinações a São Tiago de La Compostela, na Espanha, ou ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil.

Figura 12 - Cruzeiro nos Montes Guararapes



Fonte: Autor

No município do Jaboatão dos Guararapes o turismo religioso possui muita força e tradição. Alguns templos, locais e santuários são importantes pela sua representatividade para a fé que representam ou pela longa tradição que carregam. Assim, o Turismo Religioso representa um fator importante da economia e da vida cultural do município.

## 2.2– A festividade religiosa como Patrimônio Cultural

Figura 13 - Benção do Jangadeiro na Praia de Piedade



Fonte: Página Pernambuco Arcaico

As celebrações e religiosas possuem grande valor para a formação da identidade local e regional. Com o território grande dentro da RMR, o município do Jaboatão é constituído por 7 regionais que possuem características geográficas e sociais diversificadas. Daí a necessidade de identificar a diversidade de celebrações religiosas, sua relação com as comunidades locais e sua importância para os grupos que as realizam. A importância das celebrações e manifestações religiosas como elemento integrante das identidades locais e como componente integrante do Patrimônio Imaterial é algo bastante reconhecido, sendo algumas delas protegidas e reconhecidas pela legislação nacional e estadual.

Há registros de celebrações católicas nas capelas dos primeiros engenhos da região desde o final do século XVI. Entre estas podemos destacar as festas de São João Batista (Engenho Bulhões), São José (Engenho Novo da Muribeca), São Bartolomeu, entre outras. Nas povoações eram realizadas as festas tradicionais dos padroeiros das localidades – Santo Amaro em Jaboatão e Nossa Senhora do Rosário em Muribeca – e nas capelas litorâneas as celebrações de suas respectivas devoções – N.S das Candeias em Candelária e Santo Antônio em Barra de Jangadas.

Figura 14 - Capela do Engenho Manassu



Fonte: Autor

A partir do século XVII, novas celebrações de origem cristã-católica iriam ser consolidadas na região. O recrudescimento das povoações, com o aumento populacional, notadamente da população escravizada, negra e de pardos livres, fez surgir a edificação de novos templos voltados para a devoção desses grupos étnicos. Assim, tanto em Jaboatão como na Muribeca, foram levantadas igrejas voltadas para o culto a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e para Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos, mantidos por suas respectivas irmandades. Estes templos ficavam situados geralmente na mesma rua do templo matriz da localidade, mas em posição de relevo inferior ao anterior, refletindo assim a posição de inferioridade social e racial dos negros e pardos no Brasil Colônia.

Figura 15 e 16 - Ruínas da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Muribeca



**Fonte: Autor**

Com a vitória conquistada contra os holandeses nas duas Batalhas dos Guararapes (1648 e 1649), o general Francisco Barreto de Menezes mandou levantar no local uma igreja devotada à Nossa Senhora dos Prazeres. A pequena ermida, construída em 1656, seria ampliada e reformada nas décadas posteriores até adquirir as configurações atuais, no final do século XVIII. No templo, logo após a sua construção, passou a ser realizada a tradicional Festa de Nossa Senhora dos Prazeres, também conhecida como Festa da Pitomba.

### **Você Sabia?**

A Festa de Nossa Senhora dos Prazeres, mais conhecida como Festa da Pitomba, vem sendo realizada desde o ano de 1656. Foi reconhecida em 2009 como Patrimônio Cultural do Estado de Pernambuco.

Os cultos afro-brasileiros estiveram presentes no território do Jaboatão dos Guararapes desde o início do período colonial. Graça à presença de um grande número de escravizados africanos, as manifestações de origem africanas tiveram presença marcante na região. Entretanto, devido às proibições que eram impostas aos seguidores de credos não católicos, especialmente

das religiões de origem indígena e africanas, os devotos tiveram que muitas vezes camuflar o culto aos orixás sob a aparência de celebrações e práticas do cristianismo, para assim preservar

suas tradições. Daí o fato de muitas celebrações e culto aos orixás coincidirem em datas com celebrações de santos católicos. Mesmo com o advento da República e da separação entre Igreja e Estado (estado Laico), as religiões de origem afro-brasileiras foram intensamente perseguidas, principalmente durante a República Velha e durante a Era Vargas. Os denominados “xangôs”

### **Você Sabia?**

Segundo a Associação de Terreiros de Pernambuco, o município do Jaboatão dos Guararapes é aquele que possui o maior número de terreiros de umbanda, candomblé e de jurema no estado.

aconteciam em casas, bairros e comunidades da periferia, geralmente localizadas nos morros e comunidades das cidades, sendo alvo constantes das denúncias e perseguições policiais. Apesar dessas perseguições, os terreiros resistiam, transmitindo seus credos, crenças, costumes e tradições para as gerações seguintes.

16 - Festa de Oxum em Jaboatão Centro



Fonte: IHJ

O protestantismo chega em Pernambuco inicialmente durante o breve período da Invasão Holandesa. Entretanto, somente no final do século XIX, ainda no período do Segundo Reinado, é que o protestantismo vem a se consolidar em Pernambuco, chegando no Recife com a vinda de missionários da região sul e sudeste do Brasil, como também de outros países, como os Estados Unidos.

Em Jaboatão dos Guararapes, a presença de cristãos protestantes ou evangélicos já se fazia presente desde pelo menos a última década do século XIX. O protestantismo em Jaboatão teve advento em 1890, com a chegada dos congregacionalistas. Nas décadas seguintes já se faziam presentes outros grupos: batistas e presbiterianos. O bairro de “Colônia”, onde se situavam os lotes nº 1, 2 e 3 da Colônia Suassuna (atualmente chamado de São José ou Padre Roma) pode ser considerado o berço do protestantismo de Jaboatão, pois ali foi onde surgiram as primeiras igrejas e congregações evangélicas da cidade.

17 - Templo da Igreja Evangélica Congregacional, a primeira do município.



Fonte: Autor

Atualmente, o município do Jaboatão dos Guararapes conta com uma população de mais de 35,2% que se intitularam evangélicos, de acordo com o censo de 2022. A denominação com maior número de fiéis é a Assembleia de Deus, com mais de 60 mil membros, seguidos pela Igreja Universal, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Batista, Deus é Amor, presbiterianos, pentecostais, neopentecostais, etc.

### **Você Sabia?**

A primeira Igreja Protestante de Jaboatão foi a Igreja Congregacional. Segundo fontes históricas sua primeira congregação foi fundada no ano de 1891, no Lote nº 2 da Colônia Suassuna em Jaboatão Centro.

Graças a essa diversidade de denominações, existe um número variado de celebrações religiosas comemoradas por esses grupos. As principais são as festas da Páscoa e do Natal, comemorada na maioria das igrejas. Algumas denominações também comemoram o Dia da Bíblia, celebrado no segundo domingo de

dezembro, o dia da Escola Dominical, comemorado em 18 de setembro, e o Dia de Ações de Graças comemorado em 1º de Janeiro. Vale destacar que o município do Jaboatão reconheceu a Música Gospel, pela Lei municipal 1.517/2022, e os Círculos de Oração da Assembleia de Deus, pela Lei Municipal 008/2019, como Patrimônio Cultural Imaterial da cidade.

## 2.3– Principais Festas Religiosas de Jaboatão dos Guararapes

18 - Procissão da Festa de Santo Amaro em Jaboatão



Fonte: Prefeitura Municipal do Jaboatão dos Guararapes

Em Jaboatão dos Guararapes podemos identificar várias celebrações religiosas de diversas matizes: Festa de São Sebastião (Cavaleiro e Jaboatão Centro), Festa de Nossa Senhora de Lourdes (Cavaleiro), Festa de N.S do Socorro, Festa de Iemanjá (Praia de Barra de Jangadas), Festa de Oxum (Jaboatão Centro), Festa de Ação de Graças (Prazeres) etc. Dentro da tradição católica, as festas religiosas mais importantes são a Festa de Santo Amaro, padroeiro da cidade, a Festa do Rosário da Muribeca, a Festa de Nossa Senhora das Candeias, do Loreto e da Piedade, na região das praias. Merece ser destacada a Festa da Pitomba ou de Nossa Senhora dos Prazeres, registrada como Patrimônio Imaterial pelo estado, considerada uma das tradições mais importantes não apenas de Jaboatão, mas também do Estado de Pernambuco.

### **Celebrações de origem Católicas**

**Festa de N.S dos Prazeres** – Mais conhecida popularmente como Festa da Pitomba, a Festa de N.s dos Prazeres ocorre na primeira semana após o domingo de Páscoa, tendo duração de dez dias. Os festejos tiveram sua primeira edição no ano de 1657, em comemoração às vitórias alcançadas contra os holandeses, nas duas Batalhas dos Guararapes. Teve início após a construção da Primitiva Igreja de N.S dos Prazeres pelo General Barreto de Menezes, nos Montes Guararapes. No ano de 2024 estará, portanto em sua 367ª edição, sendo uma das celebrações religiosas mais tradicionais não somente do município, mas também de todo o Brasil.

A Festa da Pitomba recebeu essa denominação devido ao fato de acontecer justamente no período da safra dessa fruta. Os festejos contam com a parte religiosa, com a celebração de missas, procissões e pagamentos de promessas feitas pelos fiéis. Já a parte profana conta com a realização de shows, apresentações culturais, feira de artesanato, comidas típicas, etc. A Festa

de N.S dos Prazeres é registrada como Patrimônio Imaterial do estado e integra o Calendário Cultural de Pernambuco.

19 - Festa da Pitomba em Prazeres, Jaboatão



Fonte: IBGE

**Festa de Santo Amaro** – Ocorre no mês de janeiro, a partir do dia 06, tendo culminância no dia 15. É uma das festividades mais antigas e tradicionais do município, sendo realizada em Jaboatão Centro. A Festa de Santo Amaro conta com as celebrações religiosas com missas e procissões que partem das capelas filiais localizadas na cidade. A parte profana conta com exibição de shows artísticos, apresentações culturais e feira regional. Santo Amaro é o padroeiro oficial da Cidade do Jaboatão dos Guararapes, e sua festa esteve na sua 426ª edição em 2024.

**Festa de Nossa Senhora de Lourdes** – É a festa da padroeira do distrito de Cavaleiro. Acontece no mês de fevereiro, com duração de uma semana. O evento conta com a celebração de missa solene e procissão, na parte religiosa, e apresentações culturais na parte profana. A Festa de Nossa Senhora de Lourdes reúne milhares de fiéis todos os anos, estando em sua 66ª edição em 2024.

20 - Festa de N.s de Lourdes, em Cavaleiro



Fonte: Prefeitura Municipal do Jaboatão dos Guararapes

**Festa de Nossa Senhora do Rosário da Muribeca** – A festa da padroeira de Muribeca é realizada todos os anos na segunda semana do mês de outubro. A celebração ocorre no período de uma semana com missas e procissões solenes nas capelas filiais da paróquia e no templo matriz. A parte profana conta com exposições de grupos culturais e shows artísticos. A festa do Rosário da Muribeca estará em sua 426ª edição, em 2024.

**Festa de Nossa Senhora das Candeias** – Era celebrada originalmente na primeira Igreja de N.S das Candeias, datada do período colonial e destruída pelo avanço do mar. A atual celebração ocorre do final de janeiro até o início de fevereiro com missas, louvores e procissão pelo bairro. Estará em sua 40ª edição, no ano de 2024.

**Festa do Sagrado Coração de Jesus** – É celebrada pela paróquia do Distrito de Curado. Acontece na 3ª semana do mês de outubro, geralmente possuindo 10 dias de duração. O evento conta com missa solene, hasteamento de bandeira e procissão pelas ruas do distrito. Em 2024 estará em sua 42ª edição.

21 - Igreja Matriz do Sagrado Coração no Curado II



Fonte: Autor

**Festa de Nossa Senhora do Loreto** – É comemorada no mês de dezembro com mais de uma semana de duração. A celebração conta com missas e apresentações culturais, estando em sua 364ª edição, no ano de 2024.

**Outras celebrações Católicas:** Festa de São Sebastião, celebrada em 20 de janeiro nos bairros de Cavaleiro e do Lote 92; Festa de N.s do Carmo, comemorada no mês de julho em Prazeres; Festa de Santa Terezinha, no dia 2 de outubro, em Engenho Velho; Festa de São José, no dia 19 de março, no Alto da Colina (Cavaleiro) e Padre Roma (Jaboatão Centro); festa de N.s do Perpétuo Socorro, celebrada em 27 de junho; Festa de São Pedro, no dia 29 de junho, em Santo Aleixo; etc.

## Celebrações de Origem Afro-brasileiras

O município do Jaboatão dos Guararapes é a cidade do estado que mais possui terreiros de religiões afro-brasileiras no estado de Pernambuco. Distribuídos pelos diversos bairros e distritos do município, a religião remonta aos tempos da escravidão quando os africanos e seus descendentes buscavam preservar suas tradições, apesar do predomínio da Religião Católica. Daí a existência do sincretismo religioso, quando as celebrações e cultos aos orixás coincidiam com o calendário dos santos católicos.

Dois são as comemorações mais importantes do calendário afro-brasileiro no município: A Festa de Oxum e a Festa de Iemanjá. A primeira ocorre em julho, mesmo dia de Nossa Senhora do Carmo, e a segunda em dezembro, mesmo dia de Nossa Senhora da Conceição, devido ao sincretismo.

**Festa de Oxum** – Acontece no dia 16 de julho, em Jaboatão Centro. Na ocasião são realizadas oferendas no banho do Batoré, no rio Jaboatão, no bairro da Vila Rica. O evento reúne centenas de pessoas, contando com a realização de cantos e danças tradicionais, apresentações culturais, comidas típicas e homenagens.

**Festa de Iemanjá** – Acontece no dia 08 de dezembro na Praia de Barra de Jangadas, junto à imagem de Iemanjá. O evento conta com a participação de vários terreiros do município e do estado. Na ocasião são realizadas várias apresentações de grupos culturais, como Maracatu, Coco, Ciranda e Cavalo Marinho, bem como de grupos musicais. São realizadas também palestras sobre a Cultura afro-brasileira, exposições temáticas e comidas típicas de terreiro. O ponto auge da celebração ocorre com a entrega das oferendas no mar. A Festa de Iemanjá integra o calendário cultural do estado e está em processo de registro como Patrimônio Imaterial de Pernambuco.

22 - Festa de Iemanjá na Praia de Barra de Jangadas



Fonte: Projeto Orixamar

## Celebrações de Origem Protestantes

A Religião evangélica possui grande importância no município do Jaboatão dos Guararapes, abrangendo cerca de 35% da população municipal. Os evangélicos ou protestantes estão distribuídos em vários grupos e denominações, sendo os mais importantes a Assembleia de Deus, a Igreja Batista, Congregacionais, Presbiterianos, Universal do Reino de Deus, Igreja Deus é Amor, o Brasil para Cristo, entre outros.

As festas de Páscoa, Natal e Ano Novo são as celebrações mais comemoradas entre os evangélicos. Algumas igrejas, porém, possuem seu próprio calendário de comemorações. A igreja Assembleia de Deus, com maior número de fiéis no município, costuma celebrar o aniversário de suas reuniões – Círculo de Oração, Mocidade, Escola Dominical, etc – em datas que variam de acordo com suas congregações. Outras denominações costumam comemorar a data de fundação de suas igrejas, como os batistas e congregacionais.

A partir do ano de 2018, o município do Jaboatão dos Guararapes passou a incluir em seu aniversário o dia de ação de Graças. Comemorado no dia 01 de janeiro, o evento passou a ser realizado todos os anos no Memorial Miguel Arraes, em Prazeres.

**Dia de Ação de Graças** – Ocorre no dia 1 de janeiro de todo ano. Esta data foi a primeira celebração de origem evangélica a ser reconhecida dentro do calendário oficial do município. O evento foi incluído no calendário oficial a partir do ano de 2017 sendo celebrado pela primeira vez em 2018. A celebração ocorre no espaço Cultural Miguel Arraes, em Prazeres, e conta com a presença de pastores e cantores evangélicos.

23 - Festa de ações de Graças em Prazeres



Fonte: Prefeitura Municipal do Jaboatão dos Guararapes

**Dia da Escola Dominical** – Esta celebração é comemorada por algumas denominações evangélicas do município, notadamente assembleianos, batistas e outros grupos. Tem sua comemoração no dia 18 de setembro, sendo muitas vezes transferidas para algum domingo próximo a essa data. A Escola Dominical consiste numa atividade de ensino e educação confessional que ocorre dentro das igrejas e que teve início no Brasil ainda no século XIX, sendo praticada por várias igrejas e denominações.

**Dia da Bíblia** – É comemorado no segundo domingo de dezembro em muitos grupos protestantes, tanto pentecostais como não pentecostais. Alguns grupos realizam eventos externos, ou seja, fora dos templos com cultos, pregações, louvores e atividades ao ar livre. O evento enfatiza a importância da Bíblia como um livro sagrado para os seguidores do protestantismo.

24 - Praça da Bíblia no Curado II



Fonte: Autor

**Dia do Círculo de Oração** – Foram reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial do município do Jaboatão dos Guararapes os Círculos de Oração da Assembleia de Deus, pela Lei Municipal nº 008/2019. A mesma legislação incluiu o dia 3 de abril como dia do Círculo de Oração, sendo celebrado em vários templos e congregações da igreja distribuídos pelo município.

25 - Templo Matriz da Assembleia de Deus em Jaboatão Centro



Fonte: Autor

## Atividades

1 – A respeito da diversidade religiosa do município do Jaboatão dos Guararapes assinale a alternativa CORRETA:

- a) O município possui uma certa homogeneidade religiosa, sendo o catolicismo a única religião dominante.
- b) O município possui uma grande diversidade religiosa com a presença de católicos, evangélicos, espíritas e vários outros segmentos religiosos.
- c) O município não possui minorias religiosas importantes tais como judeus, mórmons ou seguidores das religiões afrodescendentes.
- d) Apesar de grande e diversificado, as tradições religiosas não tiveram muito impacto na formação do município do Jaboatão dos Guararapes

2 – Complete de acordo com a religião presente no município do Jaboatão dos Guararapes:

( ) Foi a primeira religião trazidas pelos colonizadores portugueses desde o início do período colonial.

( ) Foi herança dos povos africanos escravizados e trazidos para o Brasil, sofrendo um processo de intensa discriminação ao longo do tempo.

( ) Foi trazida da Europa e dos EUA no final do século XIX, sendo os batistas, presbiterianos e congregacionalistas os primeiros grupos a surgir em Jaboatão.

1 – Protestantismo

2 – Catolicismo

3 – Religiões Afrobrasileiras

3 – Identifique abaixo alguns templos, monumentos e locais de culto presentes no município do Jaboatão dos Guararapes:

**Praça da Bíblia – Estátua de Iemanjá – Monumento N.s das Graças – Igreja N.s da Piedade**



a) \_\_\_\_\_



c) \_\_\_\_\_



b) \_\_\_\_\_



d) \_\_\_\_\_

4 – Identifique a Festa Religiosa presente no município do Jaboatão dos Guararapes de acordo com sua descrição abaixo:

**Festa de Santo Amaro – Festa de Oxum – Festa de Ns dos Prazeres – Dia de Ação de Graças**



a) \_\_\_\_\_ Ocorre no mês de Janeiro com culminância no dia 15.



b) \_\_\_\_\_ ocorre no dia 1º de Janeiro no Memorial Miguel Arraes



c) \_\_\_\_\_ ocorre no mês de julho com deposição de oferendas no Rio Jaboatão



d) \_\_\_\_\_ ocorre em comemoração pela expulsão dos holandeses nos Montes Guararapes.

5° - Pesquise que outras festividades religiosas acontecem no seu bairro, comunidade ou Regional onde você mora. Qual segmento religioso pertence esta celebração? A festividade possui algum reconhecimento oficial como Patrimônio ou está inserida no calendário Oficial do município?

---

---

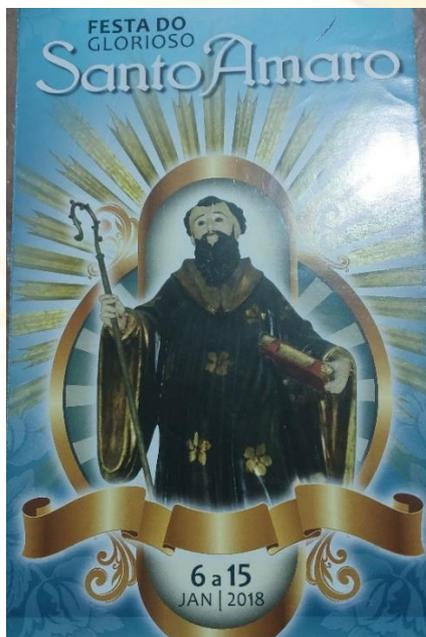
---

### 3- Santo Amaro de Jabotão e sua festa



### 3.1– A devoção à Santo Amaro e sua origem

26 - Imagem de Santo Amaro de Jaboatão



Fonte: Autor

Entre os santos mais devotados pelos portugueses, cuja veneração foi trazida para o Brasil, está Santo Amaro ou São Mauro. Afirma a tradição católica que Amaro era um jovem romano que viveu no século V, cujos pais eram de família nobre, tendo sido entregue para ser educado por São Bento. Tudo que se sabe sobre Santo Amaro está escrito apenas em dois trechos do livro Vida de São Bento, de São Gregório Magno. Na obra, Santo Amaro é descrito como tendo realizado o milagre de “andar sobre as águas” ao salvar um menino de afogamento, a pedido do próprio São Bento. Monge discípulo de São Bento, Santo Amaro é considerado um dos fundadores da ordem dos Beneditinos, tendo fundado o primeiro mosteiro da ordem em Granfeuil do Anjou, na França. Faleceu em 15 de janeiro de 567, aos 72 anos de idade, sendo por isso sua festa comemorada pela Igreja Católica nessa data.

No Brasil, a devoção a Santo Amaro se fez presente desde o primeiro século de colonização portuguesa no Brasil. Desde o início, a devoção ao santo batizou várias localidades do Brasil Colônia: Capitania de Santo Amaro, povoação de Santo Amaro no Recôncavo Baiano, Santo Amaro do Maranhão, Santo Amaro de São Paulo, Santo Amaro do Sul, no Rio Grande, etc. Em Pernambuco, além de Santo Amaro de Jaboatão, são bastante conhecidas as devoções a Santo Amaro das Salinas, no bairro homônimo, no Recife, Santo Amaro de Serinhaém e Santo Amaro de Taquaritinga do Norte. Embora sua devoção não seja tão popular quanto São João ou São José, o culto ao santo pode figurar entre os mais devotados do estado de Pernambuco.

## 3.2 - Santo Amaro e a origem de Jaboatão

27 - Igreja Matriz de Santo Amaro em Jaboatão Centro



Fonte: Autor

A história da devoção a Santo Amaro em Jaboatão está intrinsecamente ligada às origens da cidade. A tradição histórica pernambucana afirma que as origens da povoação de Jaboatão estão no Engenho São João Batista, localizado nas margens do Rio Jaboatão. O Engenho São João Batista tem origem na sesmaria de Gaspar Alves Pugas, doada no ano de 1566, que possuía uma légua de terras em quadro nas margens do Rio Jaboatão, seguindo o modelo da maioria das sesmarias da região.

Provavelmente levantado na década de 1570, o Engenho São João Batista já safrejava no ano de 1575. Em 1584, o engenho é vendido para Pedro Dias da Fonseca que novamente vende a propriedade para o terceiro proprietário, Bento Luís de Figueirôa. Este último adquiriu o engenho por escritura pública lavrada na Vila de Olinda, em 4 de maio de 1593, juntamente com sua mulher, Dona Maria Feijó. Segundo Pereira da Costa e Sebastião Galvão, após adquirir a propriedade, Bento Luís de Figueirôa e sua esposa incentivaram o povoamento da localidade, dando origem assim à povoação de Jaboatão, erguida junto à confluência dos rios Jaboatão e Duas Unas.

Em virtude do incentivo recebido, não demorou para que a povoação crescesse, sendo-lhes necessário a construção de uma igreja ou capela, para atender aos ofícios religiosos da população local. Assim, como benfeitores da localidade, vem novamente Bento Luís de Figueirôa e sua esposa Dona Maria Feijó a doarem o terreno e os recursos necessários para a construção do templo. Surge assim, naquela última década do século XVI, a primeira igreja de Santo Amaro, padroeiro de Jaboatão, escolhido possivelmente em virtude da devoção particular de seus benfeitores.

Construída, portanto, em fins do século XVI, a Igreja de Santo Amaro de Jaboatão viria a adquirir o status de paróquia e sede da freguesia, ainda na década de 1590. Assim, em virtude da visita à Capitania de Pernambuco do então bispo do Brasil, Dom Antônio Barreiros, a Igreja de Santo Amaro de Jaboatão é elevada à condição de matriz da paróquia, tornando-se assim

sede da freguesia no ano de 1598. O primeiro vigário de Santo Amaro foi o padre Antônio André, sendo seu coadjutor o Padre Domingos Madeira.

28 - Interior da Nave da Igreja Matriz de Santo Amaro



Fonte: Autor

A Igreja e a devoção a Santo Amaro na localidade sobreviveram ao período da Invasão Holandesa. Todavia, no final do século XVII, o templo se encontrava bastante arruinado. Tudo indica que a localização dessa primitiva Igreja de Santo Amaro fosse bastante diversa da atual, localizada em área afastada da povoação e mais próxima da sede do Engenho São João Batista, agora denominado de Engenho Bulhões. Esses fatores levaram o pároco da época, Padre Adriano de Almeida, construir uma nova igreja, situada na localização atual, na eminência de um morro ao norte da povoação, como veio de fato a ser executado em 1691.

### **Você Sabia?**

A primeira Igreja Matriz de Santo Amaro de Jaboatão ficava em local diferente do atual. As fontes históricas indicam que sua situação era próxima ao Engenho Bulhões, atual Usina Bulhões, em um local atualmente desconhecido.

29 - Altar-mor de Santo Amaro de Jaboatão



Fonte: Autor

### 3.3– Festa de Santo Amaro, sua origem e personalidades

30 - Festa de Santo Amaro no ano de 1921



**Fonte: Instituto Histórico do Jaboatão**

A Festa de Santo Amaro de Jaboatão vem sendo celebrada desde a fundação de sua igreja, na última década do século XVI. Neste ano de 2024 esteve em sua 426ª edição oficial, sendo, portanto, uma das mais antigas do município e do estado de Pernambuco. Todavia, somente a partir do século XIX é que se encontram fontes mais detalhadas sobre a festividade, como será visto a seguir.

O primeiro relato histórico a respeito da Festa de Santo Amaro de Jaboatão vem de meados do século XIX. Em matéria intitulada “*Viagem descritiva de Recife a Santo Amaro – Jaboatão em 23 de janeiro de 1855*”, o sr. M.P. de Moraes Pinheiro descreveu uma visita ao povoado de Jaboatão, durante a realização da Festa de Santo Amaro daquele ano. Publicada no jornal Diário de Pernambuco, em 31 de janeiro de 1855, assim descreve sua visita (Pinheiro, 1855):

*“Subimos a encosta do monte, em cujo cume se erguem as alvas paredes do templo de Santo Amaro: numerosas cabeças rodeavam a vasta praça em frente do templo: os panos de cores variadas e vivas, dos homens, mulheres e meninos, as sombras, os raios do sol, a natureza vestida de galas, animava o quadro e despertava o mais insípido indiferente.*

*O interior do templo com as muralhas simples como a natureza que o cercava, com as tribunas e corpo do templo, povoado por milhares de cristãos do campo e da cidade; o ar fresco, o balanço dos cafezeiros e laranjeiras em flor, a música algumas vezes terna, saudosa, outras vezes viva e delirante, os olhos das virgens dos campos alçados sem afeição para os altares, ou volvidos para o céu com toda a ingenuidade de suas almas puras”.*

(Moraes Pinheiro, Diário de Pernambuco, 31 de janeiro de 1855)

No início do século XX, a Festa de Santo Amaro continuava a ser uma festa de expressão não apenas local, mas também regional. A Festa movimentava não apenas a denominada Rua de Cima, principal logradouro onde se situa a Igreja Matriz, mas também as ruas e logradouros vizinhos – Rua Bernardo Vieira de Melo, Ladeira da Macaíba, Praça N.s do Rosário, etc. Nos dias de festa, estas artérias principais e adjacentes ficavam ocupadas por barracas de vendas, onde eram comercializados comidas típicas, artigos religiosos, brinquedos infantis, artesanatos, entre outros produtos.

31 - Barraquinhas montadas para a Festa do Padroeiro em 1928



Fonte: IHJ

Não é possível falar da Festa de Santo Amaro de Jaboatão sem mencionar a figura do Padre Chromácio Leão. Nascido em Canguaretama, no Rio Grande do Norte, tomou posse como vigário da paróquia de Jaboatão no ano de 1912, substituindo o Padre José Pedrosa que sofria de problemas de saúde. Ao assumir a paróquia, tomou várias medidas para restabelecer a frequências às missas e renovar o fervor religioso dos fiéis. Juntou esforços para reformar a igreja matriz, que estava em precário estado, bem como para construir a Torre sineira do lado oeste. Foi ele quem instituiu a Festa de São Sebastião, comemorada no dia 20 de janeiro, em agradecimento pelo fim do surto de varíola que assolava a cidade.

### **Você Sabia?**

As duas torres da Igreja Matriz de Santo Amaro de Jaboatão são assimétricas. Isto mesmo elas possuem tamanhos diferentes, sendo a torre do lado leste mais estreita que a do lado oeste. Isto ocorreu por uma falha de cálculo na construção da Torre Oeste, no ano de 1920.

Como é possível constatar, a partir da descrição acima, a Festa de Santo Amaro não ficava reduzida a realização de procissões e missas. O evento contemplava a exibição de retetas musicais, hasteamento de bandeiras, cantos corais, sermões de oradores especialmente convidados e apresentações de grupos folclóricos. Entre os grupos folclóricos, destaque para o bumba-meu-boi, o

mamulengo, os guerreiros (caboclinhos) e pastoris (profanos). Estes últimos não eram permitidos a sua exibição na Rua de Cima, a principal do evento, mas acabavam sendo exibidos na parte baixa da cidade, por trás do Mercado Público, por serem os pastoris profanos considerados “imorais” para a sociedade da época.

Vale ressaltar também a participação feminina na organização da Festa de Santo Amaro. Isto porque muitas mulheres devotas participavam ativamente não apenas durante a realização do evento, mas notadamente durante sua organização. Entre as principais personagens femininas da Festa estavam as figuras de Dona Cila (Cecília Brandão) e Penina (Maria Olímpia Brandão), duas irmãs residentes na primeira casa da Rua de Cima. As duas irmãs, pertencentes à família Brandão, participavam de todas as etapas da organização da festa: confecção de vestimentas, ornamentação da igreja, na preparação da imagem do santo para a procissão, na composição de hinos sacros, etc. Outras mulheres participavam também nos cantos corais ou solos do evento: Leonor Barreto, Amélia Teixeira, Amélia Brandão, Lourdes Figueirôa, Maria Adelaide Marques, Iracema Batista, entre outras.

32 - A procissão enchendo a Rua de Cima em 1921



Fonte: IHJ

A culminância da Festa tinha início no final da tarde do dia 15, com a procissão final. Tinha esta última início no próprio templo matriz de Santo Amaro, na Rua de Cima, descendo o cortejo pela Ladeira da Macaíba até a Avenida Barão de Lucena. Daí seguiu até a Praça Dantas Barreto (atual Praça do metrô), de onde voltava pela Rua Visconde do Rio Branco até novamente a Ladeira da Macaíba, seguindo novamente para a Rua de Santo Amaro. A solenidade final ocorria após a exposição do andor no lado direito da Capela-mor. Seguiu-se a celebração final, com missas, bênçãos sacerdotais e cantos sacros. Era assim a realização da Festa do Padroeiro de Jaboatão até a morte do Padre Chromácio Leão, no início da década de 1950.

## Atividades

1 – Compare as duas imagens abaixo da Rua de Santo Amaro. A primeira datada de 1929 e a segunda datada de 2019:



A) Que elementos da paisagem você consegue identificar na primeira imagem que não permaneceram na segunda?

---

B) Quais elementos da paisagem de 1929 ainda permaneceram em 2019?

---

C) Que outras mudanças e permanências você conseguiu identificar nessas imagens?

---

2 – Relacione algumas personalidades que fizeram parte da história da Festa de Santo Amaro com suas biografias:

A) Tia Amélia (Amélia Brandão)



( ) Foi músico e sacerdote. Ficou à frente da paróquia de Jaboatão entre 1912 e 1951. Foi responsável pela criação da Banda Paroquial que se exibia todos os anos pela Festa de Santo Amaro.

B) Benedito da Cunha Melo



( ) Era compositora, cantora e pianista. Frequentou a Festa de Santo Amaro onde encantava as multidões com suas melodias. Depois percorreu o Brasil levando suas composições pelo mundo afora.

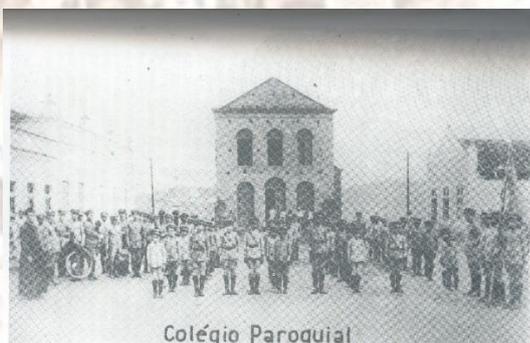
C) Padre Chromácio Leão



( ) Poeta nascido em Goiana mas que viveu boa parte de sua vida em Jaboatão. Foi o autor da letra do Hino de Jaboatão e do Hino de Santo Amaro, até hoje utilizado pelos fiéis na Festa do padroeiro.

3 – Na Rua de Santo Amaro existiu uma antiga Igreja construída pelos escravizados da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, em meados do século XIX, e que foi transformada em sede da Banda Paroquial pelo Padre Chromácio Leão. O templo foi demolido em 1951 para dar lugar ao trânsito. Faça uma pesquisa na internet ou junto aos seus pais sobre outros prédios históricos existiram em Jaboatão e que também acabaram sendo demolidos.

33 - Banda Paroquial em frente à Igreja dos Homens Pretos



Fonte: IHJ

## Referências

- ASSUNÇÃO, Paulo de. **O patrimônio**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Educação Patrimonial e ensino de História: Registro, Vivências e Proposições**. In BARROSO, V.L.M et al. (Orgs.) *Ensino de História: Desafios Contemporâneos*. Porto Alegre: EST: Exclamação: Anpuh:RS, 2010.
- BORBA, Fernando de Barros. **Pernambuco Patrimônio Cultural de todos**. Recife: Fundarpe, 1998.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo, Aleph, 2002.
- DODEBEI, Vera e ABREU, Regina. (orgs.) **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.
- FIAM. **Plano de preservação de sítios históricos da Região Metropolitana do Recife**. Recife: FIAM, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 10a ed., 2003, p.81.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- FUNDAÇÃO YAPOATAM. **Jaboatão: histórias, memórias e imagens**. Jaboaão dos Guararapes: Fundação YAPOATAM, 1996. VLS 1 e 2.
- HARTOG, François. **Tempo e patrimônio**. In: *Vária História*. Belo Horizonte, vol. 22, nº 36. Jul/Dez 2006. p. 261-273.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- GRUNBERG, Evelina. **Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **História, Memória e Patrimônio**. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, v. 34, p. 91-111, 2012.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial: Inventários Participativos**. Manual de Aplicação Brasília-DF: IPHAN, 2016.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. IPHAN, 2014.
- LEMONS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LIMA, James Davidson. **Memórias Destruídas**. Recife: CEPE, 2012.
- MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. **Patrimônio, Identidade, Cidadania: reflexões sobre educação patrimonial**. In BARROSO, V.L.M et

al.(Orgs.) *Ensino de História: Desafios Contemporâneos*. Porto Alegre: Exclamação: Anpuh-RS, 2010

MERILLAS, Olaia Fontal. **La Educación Patrimonial: de la rentabilidad social a la rentabilidade identitaria**. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). *Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial*. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015, p. 33-46

MILET, Vera. **A Teimosia das Pedras - Um Estudo sobre a preservação do Patrimônio ambiental no Brasil**. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1980.

**Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais**. Recife: Fundarpe, 2009.

PINTO, Helena. **Os centros Históricos como laboratórios de Educação Histórica e Patrimonial**. *Revista História Hoje*, v.5, n. 09, p. 49-75, 2016

SCIFONI, Simone **Para repensar a Educação Patrimonial**. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). *Cadernos do Patrimônio Cultural: Educação Patrimonial*. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015. p. 2-30 e 195-206.

VELOSO, Van-Hoeven Ferreira. **Jaboatão dos meus avós**. Recife: FIAM, 1984.

### Calendário Festivo-Religioso de Jaboaão dos Guararapes

<b>Janeiro</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Mai</b>	<b>Junho</b>
<p>1 – Dia de Ação de Graças (Prazeres) 6 – Dia de Reis 14 - Oxalá 15 – Santo Amaro (Jaboaão Centro) 20 – São Sebastião (Centro, Cavaleiro, Colônia dos padres) 20 - Oxóssi 25 – Senhor do Bonfim (Cajueiro Seco)</p>	<p>2 – N.s das Candeias (Candeias) Carnaval (data móvel) 11 – N.s de Lourdes (Cavaleiro)</p>	<p>19 – São José (Centro, Jardim Muribeca, vários lugares) 21 – Dia Nacional do Candoblé 23 - Purim 25 – São Dimas (Porta Larga)</p>	<p>Páscoa (Data móvel) N.s dos Prazeres (Data móvel) Prazeres 19 – Santo Expedito (Vila Rica) 23 - Ogum</p>	<p>1– Aniversário de Jaboaão dos Guararapes 6 – Bom Pastor (Curcuranas, Cajueiro Seco) 13 – N.s de Fátima (UR 11) 24 – N.s Auxiliadora (Colônia dos Padres, Vila Rica) 30 – Santa Joana D’arc (Dois Carneiros)</p>	<p>Shavout – Festa das Colheitas (data móvel) 12 – Santo Antônio (Prazeres) 13 - Xangô 16 – Sagrado Coração de Jesus (Curado II, Manassu) 24 – São João Batista (Comportas, Sotave) 29 – São Pedro Apóstolo (Santo Aleixo)</p>
<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>	<b>Setembro</b>	<b>Outubro</b>	<b>Novembro</b>	<b>Dezembro</b>
<p>16 – N.s do Carmo (Cajueiro Seco, Socorro, UR6) 16 - Oxum 26 – Santana (Engenho Santana)</p>	<p>21- São Pio X (Cajueiro Seco)</p>	<p>7 – Independência do Brasil 15 – N.s da Piedade (Piedade, Vila Piedade) 18 – Dia da Escola Dominical 21 – N.s do Socorro (Socorro, Marcus Freire) 27 – São Vicente de Paulo (Santo Aleixo) 29 – São Miguel Arcanjo (Marcus Freire) 30 – Dia da Bíblia Católica Yom Kipur (Data móvel)</p>	<p>1 – Santa Terezinha (Eng.Velho, Conj.Muribeca) 4 – São Francisco de Assis (Cajueiro Seco) 7 - N.s do Rosário (Muribeca, Centro, Rio das Velhas) 12- N.s Aparecida (Vila Rica, Curcuranas) 16 – Sucot (Festa das Cabanas) Rosh Hashaná (Data móvel) 31 – Dia da Consciência Evangélica</p>	<p>19 – N.S. do Livramento (Centro) 20 – Dia da Consciência Negra 27 – N.s das Graças (Socorro, Conjunto Muribeca, Curado IV) 30 – Dia Nacional do Evangélico</p>	<p>4 - Iansã 8 – N.s da Conceição (Jardim Jordão, Curado I, várias localidades) 8 – Dia de Iemanjá Dia da Bíblia (2º domingo do mês) 10 – N.s do Loreto (Piedade) 13 – Santa Luzia (Curado III, Corveta) 25 – Natal 25 - Chanucá</p>

## Hino de Santo Amaro

Letra: Benedito da Cunha Melo

Música do Padre Chromácio Leão

Lá de um cimo velando a cidade  
Tua velha matriz sempre em pé,  
Conta mais de cem anos de idade,  
Vive mais de cem anos de fé.

Santo Amaro, que és meu Padroeiro  
Fale aos céus de Jaboatão – a clamar –  
Faze d'alma da gente um braseiro  
Mas, de Amor; para Deus mais amar! (bis)

Ao mar bravo estuante, fremente,  
Uma vida correste a salvar  
Foste o Santo que, a Deus obediente,  
Pés enxutos, andou sobre o mar:

Ei-lo ao mastro, subindo de novo  
Entre palmas e vivas – ardor!  
É a tua bandeira, é teu povo  
Que te vem tributar mais amor:

Abençoa esta terra, que é tua  
Desde os altos às várzeas, além...  
Quer no morro, no campo ou na rua  
Uma só fé em todos. Amém!